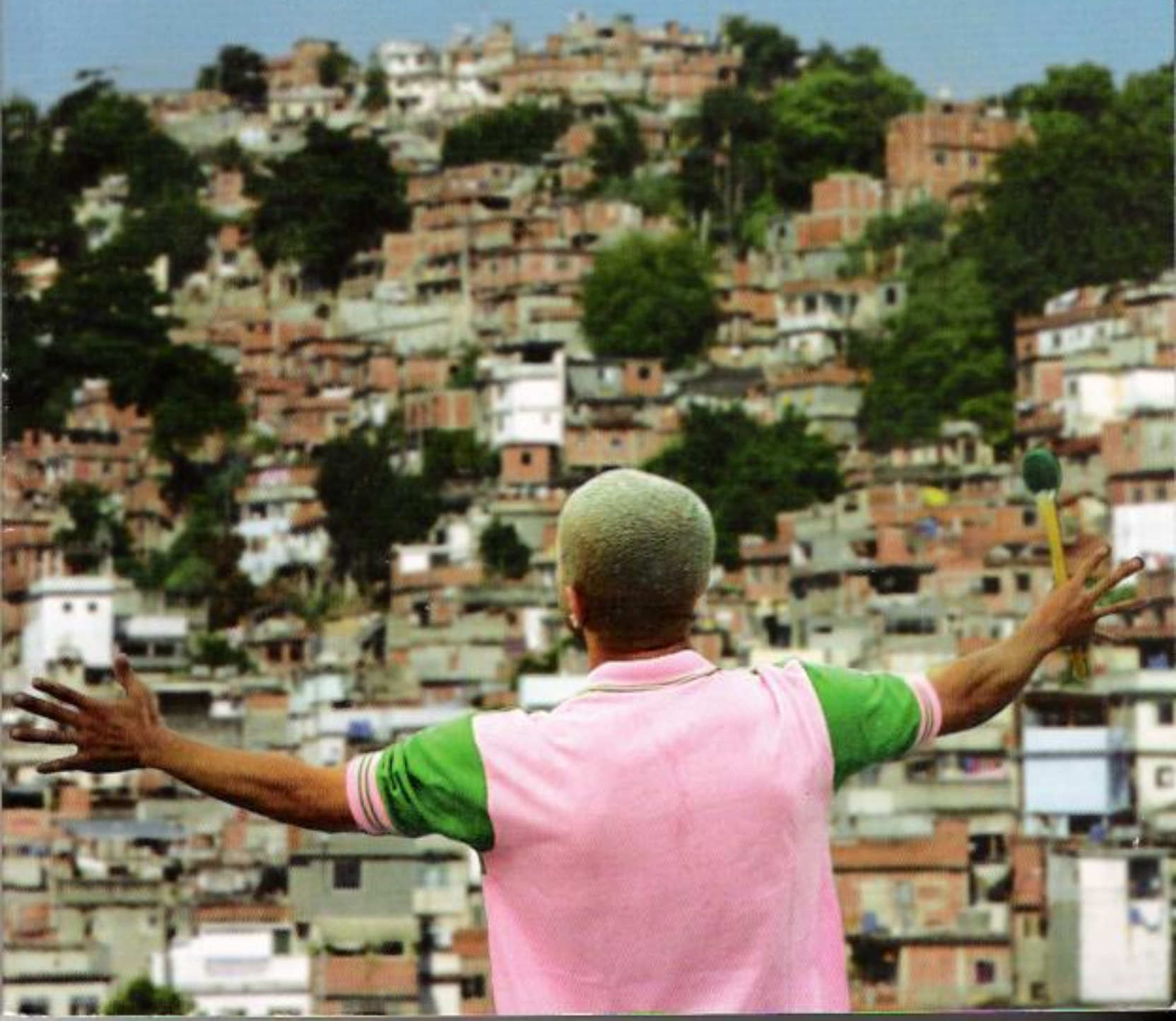
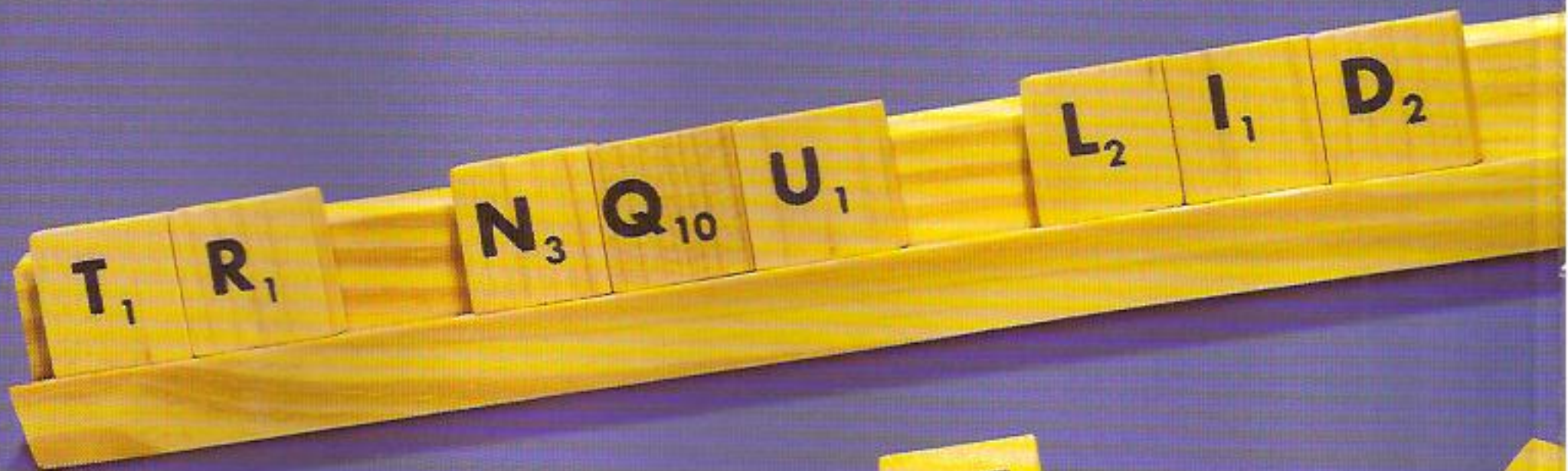


REVISTA DE CARNAVAL

2002

# MANGUEIRA



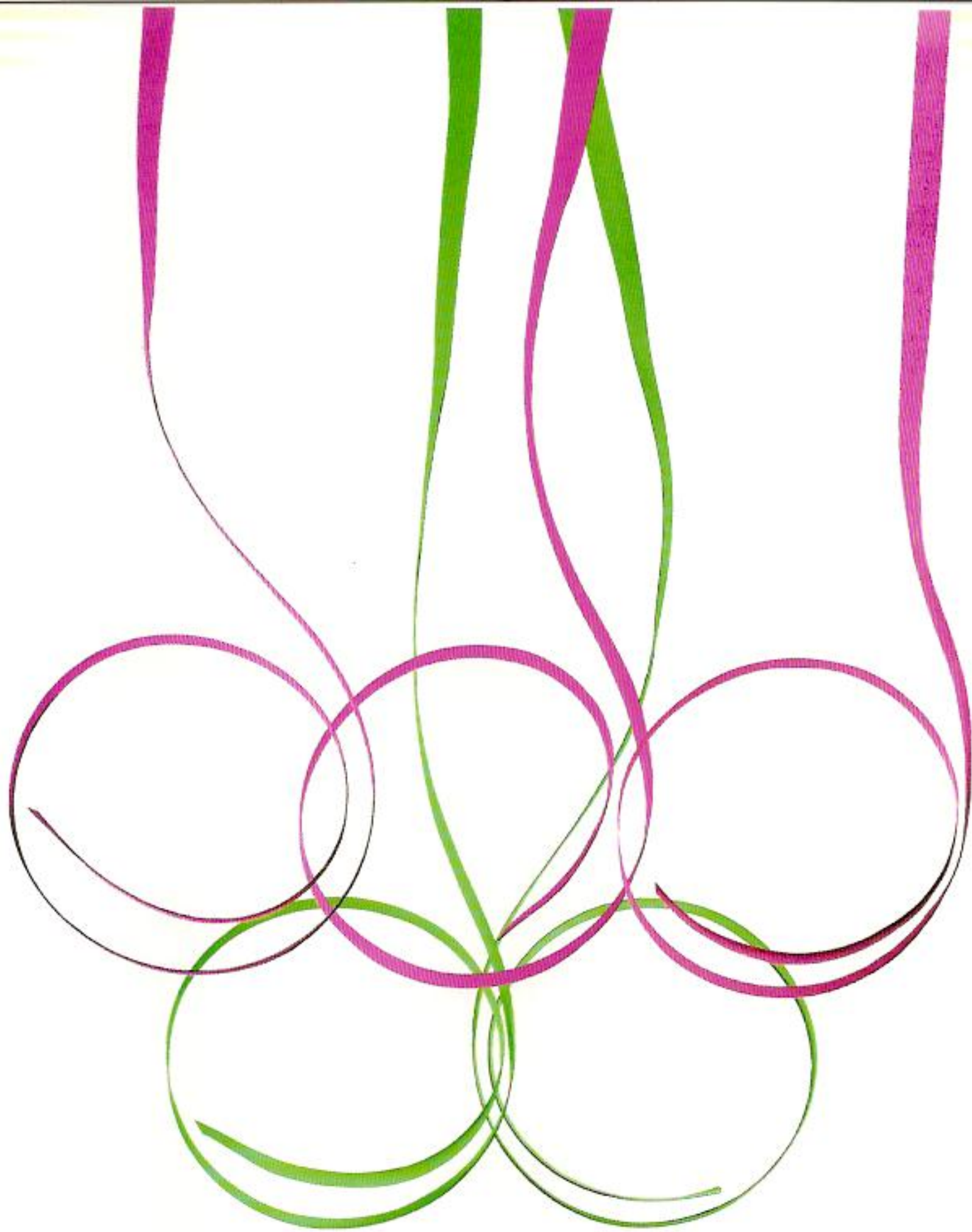




**Quando você não tem um seguro Sul América,  
sempre fica a sensação de que falta alguma coisa.**



[www.sulamerica.com.br](http://www.sulamerica.com.br)



## A XEROX QUER VER A MANGUEIRA BRILHANDO EM TODAS AS PISTAS.

A Xerox, fundadora e patrocinadora da Vila Olímpica, sente o maior orgulho de trabalhar com a Mangueira neste projeto que tem um grande futuro pela frente. Através dele os jovens da comunidade verde e rosa estão recebendo treinamento para se transformarem em atletas campeões. Acima de tudo recebem o estímulo e os recursos para se transformarem em cidadãos vencedores.



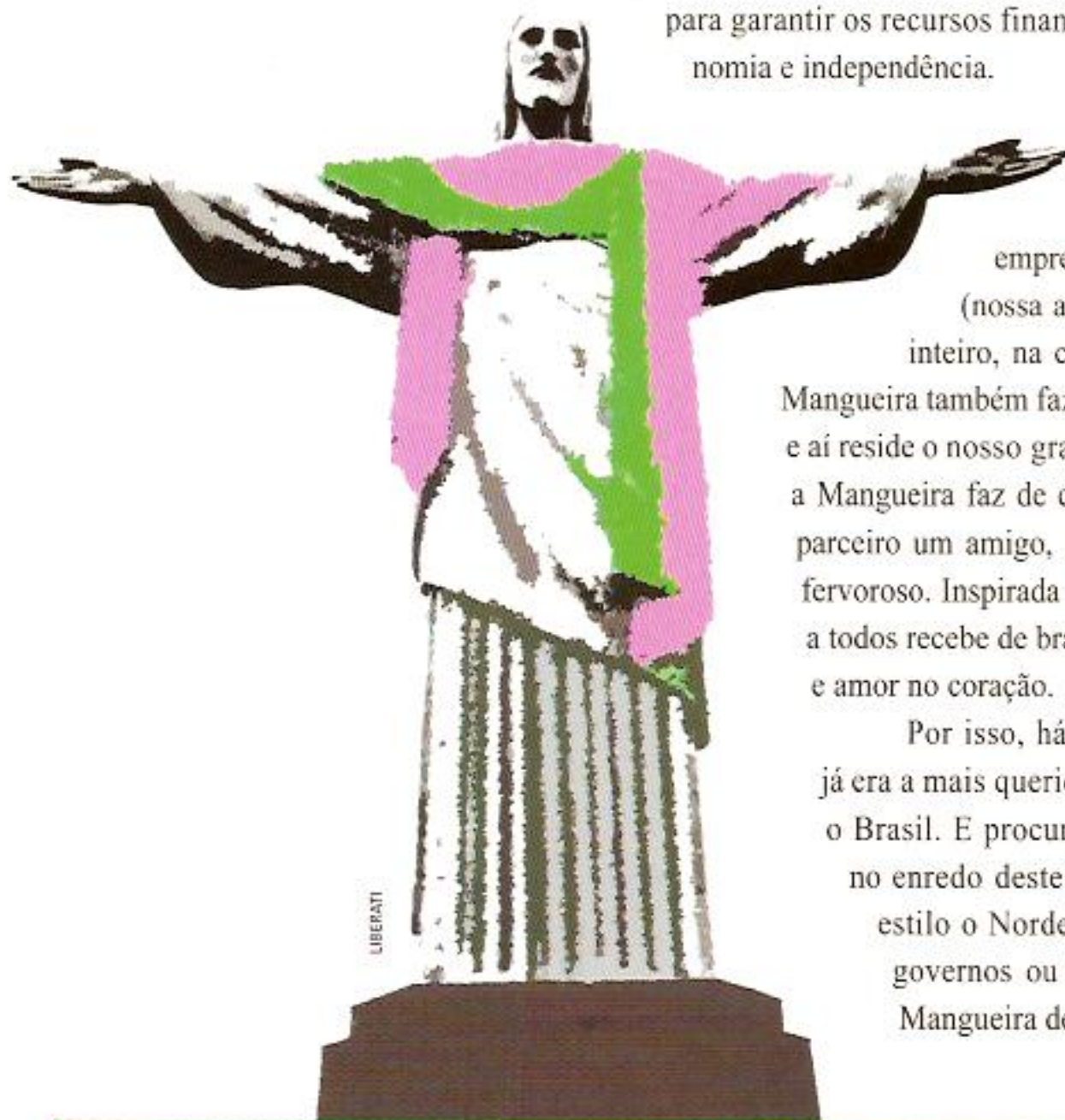


Álvaro Luiz Caetano, presidente da Mangueira

## O jeito Mangueira de ser

A Estação Primeira de Mangueira chega ao Carnaval 2002 pronta para ser campeã. Tem um belíssimo enredo, alegorias e fantasias impecáveis, a força da bateria nota dez, um samba que já conquistou o Rio de Janeiro, e, sobretudo, a garra que é marca registrada da comunidade verde-e-rosa. Foram vários ensaios técnicos na Visconde de Niterói e na Marquês de Sapucaí, além, é claro, dos tradicionais ensaios na quadra, lotada todos os sábados desde novembro. Até os componentes da diretoria (fato inédito) ensaiaram exaustivamente, toda sexta-feira, no Espaço Cultural da Praça Onze, para dar o exemplo.

Foram nove meses e meio, de maio do ano passado até hoje, de tirar o fôlego. Honrando nosso lema *A Mangueira não pede ajuda, trabalha*, todos os segmentos da escola se envolveram de corpo e alma na faina diária que um projeto desta envergadura exige. Alegre, feliz, sorrindo e cantando, a Mangueira põe a mão na massa o ano inteiro porque sabe que só no dicionário o sucesso vem antes do trabalho. Mangueira mostra sua arte todo fim de semana pelo Brasil afora e culmina a temporada com o já tradicional Show de Verão – um no Rio e outro em São Paulo – para garantir os recursos financeiros indispensáveis à sua autonomia e independência.



Essa filosofia de vida dá resultados graças à adesão de dezenas de empresas que compram nossos produtos (nossa arte) ou que estão presentes o ano inteiro, na condição de sócias mantenedoras.

Mangueira também faz a sua parte, e não só no palco – e aí reside o nosso grande segredo. Além de trabalhar, a Mangueira faz de cada cliente um parceiro, de cada parceiro um amigo, de cada amigo um mangueirense fervoroso. Inspirada no gesto do Redentor, Mangueira a todos recebe de braços abertos, com sorriso no olhar e amor no coração.

Por isso, há muito tempo a Mangueira, que já era a mais querida do Rio, passou a ser a de todo o Brasil. E procura retribuir à sua maneira, como no enredo deste ano, homenageando em grande estilo o Nordeste brasileiro sem pedir ajuda a governos ou empresas nordestinas. É o jeito Mangueira de ser.



## Diretoria da Mangueira

### PRESIDENTE

Álvaro Luiz Caetano  
Assessoria da Presidência  
Célia Regina  
Birão  
Pretinho

### VICE-PRESIDENTE

Eli Gonçalves da Silva  
Assessoria da Vice-Presidência  
Margarida Jesuíno

### VICE-PRESIDÊNCIAS

**Administrativa**  
Moacyr Barreto da Silva Júnior  
Paulo Sergio Simas Barros  
André Jobim

### Financeira

Elias João Riche Filho  
Nilton de Oliveira  
Márcio Garcia da Silva

### Social

Luiz Nogueira  
Flávio José de Almeida  
Guilherme da Silva Alexandre

### Patrimônio

Aramis Santos  
Telmo José dos Santos  
Ednaldo Carlos Souza Lima

### Harmonia

Olivério Ferreira  
Dilmo Emídio Ferreira  
Edson Góes

### Divulgação

Luiz Eduardo S. Ferreira Bahiana  
José Simão Vieira  
Wellington Nery

### Jurídica

Alcyone Vieira Pinto Barreto  
Flávio Guimarães Lauria

### Depto. Feminino

Márcia da Silva Machado  
Sueli M. Ramos

**Esportes e Desenvolvimento Social**  
Francisco de Carvalho

### Cultural

Paulo Ramos  
Fernando Antonio Guerra Peixe  
Nilcemar Nogueira  
Luiz Fernando Barciela Nogueira

### Médica

Luiz Carlos Caetano dos Santos  
Celso Tavares Garcia  
José Marcos Domingues

### Promoção e Eventos

Amauri Ribeiro Wanzeler  
William Alves de Oliveira Ferreira

### Carnaval

Elmo José dos Santos  
Percival Pires  
Edson Marcos Gaspar de Andrade

### G.R. Mangueira do Amanhã

Helcy da Silva Gomes  
Deisy da Volta Loureiro Dias

### Projetos Especiais

José Maria Guimarães Monteiro  
João Carlos dos Santos

### Barracão de Alegorias

Aramis Santos  
Nilton de Oliveira

### Barracão Cultural da Praça XI

Osni dos Santos Melo

### Conselho Deliberativo e Fiscal

#### Presidente

Lomelino Ribeiro  
Vice-Presidente  
Celso dos Santos Rodrigues  
1 Secretário  
Heitor de Oliveira

## Expediente

### Revista de Carnaval Mangueira 2002

#### CONSELHO EDITORIAL

Álvaro Luiz Caetano  
José Maria Guimarães Monteiro  
Regina Zappa  
Cláudia Bensimon

#### COORDENAÇÃO GERAL

José Maria Guimarães Monteiro

#### EDIÇÃO

Zappa Comunicação e Conteúdo

#### EDITORA

Regina Zappa

#### SUBEDITORES

Eduardo Graça  
Ernesto Soto

#### ESTAGIÁRIA

Maria Rezende

#### COLABORADORES

Alexandre Medeiros  
Bruno Liberati  
Fernando Paulino  
Henrique Brandão  
Lena Frias  
Olga de Mello  
Tárik de Souza

#### FOTOS

Renato Aguiar,  
Vantoen Pereira Jr.  
Centro de Memória da Mangueira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Mais Programação Visual

CAPA: Fotos Renato de Aguiar

#### PROMOÇÃO E VENDAS

Inserção - Desenvolvimento de Negócios

#### FOTOLITO

Rainer Rio

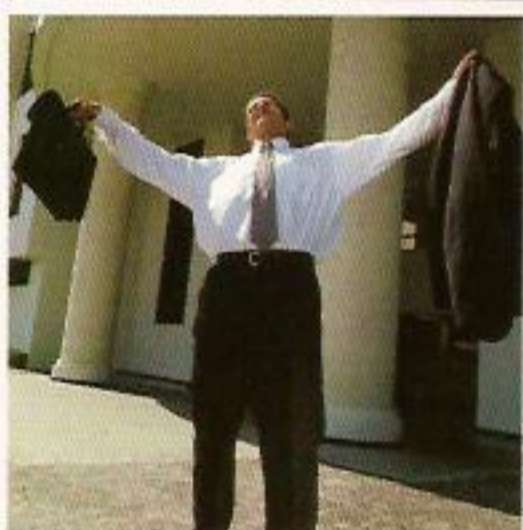
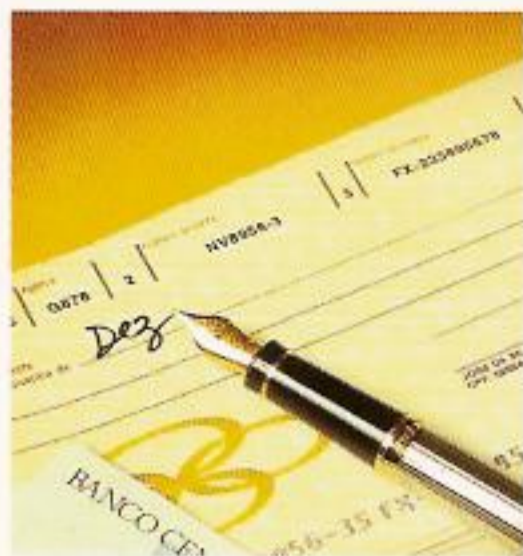
#### IMPRESSÃO

Gráfica Takano

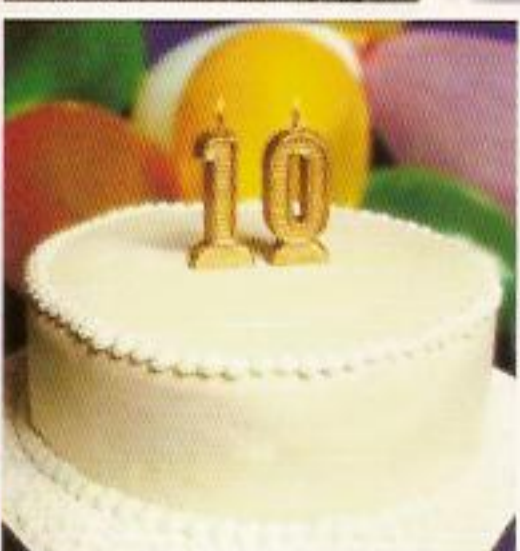
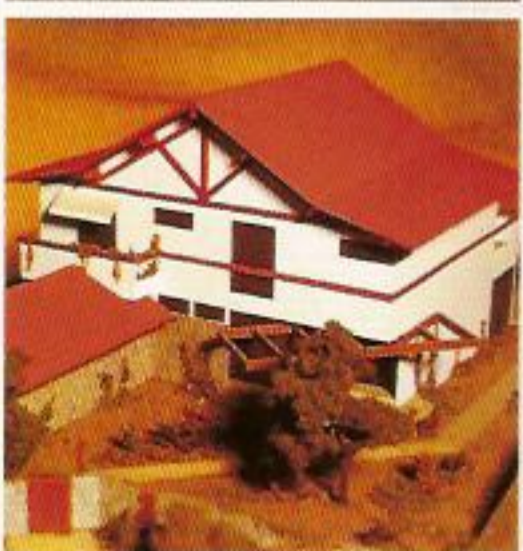


- 08** “Essa vai ser a minha escola”  
Entrevista com Chico Buarque. Por Regina Zappa
- 16** **Usina das maravilhas.** Por Alexandre Medeiros  
Aqui, anônimos artesãos criam a arte que emociona o povo
- 23** **Nei Lopes - Nordeste, Embolada e Padeirinho**
- 26** **Um enredo pra lá de arretado.** Por Eduardo Graça  
A criatividade da gente do Nordeste inspirou Max Lopes e conquistou a Mangueira
- 33** **O arquiteto da folia**  
Entrevista com Max Lopes. Por Ernesto Soto e Regina Zappa
- 38** Luiz Antonio Viana **Mangueira, por que Mangueira?**
- 42** **A luz que ilumina a Mangueira.** Por Ernesto Soto  
Iluminar os carros da verde-e-rosa, o prazeroso desafio de Maneco Quinderé
- 43** Artur Xexéo - **Mangueira faz a diferença**
- 45** **O colecionador de sonhos.** Por Ernesto Soto  
O menino que guardava carros virou presidente da Mangueira
- 49** João Máximo - **Os sambas eternos resistem**
- 52** **É mulher a linha de frente da Estação Primeira.** Por Lena Frias  
A força da ala feminina revigora as estruturas da Mangueira
- 59** Luis Fernando Verissimo - **O samba do seu Brum**
- 60** **Teu cenário é uma beleza.** Por Tárík de Souza  
Mangueira, a musa que inspirou alguns dos mais belos sambas da MPB
- 64** **A Mangueira não é só carnaval.** Por Olga de Mello  
Programa social de vanguarda é prioridade para a comunidade
- 70** José Maria Monteiro - **A Mangueira não pode parar**
- 71** **Parceria com participação**
- 74** **Guardiões da tradição verde-e-rosa.** Por Henrique Brandão  
Um dia na vida dos sábios do Conselho Superior, os baluartes da Mangueira
- 78** **O que é que a baiana tem?** Por Eduardo Graça
- 80** **Chão e tradição na Sapucaí.** Por Fernando Paulino  
Como a escola vem no carnaval de 2002
- 87** Hiran Araújo - **A arte de fazer samba-enredo**
- 88** **Confetes**
- 94** Salete Lisboa - **Uma batida sem igual**
- 97** **O samba-enredo**
- 98** **Roteiro das escolas em 2002**
- 100** **Jamelão** por Chico Caruso





*Dedicamos o melhor do nosso  
para garantir o que é*







*tempo  
seu.*

A Icatu Hartford atua no mercado brasileiro há 10 anos. Sua especialidade é oferecer aos seus clientes, corretores e parceiros produtos e serviços diferenciados nos segmentos de seguros de vida, previdência e capitalização.

A empresa surgiu da união do Grupo Icatu, símbolo de solidez e especialização na administração de recursos no mercado brasileiro, com a tradição e a tecnologia do Grupo The Hartford, há mais de 190 anos símbolo de qualidade e segurança no mercado norte-americano.

Com sua postura inovadora e qualidade em serviços, a Icatu Hartford obteve o maior crescimento no seu segmento ao longo destes 10 anos de atividade - um sucesso que se reflete nas posições que vem ocupando no *ranking* do mercado brasileiro.

É a firme atuação de mais de 5 mil corretores e centenas de parcerias bem-sucedidas em diversos segmentos da economia, como bancos, redes de varejo e empresas de cartões, entre outros, que fazem a companhia garantir, hoje, mais de 2 milhões de vidas em seguros e previdência e administrar mais de 1 milhão de títulos de capitalização e reservas da ordem de R\$ 1,4 bilhão.

Esse desempenho a Icatu Hartford faz questão de renovar e multiplicar por muitos anos - e comemorar com você.

*10  
anos*

**Icatu  
HARTFORD**

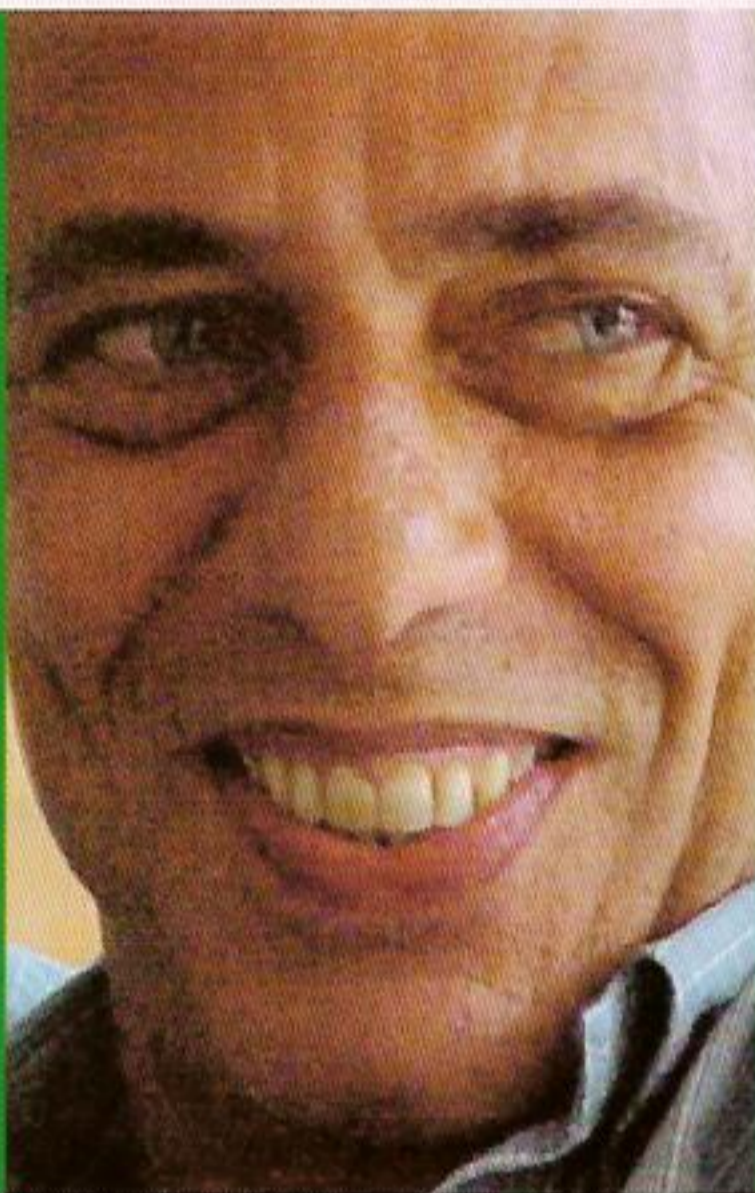
*Decisões para toda a vida.*

Praça Vinte e Dois de Abril, 36 - Tels.: (0xx21) 3824-3900/3231-3900

CEP 20021-370 - Centro - Rio de Janeiro - RJ

Central de Atendimento 0800 90 3000 - [www.icatu-hartford.com.br](http://www.icatu-hartford.com.br)

CHICO BUARQUE



# 'Essa é a minha escola'

Texto e fotos de Regina Zappa

**O namoro de Chico Buarque com a Mangueira** começou de uma forma atrapalhada. Ele já conhecia a verde-e-rosa das músicas que ouvia no rádio e aprendia quando era criança. Carnaval para ele era sinônimo de música e a Mangueira sempre esbanjou graça e inspiração nesse território. Mas a primeira vez que ele viu a escola entrar na avenida não podia ter sido mais inconveniente. Chico era jurado no carnaval, em 1967, e passou por vários vexames. Dormiu, abandonou o posto, foi levado de volta. Mas quando avistou a Mangueira, entrando na avenida bem no amanhecer, esqueceu que estava no júri, se levantou e pulou, saudando com exuberância a escola que naquele ano cantava Monteiro Lobato. A experiência como jurado foi um desastre, como ele conta nesta entrevista com muito bom humor, mas a paixão estava despertada para sempre: desde então, a verde-e-rosa manda no seu coração. É por isso que, quando o assunto é Mangueira, Chico não se faz de rogado: conta casos de carnaval, histórias da escola e fala daquela gente de quem ficou amigo. A homenagem que ganhou, em 1998, quando desfilou ao lado da Velha Guarda, selou definitivamente a amizade entre o compositor e sua escola. Com vocês, Chico Buarque da Mangueira.

### **Como tomou conhecimento pela primeira vez do carnaval?**

Carnaval para mim era rádio, era música no rádio. E eu sabia que o carnaval estava chegando porque mudava a programação no rádio. Naquele tempo, a programação era muito definida: tinha a programação de carnaval e em seguida era música de meio de ano. E as duas coisas não se misturavam. Eu, garoto, ouvia muito rádio, naquele radinho da babá, e, evidentemente, gostava mais de música de carnaval que de música de meio de ano. As músicas de carnaval eram animadas e as de meio de ano eram boleros, sambas-canção. Então, quando chegava o carnaval, eu ouvia e aprendia as músicas todas. Não estou falando de carnaval de rua, nem de escola de samba. Estou falando de marchinha de samba e de carnaval. Aí entravam Blecaute, Jorge Veiga, Jackson do Pan-deiro, aquilo tudo. O carnaval para mim era isso: era áudio, mais do que vídeo. Tenho uma lembrança remota de carnaval, mas que não conta muito, que é do carnaval de rua de São Paulo. É a lembrança da minha mãe me levando para ver o curso na Avenida 9 de Julho, as pessoas descendo, jogando confete e serpentina. E também na infância, baile de carnaval em clube. E um pouquinho na rua, aquela coisa de confete e serpentina e tal.

### **E fantasias?**

Tenho a lembrança de fantasias para baile de clube.

### **Você lembra das suas fantasias?**

Normalmente não era uma fantasia completa. Tinha aqueles óculos que se usava, e tinha lança-perfume. Lembro do cheiro de lança-perfume. E os óculos (risos) eram usados por causa da lança-perfume. Eles tinham uma fita aqui do lado e serviam para que você não tomasse lança-perfume no olho. E ficavam as crianças todas com lança-perfume e óculos (risos), tentando acertar o olho do outro, e aquilo ardia à beça no olho. Então, os óculos eram para proteger. Isso foi antes de imaginar que lança fosse para cheirar. Se bem que o cheiro da lança ficava no ar. Havia um torpor.

### **Do que mais você lembra?**

Tinha sempre uma orquestra, música ao vivo, nesses bailes que eu ia, nos clubes, onde tocavam as músicas daquele ano, sobretudo. E eu sabia todas. Já tinha ouvido todas no rádio e era disso que eu gostava mesmo. Então eu cantava, mais do que pulava, mais do que jogava lança-perfume nos outros. O grande barato era ouvir as músicas de carnaval.

### **Isso foi na infância. E depois, quando já era jovem?**

Depois, foi se diluindo um pouco essa coisa de música de carnaval e eu gostava de carnaval porque gostava da farra, era uma maneira de arrumar namorada. Engraçado que eu me lembro muito de carnaval naquelas praias perto de São Paulo, e muito pouco do carnaval no Rio. Não sei por que eu não passava carnaval no Rio. Passava as férias, mas não carnaval.

### **Hoje você tem uma grande relação de afeto com a Mangueira. Mas, e antes? Como você começou a conhecer as escolas de samba?**

A minha primeira ligação com a Mangueira é também através da música, das músicas que falam da Mangueira. Lembro de ouvir e cantar muito (cantarola) "Mangueira, teu cenário é uma beleza", que eu achava que era "teu *senado* é uma beleza, que a natureza criou..." (risos) Eu imaginava um morro com um senado ali em cima (cantarola mais e ri). Eu devia ter uns seis anos e achava a Mangueira o máximo. O morro tinha barracões de zinco, tinha um trem que passava, tudo era informação musical, e tinha o senado no alto. Tinha aquela "aquele morro de zinco que é Mangueira, desperta com o apito do trem..." Então, eu tinha essa coisa com a Mangueira que eu não sabia direito o que era. Sabia que tinha morro, tinha samba e que era muito bonito e que todo mundo era feliz de morar na Mangueira. Há um repertório de músicas muito maior falando da Mangueira do que de outra escola. Então Mangueira para mim era quase sinônimo de escola de samba.

### **Quando você viu escola de samba pela primeira vez?**

Para você ter uma idéia, minha primeira idéia de desfile de carnaval foi no filme *Orfeu*, do Camus, aquele simulacro de carnaval que tinha ali. Tinha um carnaval de rua estilizado, mas tinha. Aí falei: então é isso que é o carnaval, as fantasias são isso. Tinha música, tinha imagem em movimento e foi minha primeira visão de carnaval de escola de samba.

### **Como foi sua reação quando soube que ia ser homenageado pela Mangueira? Você participou do desenvolvimento do enredo?**

Não, não. Nada disso. Quando cheguei o enredo já estava pronto. Foi o seguinte: quando o Tom (Jobim) foi tema, eles me convidaram para ser tema

no futuro. "Você um dia aceita ser nosso tema?" Eu aceitei e achei que ia ser bom porque assim eu ficava preservado dessa história. Se alguém mais me convidasse eu podia dizer que já ia ser um dia tema da Mangueira. Houve, na verdade, depois disso, outros convites de outras escolas. Eu inclusive já tinha sido tema de duas escolas de samba do segundo grupo. Tinha até um samba-enredo. Eu morava na Itália em 1969, 1970, e lembro de ter recebido esse disco da Unidos de Cabuçu. Esse disco veio com os sambas do segundo grupo.

**E era você o homenageado?**

Era eu. Não lembro mais como era.

**Você guardou o disco?**

Não, porque nessa época, as coisas da Itália se perderam, foi tudo meio confuso. Mais tarde, lembro que uma pequena escola de Niterói, chamada Canarinhos da Engenhoca, também me homenageou. Foi uma história chata porque havia algum tipo de censura exercida na época e proibiram a escola de sair. Foi na época de *Apesar de você*. Eu estive lá na escola, nos ensaios, era uma escola modesta, fiquei emocionado. Eles iam me apresentando os carros: esse é o *Roda viva*, esses aqui são os destaques das músicas etc... Vi também os ensaios de quadra e tudo.

**Estava tudo pronto?**

Tudo pronto. Tudo pronto.

**A escola não saiu?**

Saiu desfalcada, foi muito chato. Aí, passou esse tempo todo e o Perci me falou que tinha chegado a hora da Mangueira. Foi quase assinado um contrato com prazo e eu torcendo para o que prazo fosse mais longo do que foi. Porque eu via aquilo com um certo receio porque nas outras homenagens eu estava ausente e nem imaginava que fosse estar lá. E no desfile da Mangueira seria uma homenagem de corpo presente. E pensei: como é que vou lidar com isso? Eu tinha um pouco de receio.

**E quando avisaram que havia chegado a hora?**

Aí veio o convite através do Hermínio Bello de Carvalho, para saber se eu aceitava e falei: vamos lá. Teve então um encontro na casa do Hermínio e nesse primeiro encontro contei essa história do samba com o "teu *senado* é uma beleza". É engraçado porque eu fui para um encontro com algumas pessoas que eu conhecia, outras que eu não conhecia, sabia que estavam lá o Perci, o presidente que naquela época eu não conhecia, Dona Zica, Dona Neuma, mas eu achava que nós íamos ficar só de papo. Mas não, era quase uma sagração, era um ritual, uma coisa formalizada, com a bandeira e tudo. Era convite formal, com discursos e tudo. Eu pensei que fosse só um encontro na casa do Hermínio. A partir daí, fui acompanhando, sendo informado, estando com as pessoas, visitando não só a escola, como o morro.

**Você já tinha ido à Mangueira antes disso?**

Já. A primeira vez que eu estive no morro foi para gravar um clipe da música *Estação Derradeira*, que falava da Mangueira. Foi lá no Buraco Quente. Foi um clipe meio demorado, fiquei um tempo lá, subi lá no alto. Circulei um pouco por ali. Depois fui várias vezes para conversar com as pessoas, fui na casa da Dona Neuma, da Dona Zica, na quadra, conheci o trabalho do Chiquinho na Vila Olímpica. Fui várias vezes ao longo do ano. Mas nunca fui lá para dar palpite.

**Você era consultado sobre seu trabalho, sua vida?**

Não, não. O Oswaldinho escreveu o enredo a partir da pesquisa que ele fez, da música e de tudo. Não houve nenhuma entrevista, nada assim. Não sei quais foram as fontes do Oswaldo, mas ele fez por conta própria.



### **Já tinha visto um desfile antes de ser tema da escola?**

Já. Tem até um episódio vexaminoso no primeiro desfile que assisti inteiro, que, aliás, não assisti inteiro porque eu dormi. Eu era jurado. Foi um horror! Mas eu tenho que contar. Fui convidado em 66 ou 67, não sei. Sei que tinha chegado ao Rio depois de fazer sucesso com *A banda* e o Ricardo Cravo Albin me perguntou se eu topava ser jurado de escola de samba. E eu: "Oba, vamos lá". Eu não tinha idéia do que era ser jurado. E eu falei, não conheço bem, não sei como é. Aí me deram...

### **Você julgou samba-enredo?**

Não, espera. Era harmonia e evolução, uma coisa assim. A gente se encontrou no lugar, numa cabine que era minha, uma espécie de um palanquezinho, um lugar alto, onde me davam cerveja e não havia lugar para fazer pipi. E começaram a passar as escolas e eu pensava: "Cacete! Não tem harmonia." E eu não dava nota porque não tinha harmonia. Harmonia para mim são os acordes de uma música. Passou a primeira escola, a segunda, a terceira... Lá pela quarta escola passou o fiscal da Riotur e falou: "Você não está dando nota!" E eu: "Como dar nota, as escolas não têm harmonia!" E aí me explicaram: "Mas harmonia não é música". E eu disse: "Então, não tem condição. Alguém vai dar essas notas para mim porque não sei dar essas notas." (risos) Aí eu saí.

### **E como é que ficou?**

Ah, arrumaram um jurado que foi lá e deu as notas.

### **Como foram essas notas?**

Olha, não sei. Não lembro como é que ficou. Sei que peguei no sono e lá pelas tantas falei: "Vou embora". (risos) Aí fui embora, mas foram me buscar no hotel. E eu estava morrendo de sono.

### **Foram te buscar no hotel?**

Foi. (risos) É uma história terrível. Cheguei no hotel e falei: "Eu tô morrendo de sono, não posso julgar as escolas, vocês não me explicaram direito". Para mim julgar harmonia era julgar os acordes. Aí foram me buscar no hotel e como foram dadas as notas eu não sei. Alguém deu por mim porque eu não podia dar nota. Aí, quando eu voltei para lá e começou a amanhecer, veio a Mangueira. Quando entrou a Mangueira, e já tinha entrado muita cerveja também, eu levantei, comecei a dançar e celebrar. A música era a do Monteiro Lobato e eu pulando lá.

Então me diziam: "Você não pode pular, você é jurado". (risos) "Mas eu não sou jurado", eu dizia. "Estou aqui como espectador".

### **E não aconteceu nada?**

Se eu fui preso?...

### **Não (risos), mas cancelaram alguma coisa?**

Não (risos), mas sei que o Martinho da Vila ficou p... comigo porque a nota da Vila foi mais baixa do que ele esperava.

### **A sua nota?**

A minha nota, que na verdade não fui eu quem deu. Ele disse depois sobre o samba da escola que "nem o Chico Buarque entendeu". E você faz o quê? Pede desculpa, não pode fazer nada.

### **Essa foi sua primeira experiência com desfile de escola de samba?**

É. Claro que depois disso fiquei muitos anos sem querer voltar a assistir ao desfile das escolas. Eu não tinha idéia do que era ser jurado. Eu não podia ser jurado. Naquela época era na Presidente Vargas ou Rio Branco, nem sei. Esqueci, entende. Se fosse hoje eu nem seria chamado. Se fosse chamado hoje seria talvez para julgar samba-enredo. Claro que eu não aceitaria (risos) porque saberia do risco que estaria correndo. O risco de ser injusto. Não tenho conhecimento nem de samba-enredo para dar nota.

### **Depois dessa experiência traumática sua volta à passarela foi no desfile da Mangueira?**

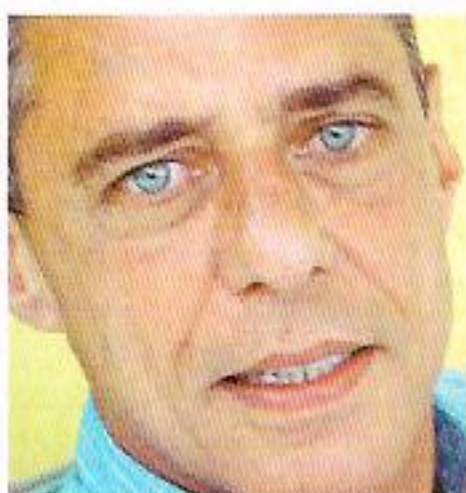
Não, depois estive algumas vezes assistindo, não de cabo a rabo, mas passei por lá, para ver uma ou outra escola.

### **Como foi a sensação de subir num carro da Mangueira para ser homenageado e desfilar pela avenida? Você ficou nervoso, teve que tomar um calmante?**

Tomei meio Lexotan. Não dava para tomar muito senão eu ia dormir. Tomei meio Lexotan como tomava para fazer show.

**'Foi um vexame. Eu não tinha idéia do que era ser jurado'**

**'Aconteceu  
na minha  
vida essa  
história de  
gostar da  
Mangueira'**



**Você se sentiu como se estivesse  
subindo no palco para cantar?**

Exatamente. É como se fosse um show. Eu ia pagar um mico ou não. Eu não sabia exatamente o que ia acontecer. Mas nós pulamos um pedaço aqui. Ia contar que não foi tão um salto no escuro porque em 1985 ou 86 fui convidado e participei da Comissão de Frente da Mangueira. Fiz aquele trajeto e era um fila de poetas e letristas de música vestidos de branco. Nossa missão era andar devagar, saudando a platéia.

**Era Mangueira também?**

Mangueira. Só que esse ano a Mangueira foi campeã com o tema do Carlos Drummond e depois não tinha sido mais. Aí, eles ficaram achando que eu era pé- quente porque eu tinha saído só uma vez, só pela Mangueira, e fui campeão. Então, saí mais esta vez e fomos campeões de novo. Não posso sair nunca mais (risos) porque se a Mangueira não ganhar de novo vão me chamar de mentiroso, mistificador, blefe (risos). Tem que deixar assim como está. Saí duas vezes e fui campeão duas vezes. Daquela vez, então, teve ensaio. Ensaíamos uns dias antes, o que tinha que ser feito, o figurino. E saímos no Drummond. Já era Sambódromo, já era Mangueira. Dessa vez, fomos no chão.

Tinha uma coreografia que era virar para a direita, tirar o chapéu, virar para a esquerda, tirar o chapéu.

**Vocês ensaiaram juntos?**

Ensaíamos todos. O grupo todo. Claro, tudo certinho. Tiramos 10. Depois, no desfile que eu era tema, pensei que, para entrar, para não ficar com cara de bobo, encabulado, tinha que ser parte da Mangueira. Então foi ótimo eles terem me posto no carro junto com o pessoal todo da Velha Guarda. Porque aí eu tinha com quem contracenar. Na verdade, era uma forma de eu não ficar me sentindo assim tão homenageado. Eu estava compartilhando com a Velha Guarda aquela homenagem. Eu dentro da Mangueira. Chico Buarque da Mangueira. Entrei junto com aquela gente que eu já conhecia, com quem tinha amizade pra valer. Eu olhava para o Nelson Sargento, para Dona Zica, Dona Neuma, subia ali, estava o Carlos Cachaca, aquela turma toda. Então ficou gostoso.

**Ficou feliz?**

Fiquei feliz, me senti bem. Eu fiquei pensando como seria essa história. Havia uma idéia. Isso sim foi sugerido e eu pude dar um pouquinho de palpite. Havia a idéia de sair no chão. No começo achei legal, depois eles acharam que podia atrapalhar o movimento dos carros. Eu tinha um pouco de medo de ficar como o Tom (Jobim), que ficou lá em cima, muito sozinho. Vi que o Tom ficou meio...

**O que o Tom contou da experiência  
dele no desfile da Mangueira?**

Ele ficou com medo de cair. Parecia que ele estava brincando, mas não estava brincando não. Além do medo de cair, ele ficava muito isolado, era demais. É muito grande aquela coisa. Você entra e a Mangueira já está ali. Então você já entra vitorioso, o que é uma coisa perigosa, em qualquer situação. Você tem que corresponder à vitória e a glória não é sua, é da escola. Eu não queria me destacar. Ficar com a Velha Guarda foi a solução.

**Foi você quem sugeriu isso?**

Não, sem a gente se comunicar, mas se conhecendo, eles encontraram a solução mais apropriada para mim.

**A partir daí, sua relação com a  
Mangueira ficou mais sólida, mais  
próxima?**

É. Todo ano eu vou lá, faço show para arrecadar fundos. Fiquei amigo daquela gente, gosto muito da qualidade do orgulho que eles têm da Mangueira.

**Você acha que há uma diferença fundamental da Mangueira para as outras escolas?**

Pode ser que esse orgulho exista nas outras escolas. Aconteceu na minha vida essa história de gostar da Mangueira por causa das músicas, e de eu virar mangueirense porque vi a escola entrar com Monteiro Lobato. Foi aí que eu falei: "Vai ser essa a minha escola". E ficou sendo. E bateu. É assim que as coisas acontecem. E aconteceu de eu ter sido convidado para a homenagem. Então fiquei próximo da Mangueira por essas razões.

**A Mangueira tem uma tradição que passa de pai para filho, de avó para neta, como se fosse uma grande família, não é?**

É, tem isso, tem a história que eles preservam. É muito forte mesmo. Às vezes alguém diz: Está vendo aquela lá? É a Dina. Que Dina? Da música: "A Dina subiu lá no morro pra me procurar..." (cantarola), samba do Zé Kéti. Ela existe, (risos) está lá. Isso é formidável. E tem essas coisas. Tem as ruas, as casas onde os compositores foram criados. Tudo isso.

**Como vê os desfiles? Muita gente acha que o desfile perdeu a tradição popular. Como está o samba hoje?**

É difícil falar sobre isso. Não tenho esse conhecimento todo. É evidente que o samba é feito hoje

em função do desfile. Mas eu ainda sou de fora, embora apaixonado pela Mangueira, e é estranho eu ficar dizendo que não gosto mais do samba porque agora é muito rápido, parece marchinha. Eles fazem aquilo e quando trabalham não estão pensando no turista que vai assistir. É de verdade, é a manifestação da cultura deles mesmo. Convivo com gente que é mais purista que diz que essa coisa do funk dentro do samba é deturpação. E com outras que estão igualmente dentro do samba e acham que é natural essa evolução. Todos têm razão e eu não sou a pessoa mais indicada para ficar tomando partido.

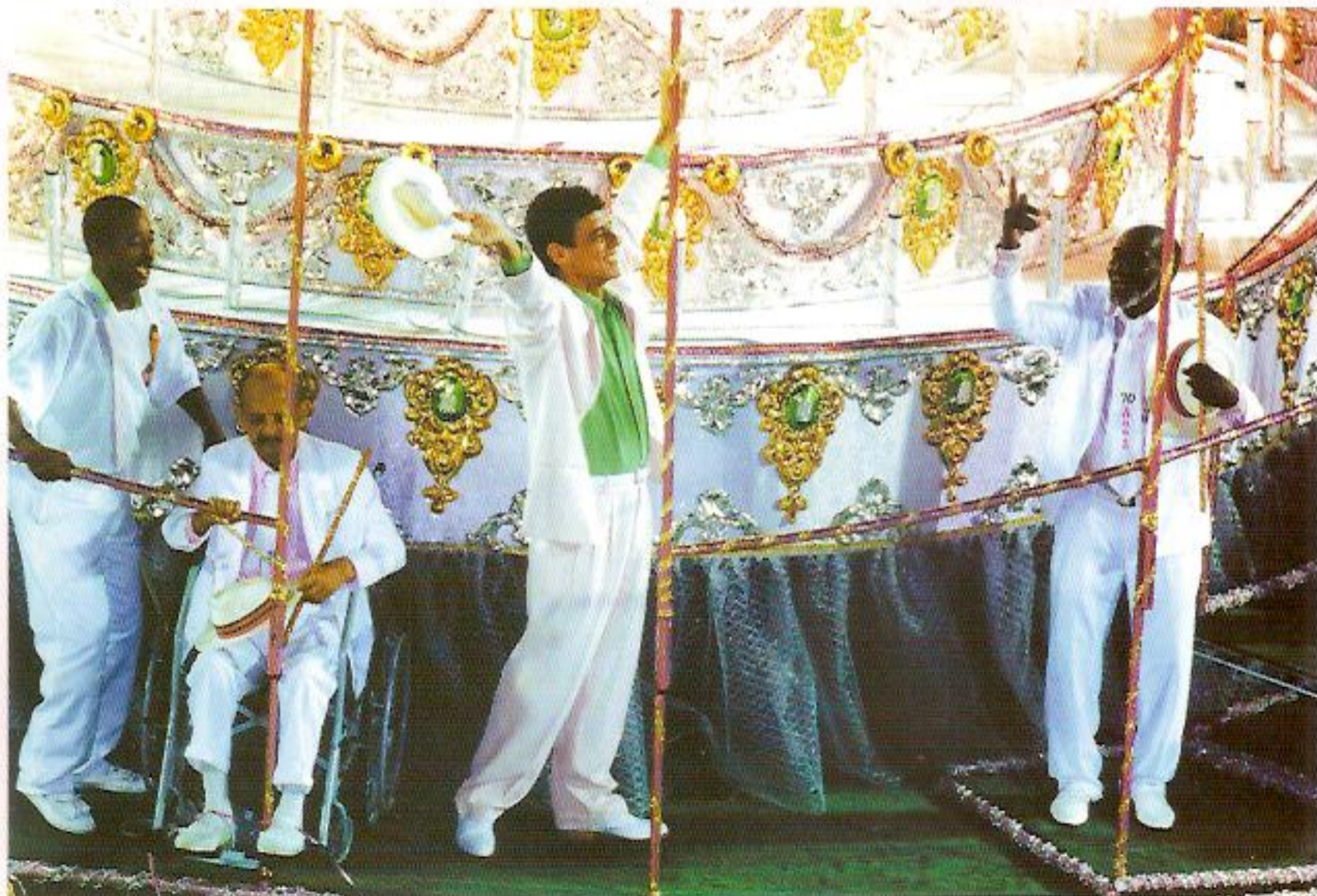
**Você tinha vontade de fazer um samba-enredo?**

Não. Eu até já fui procurado para fazer samba-enredo, mas eu não saberia fazer. Quando faço samba-enredo, faço estilizado. *Vai passar* é um samba à la samba-enredo. Mas nem poderia ser samba-enredo por causa daquela quebrada que não funcionaria na avenida. É um samba-enredo estilizado, não pretende ser um samba-enredo. Então, me sinto um estrangeiro para entrar numa parada dessas.

**Se você tivesse que explicar a Mangueira para algum estranho o que diria?**

(Longo silêncio) Não sei. É difícil. Acho que faria o que fiz uma vez com uma jornalista francesa: levava ele na Mangueira. ■

Chico na Sapucaí, ao lado de Carlos Cachaca e Nelson Sargento, em foto de Evandro Teixeira



**Programa De Olho no Combustível.**

**Fique de olho nesta marca para  
não ficar de olho no reboque depois.**

---

Nossa gasolina é garantida desde a refinaria até o posto, onde é testada no momento da entrega e monitorada através de laboratórios móveis. A sua qualidade foi aprovada pela BMW WilliamsF1 Team e pelo Bureau Veritas Quality International. Procure os postos Petrobras com a marca do programa De Olho no Combustível. **Petrobras Distribuidora. Quem mais entende de combustível no Brasil.**

---

**MINISTÉRIO DE  
MINAS E ENERGIA**

**BR PETROBRAS**  
Nós cuidamos de você.

**GOVERNO  
FEDERAL**  
Trabalhando em todo o Brasil

---

SAC: 0800 789001 - [www.br-petrobras.com.br](http://www.br-petrobras.com.br)



**BR**

**PETROBRAS**

**DE OLHO**  
NO COMBUSTÍVEL

Qualidade Garantida

**BR**

# Usina das marAvilhas

Texto de Alexandre Medeiros  
Fotos de Renato de Aguiar

Quando a Escola entra no Sambódromo poucos se dão conta, mas é no árduo trabalho dos artesãos do Barracão que o carnaval da Mangueira começa a tomar forma. Verdadeiros artistas, são eles que transformam a matéria-prima da folia – tinta, madeira, panos de todo tipo, pedras coloridas, fibra de vidro, pilhas de vime – na maior festa popular da Terra.



**Q**uando a Mangueira passar na avenida com seus grandes bonecos coloridos, típicos do carnaval de Olinda, pouca gente vai ficar mais feliz do que os artesãos Fábio Eduardo Bento, de 31 anos, e Cândido Dias, de 35. Os dois vão lembrar jornadas de muito suor no segundo piso do barracão da Estação Primeira, onde praticamente “moraram” de agosto de 2001 aos últimos suspiros de janeiro de 2002. Com certeza vão olhar as mãos com marcas de farpas e cortes de madeira e concluir que tudo valeu a pena. “Cada boneco vai ter um pouco da gente”, diz, emocionado, Cândido Dias, enquanto forja um círculo improvável para construir a estrutura de mais um boneco de Olinda. Na Passarela do Samba, ninguém na platéia vai perceber, mas por baixo dos panos coloridos, da leveza e da graça dos bonecos estará um “esqueleto” de vime cunhado por esses orgulhosos operários do barracão.

O uso do vime nas estruturas internas de adereços é um dos muitos segredos que a verde-rosa guardou a sete chaves em sua fábrica de dois pisos e 5.500 metros quadrados de área construída no bairro do Santo Cristo, zona portuária do Rio de Janeiro. Não cabe aqui estragar prazeres e revelá-los antes que o próprio desfile, o segundo da segunda-feira de carnaval, se encarregue de mostrá-los. Mas vale a pena contar algumas histórias que estão por trás dos segredos. São pedaços longos da vida de pessoas como Cândido e Fábio, gente que empre-

gou esforço e talento nos bastidores da fábrica para produzir a fantasia de carnaval que a Mangueira este ano vai levar à Marquês de Sapucaí com o enredo *Brazil com Z é pra cabra da peste, Brasil com S é nação do Nordeste*.

A estrutura física da oficina de vime é muito simples diante da complexidade das peças que produz. São pilhas de vime – 500 quilos por amarrado – ajeitadas nos cantos e cortadas em varas de acordo com o tamanho da estrutura que se deseja. Não há má-

de todos os resplendores de fantasias”, disse, orgulhoso, Fábio Eduardo, em uma das visitas que a **Revista da Mangueira** fez ao barracão, em dezembro.

Fábio trabalha há quatro anos com vime e está na Mangueira desde 2000. Já Cândido está completando seu quinto carnaval com a verde-e-rosa, em seus dez anos de experiência com o material. “A gente sabe que é um trabalho que não aparece na avenida, mas que a escola está sabendo valorizar”, disse Cândido. A valorização



O vime garante a leveza da fantasia. O dragão (embaixo) ganha uma mão de tinta

quinas, o trabalho é todo manual. Em um grande tanque de água, as varas são molhadas para que fiquem mais flexíveis e se livrem da goma característica que as acompanha desde o nascedouro, nos brejos. A partir daí entra a perícia do artesão, que vai moldando o vime sobre bancadas de madeira em formas de círculo, arco, bola, rede, até que se construa a estrutura definida pelo carnavalesco. “Estamos montando não só a estrutura dos bonecos, mas também a de estandartes e adereços, além





é visível. Antes instalados em um canto do barracão, os artesãos do vime passaram para a ampla oficina do segundo piso, onde desfrutam até de uma matéria-prima rara em outros departamentos: o silêncio. "É o tipo do trabalho que exige concentração. Se você errar, já era, tem que começar de novo", explicou Fábio. Além de mais leve,



O detalhe pode ser o segredo da vitória



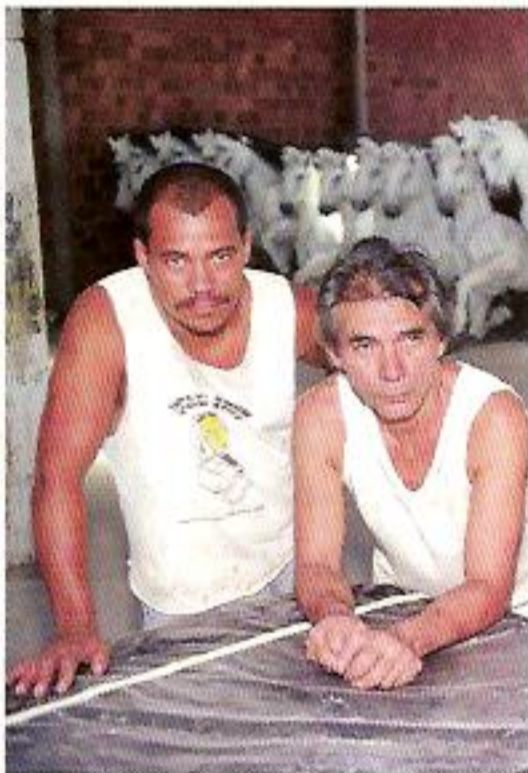
O capricho na montagem da alegoria

o vime é mais seguro para os componentes do que o arame ainda usado em muitas escolas de samba.

Além da oficina de vime, a sala de costura do segundo piso é o único outro espaço da linha de montagem separado por paredes do grande salão. Apesar de ser tarefa cuja premissa é a concentração, a costura reina a despeito da falta absoluta de silêncio. É que a sala das costureiras é dividida com as mesas de corte de tecido e fica no caminho de acesso aos dois almoxarifados. Mas nada que assuste as veteranas das máquinas das quais saem vestes que a todos

encantam na avenida. "Eu sou do tempo em que as costureiras de todas as escolas trabalhavam juntas no velho Pavilhão de São Cristóvão. Aquilo, sim, era confusão. Isso aqui, para mim, é um conforto só", lembrou Ildete Brito de Sousa, de 49 anos.

Apesar da longa estrada – ela costura fantasias há 15 anos –,



José dos Reis, o Pará (dir.), mago da fibra

Ildete é uma "caloura" na Mangueira. "Meu falecido marido foi diretor da escola e nunca me deixava costurar para cá porque não queria misturar as coisas. Passei anos costurando para a Portela, a Vila Isabel, a Grande Rio e a Viradouro. Só agora vim pousar na verde-e-rosa", contou Ildete, que é viúva há 12 anos e manteve durante todo esse tempo a linha-dura do marido. "Só que agora surgiu a oportunidade e eu achei que não fazia mais sentido negar". Ainda bem. É da máquina de Ildete e de suas companheiras de barracão que estão saindo as 120 fantasias da Ala das Baianas. Primorosas.



Márcio Dias, 25 fantasias por dia



Arilson Sampaio, mestre nos detalhes



Ildete Brito, fantasia com amor



José Marcos, trabalho em tempo integral

Outras fantasias de destaque estratégico no enredo do carnavalesco Max Lopes estão sendo montadas em grandes bancadas de madeira no segundo piso do barracão. São equipes de, em média, sete pessoas, responsáveis por deixar as fantasias prontas e embaladas em sacos plásticos. Em seu quinto ano de Mangueira, Arilson Sampaio, de 31 anos, participou da equipe que montou 160 fantasias de alas infantis da escola – 100 retirantes e 60 baianinhas. "Nosso trabalho começou em outubro, com o levantamento do material necessário para compor as fantasias a partir de um protótipo

entregue pelo Max Lopes. No início de novembro começamos a cortar os panos. E nosso prazo de entrega é 30 de janeiro, chova ou faça sol", explicou Arilson, que fez cursos de serigrafia e cenografia de teatro antes de descobrir a grande escola de arte que é um barracão de escola de samba.

Separado do grupo de Arilson por um biombo, o "calouro" Márcio Dias, de 35 anos, lidera a equipe com a mais espinhosa produção de fantasias do carnaval mangueirense de 2002: as 320 fantasias da bateria tiradas do maracatu. É a ala mais numerosa da escola e, para tornar a empreitada ainda mais épica, trata-se da fantasia masculina com mais detalhes. "É uma fantasia belíssima. Só conseguimos fazer 25 por dia por conta desse detalhismo. Mas nesse ritmo vamos fechar tudo até 30 de janeiro", apostou Márcio, ainda em dezembro, à frente de um mar de chapéus que faz jus à fama de requinte no



Augusto Cezar, um talentoso aderecista



Aramis, senhor de todos os segredos



O capricho no enfeite do boi-bumbá

vestir de Lampião, o rei do cangaço. A peça tem rendas em forma de cortina – feitas uma a uma com agulha e linha –, plumas, espelhos e, detalhe supremo, cabelos postiços de nobreza européia medieval.

O “calouro” Márcio, que comanda essa incursão ao cangaço, é na verdade um veterano. Começou há 11 anos e passou por várias escolas. Muito organizado, com a ajuda de uma agenda em que tudo anota, ele contou que o trabalho começou em 6 de novembro. “Foram gastas 21.500 pedras para os chapéus e, até agora, 30 mil metros de fita”, disse ele no final de dezembro, poucos dias antes do Natal.

O trabalho de Márcio e de outros aderecistas responsáveis por muitas fantasias não se esgota no barracão. “Vamos para a pista no dia do desfile com um kit de emergência, basicamente composto por

agulha e linha, para retoques de última hora na concentração”, explicou Augusto Cezar dos Santos, de 32 anos, um dos grandes talentos em adereços surgidos no carnaval carioca nos últimos anos. No comando de uma brigada de sete aderecistas, Augusto teve sob sua responsabilidade 100 fantasias de índios, 100 de africanos e 100 de mucamas. “No carnaval passado, meu primeiro na Mangueira, foram 200 fantasias. Agora, já são 300. Acho que a escola está sabendo valorizar um bom trabalho”, contou Augusto.

Está mesmo. Que o diga José dos Reis Vasconcelos, de 51 anos, o Pará, um dos mais experientes operários da fábrica, mago da fibra (resina) reconhecido pelas outras escolas como um mestre no assunto. “Eu me sinto bem trabalhando aqui, tenho autonomia e posso ser cobrado pelo que faço porque me dão estrutura”, atestou Pará, chefe de uma equipe de sete pessoas que, este carnaval, teve uma baixa. “Minha mulher Maria Rosana, que sempre me acompanha, este ano deu à luz minha filha Bruna Aimé. A menina está com dez dias de vida”, contou Pará, em 11 de dezembro.

Profissional requisitado para trabalhos em TV, teatro e cinema – fez *Brincando nos campos do Senhor* e *Guerra de Canudos*, entre outros –, Pará tem seus segredos. “Quer saber um? Minha receita de mingau”, disse ele, com cara de quem ia contar piada. Mas era sério. “A cola que eu uso nas minhas esculturas de fibra é feita de farinha de trigo. Eu mesmo faço. Fervo água, coloco a farinha e fico mexendo para não empolar, até ficar

pronta. Vou gastar uns 150 quilos de farinha de trigo este carnaval”, ele deu a receita. Depois de concluir a montagem das peças que iriam compor os carros alegóricos da escola, Pará e sua equipe dedicaram-se à tarefa de montagem. “É a parte mais complicada. Às vezes, na hora do encaixe, você percebe que há diferenças entre a ferragem e a escultura. E é claro que você não pode mais mexer na ferragem. A gente tem que agir rápido em situações como essas e eu tenho meus segredos. Mas esses eu não conto”, brincou Pará.

Com certeza o recordista de segredos do barracão da Mangueira atende pelo nome de Aramis Santos, 69 anos de idade, 42 de verde-e-rosa e “mais de 50” de carnaval. Ele é o gerente-geral da casa e, com a experiência de mais de cinco décadas de samba nas costas, tem alguns segredos que resolvem impasses no barracão do Santo Cristo. Mas esses segredos ele guarda a sete chaves.

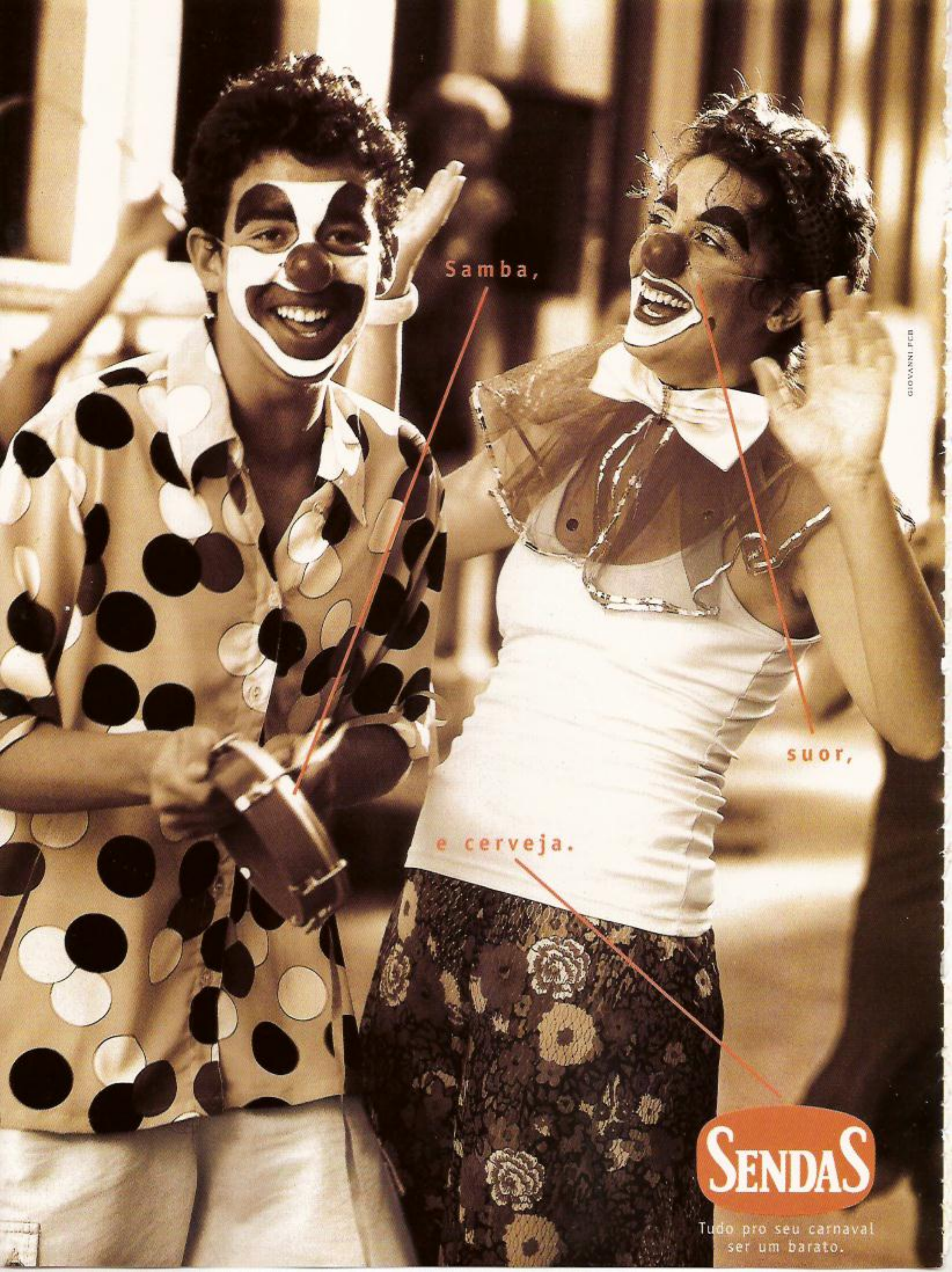
O gerente-geral tem um rádio ligado 24 horas por dia e, mesmo quando está

dormindo em casa, não desgruda do aparelho. “Sempre que ele toca, imagino que é notícia ruim. Um temporal que inundou o barracão, um incêndio”. Aramis só alivia a tensão depois de cumprir um ritual todas as manhãs: circula por todos os setores do barracão, verifica se está tudo bem e respira aliviado. “Passamos mais um dia, graças a Deus”, ele repete. No dia do desfile, até armar a escola na boca da pista, Aramis não terá descanso. Só mesmo quando a Mangueira entrar na avenida ele vai experimentar um momento de descontração. “Eu desfilo como chefe dos guardiões do casal de mestre-sala e porta-bandeira. Nessa hora só me preocupo em abrir espaço para a evolução dos dois”.

Aramis merece mesmo esse momento de relativa paz depois de um ano de trabalho duro no barracão. Mas tem gente que nem isso consegue. “No meu caso, só vou relaxar depois que a escola inteira sair da avenida e eu me certificar

que os carros não sofreram nenhuma avaria”, diz o marceneiro José Marcos Coutinho, de 36 anos, chefe do setor de madeira da fábrica. Há sete anos na Mangueira, José Carlos é o que se pode chamar de operário *full-time* da escola. O trabalho dele começa no primeiro dia útil depois do carnaval, com a desmontagem das alegorias, e vai até a dispersão da escola na Marquês de Sapucaí, no desfile do ano seguinte. “Acho que o desfile é o momento mais tenso de toda essa caminhada. Eu vou para a concentração com minha equipe para os ajustes de última hora e, enquanto a escola está na pista, corro com a turma para a dispersão para esperar o fim do desfile. É uma maratona”, contou José Carlos. Nem bem acaba uma, começa outra. José Carlos, como todo artista do carnaval, sabe que o show não pode parar. ■





GIOVANNI FCB

Samba,

SUOR,

e cerveja.

**SENDAS**

Tudo pro seu carnaval  
ser um barato.



# MANGUEIRA, NORDESTE, EMBOLADA E PADEIRINHO

Neste Nordeste em tão boa hora cantado pela Mangueira, cantoria é sinônimo de desafio, disputa poética cantada. E, assim como a fina e elaborada arte dos repentistas nordestinos, o partido-alto carioca é um gênero de cantoria e, às vezes, também uma forma de desafio. Com regras não tão rígidas quanto a cantoria do Nordeste – em que as estrofes são classificadas segundo número de sílabas, de versos e de sua distribuição pelos cantadores, com denominações como galope, gabinete, martelo, moirão etc. –, com regras então bem mais flexíveis, o partido-alto carioca pode-se definir, a princípio, como um tipo de samba constante de um refrão, cantado em coro, e uma parte solada. Interpretada em forma de desafio por dois ou mais cantores, essa segunda parte se constitui de versos improvisados ou do repertório tradicional, que podem ou não se referir ao assunto do refrão.

Interessante que, de início, os solos desse tipo de samba eram feitos principalmente em forma de quadri-nhas ou trovas, quase sempre em versos de sete sílabas, mas sem padrões rigorosos de métrica e com rimas apenas nos versos pares. Mas a prática foi-se aprimorando, com a utilização de estrofes de seis versos, ou de cinco e até sete, talvez pelo contato com a embolada nordestina.

Mais que gênero ou estilo, a embolada é um modo de versar, utilizado principalmente no coco e que, na cantoria, se mostra na forma também conhecida como “martelo”. E essa sua influência no samba carioca pode ter vindo de longe, com o tráfico interprovincial de escravos, principalmente da Zona da Mata, região onde as várias modalidades do samba rural até hoje balançam as cadeiras da moçada. Mas foi certamente o rádio, a partir da década de 1930, o dado fundamental na difusão dessa arte, por meio de vozes como as de Minona Carneiro e Manezinho Araújo.

Severino de Figueiredo Carneiro, o Minona, cantor de emboladas no Recife, veio para o Rio em 1928, com o conjunto Voz do Sertão, organizado pelo

bandolinista Luperce Miranda. E, aqui, gravou com grande sucesso emboladas suas e de outros autores, tendo entretanto que regressar ao Recife por motivo de saúde, vivendo lá seus dias finais.

Chegando ao Rio um pouco mais tarde, Manezinho Araújo, discípulo e amigo de Minona, teve mais sorte. Principalmente no período de 1937 a 1950, no qual, com suas emboladas hilariantes, foi um dos mais populares artistas da poderosa Rádio Nacional, influenciando toda uma geração de autores, inclusive aos mangueirenses.

Pois o Morro de Mangueira, como todo o Rio de Janeiro e boa parte do Brasil, viveu na órbita do rádio e foi por ele influenciado, tanto quanto hoje o Brasil urbano e o rural recebem as boas e más influências da televisão.

Foi assim que grandes criadores mangueirenses, como Xangô, Zagaia e Geraldo das Neves, entre outros, utilizaram-se da matéria-prima “emboladeira” em sua obra, recriando-a em verde-e-rosa. Mas nenhum deles talvez tenha ido tão longe quanto Osvaldo Vitalino de Oliveira, o Padeirinho (1927–1987), em cujos versos a inventiva, a picardia e o rigor poético quase chegaram às infinitas alturas da cantoria nordestina.

“Desço de madrugada, / enganando à moçada / que vou trabalhar. / Mas, porém, quando a fábrica apita, / pego na marmitta / e vou-me alimentar” – desafiava ele, na roda de partido, para logo em seguida tranquilizar o adversário: “Calma, pessoal, / não é nada não: / é a minha gambá, / que está na janela daquele edifício, / fazendo exercício / pra não engordar”.

Compadre Padeiro, lá no Céu dos cantadores, deve estar feliz com este enredo nordestino da sua Mangueira!

Nei Lopes é compositor popular e autor, entre outras obras, de *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical* (Pallas Editora, 1996)





Um gesto **Ourocard** diz muito sobre você.

**Ourocard**  
Gold



0712 3456 7890

00/00

ANDREA L. SOBRAL  
0000-0 000.000-0



LOWE LINTAS & PARTNERS

**Clube  
Ouro**



**Você evita gestos  
de adeus com gestos  
de aproximação.**

**BANCO DO BRASIL**

[www.bb.com.br](http://www.bb.com.br)

Central de Atendimento Ourocard 0800 990001



# Um enredo pra lá de arretado

Texto de Eduardo Graça  
Fotos de Renato de Aguiar

O Nordeste, sua gente e sua arte, suas dores e esperanças, suas danças e seu artesanato, suas crenças e suas cores. Com um samba danado de bom e a tradicional garra de seus componentes, a Mangueira lança este ano um olhar todo especial para o povo nordestino em *Brazil com Z é Cabra da Peste, Brasil com S é Nação do Nordeste*.

# Já

cantou o poeta: a Mangueira é onde o Rio é mais baiano.

E pernambucano, cearense, maranhense, paraibano, alagoano. *Brazil com Z é cabra da peste, Brasil com S é nação do Nordeste* leva para a Avenida a força mítica do Brasil de arriba. Personagens são muitos, não carece esforço para encontrá-los: há Virgulino, o Lampião, e Antônio Conselheiro, o anti-herói de Canudos. Há Zumbi e Calabar. Há o padre Cícero Romão Batista, benzendo milhares de afilhados-passistas. E há os seres que pairam para além

da história, oriundos de uma mitologia barrocamente grafitada: o Velho Chico, rio-mar, os entes da noite, boitatá, cobra-de-fogo, lobisomem e mula-sem-cabeça. Há ainda a arte e a dança, a cantoria e as rezas, o carnaval e a história.

Ao imaginar o enredo que a Mangueira apresenta em 2002, o carnavalesco Max Lopes queria tratar de tema aparentemente vasto, mas por viés específico: contar a história de um povo que atravessou os séculos defendendo o seu chão. Contra os invasores europeus, contra os portugueses, contra os exploradores, contra a indústria da seca. A louvação ao Nordeste passa, pois, pelos mais variados níveis. Logo na abertura surgem os "cangaceiros da paz": os netos de Lampião, todos

de branco, sem armas, mas com pombas e distribuindo balas... de coco para a multidão.

É a senha para que o carnaval nordestino entre em cena, como metáfora da utópica comunhão das três raças: índios, negros e brancos confraternizando em praça pública, cada qual com sua mortalha, revelando, sem medo, glórias e contradições. E também guerreando, o que é que há? Cada um apresenta

suas armas em diferentes alas: há o negro sabre, o branco espada e o índio com tacapes, flechas e facões.

Outro capítulo importante é dedicado à crença e à fé dos nordestinos. Seu caráter ritualístico, mas também profano. Pensemos em romarias, em padre Cícero, mas também em Antônio Conselheiro e Canudos. No barroco das igrejas e no branco profundo dos cultos africanos de todos os babilorixás. E a Sapucaí é tomada pela água-de-cheiro da lavagem do Bonfim. Que não interrompe a força dos causos e credices, em lendas como a que, juram os mais velhos, faz com que pescador jamais afunde no leito do São Francisco desde que leve consigo uma carranca na proa.

Nordestino que se preze também sabe que os deuses devem ser louvados. Dança e canto têm sua vez, como não poderia deixar de ser, na verde-e-rosa. Há o bumba-meu-boi, o boi-bumbá e a folia do reisado, as pastorinhas vestidas de azul e encarnado, o rei Congo batendo o tambor, o maracatu impe-rando. É neste ponto que Max Lopes pôde incrementar as cores e o luxo das fantasias. O folclore está inserido em toda a

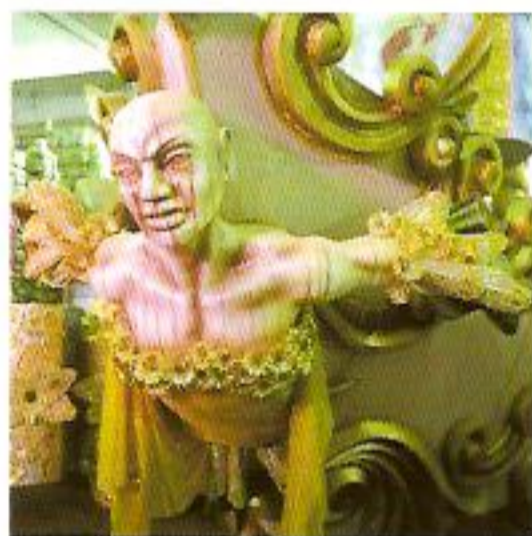


escola: a porta-bandeira, em trajes deslumbrantes, é a rainha do maracatu, enquanto a bateria incorpora a função dos ministros na mesma tradição folclórica.

Há também alegorias, como a dos bonecos-gigantes de Olinda, que prometem silenciar a Avenida. De espanto. Mas só por um segundo. Pois ainda há que se curtir o fandango, o forró, o baião, o frevo, o xaxado, o coco, as quadrilhas de São João. E ninguém vai ficar quieto quando a festa junina

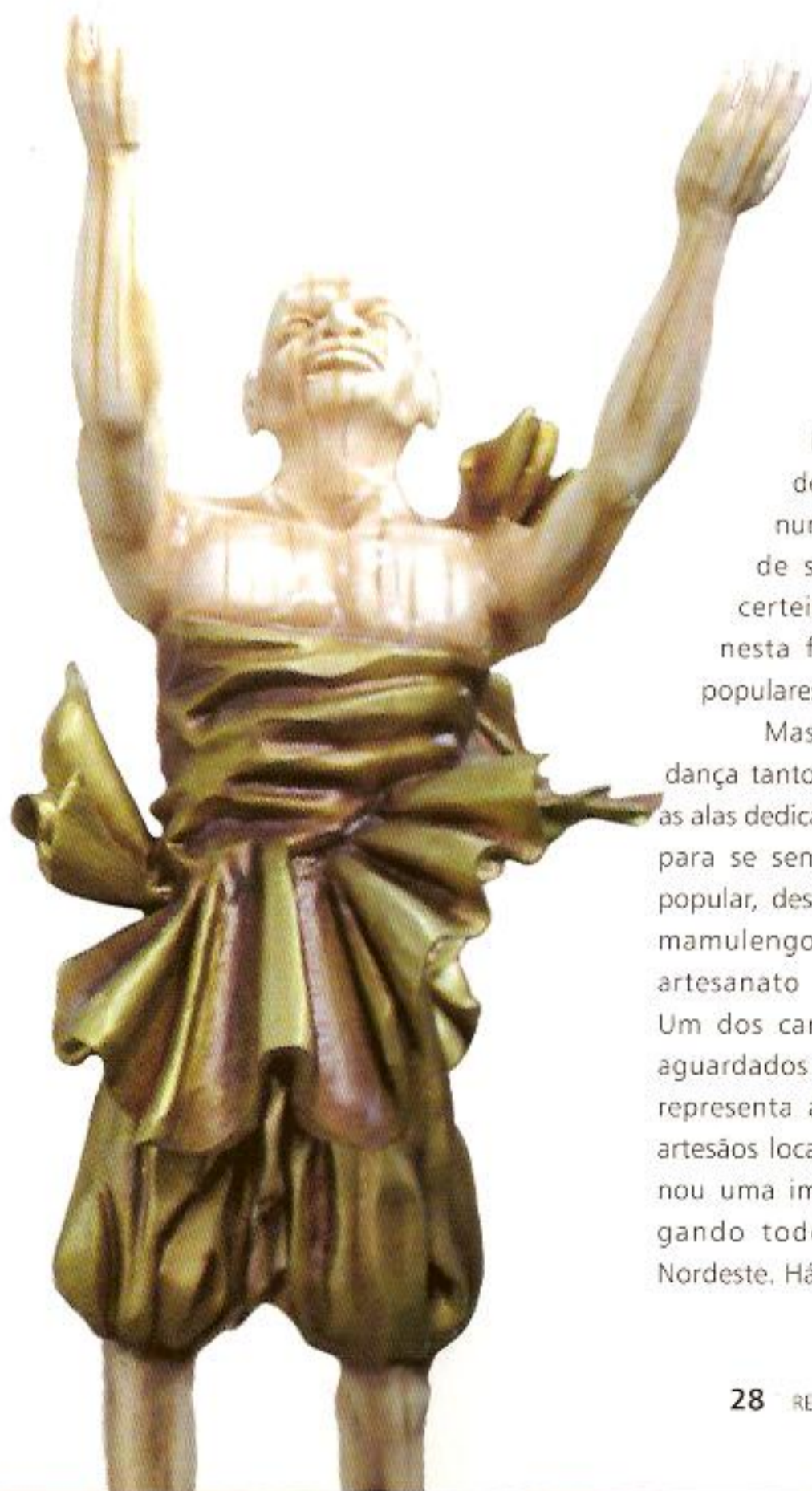
do Nordeste, a maior do Brasil, chegar na forma de uma surpresa que ninguém quer revelar. Quem sambar, verá. E saberá que não se deixou de lado Luiz Gonzaga, o mestre Lua, louvado por alardeiros de dançarinos num rala-coxa em passo de samba. Uma aposta certa da Velha Manga nesta fusão de ritmos tão populares quanto complexos.

Mas onde se bebe e se dança tanto assim? É só conferir as alas dedicadas às festas do povo para se sentir em um mercado popular, desfrutando da arte dos mamulengos de bonecos e do artesanato de mestre Vitalino. Um dos carros alegóricos mais aguardados é justamente o que representa a rica produção dos artesãos locais. Max Lopes imaginou uma imensa jangada carregando todo o artesanato do Nordeste. Há cestarias com frutas,



Os doces e as figuras que vêm do Nordeste nos carros da Mangueira

flores, muita cerâmica. E, em volta da embarcação, cerca de 40 pescadores, munidos de suas redes em uma coreografia especialíssima. Mais um detalhe: o carro é puramente artesanal, sem brilhos ou efeitos especiais. É a festa do interior, simples e deslumbrante, basta aproximar-se.





O bumba-meu-boi é a estrela do carro que mostra as festas populares nordestinas

Já deu água na boca? Então se prepare: os pratos típicos são outro ponto alto do enredo de 2002. Desde a descoberta da cartola, o doce homônimo do querido compositor, até aos acepipes mais conhecidos – galinha de cabidela, macaxeira, abará, carne-de-sol, caruru, acarajé, mungunzá e vatapá –, tudo cabe no tabuleiro da Mangueira. E ninguém precisa se avexar: aqui também se canta o sertão. E se louva o sol bravio, o calor de rachar, os tipos imortalizados pelo Cinema Novo, a seca, a dura realidade desta gente, por que não?

Mas em Mangueira, como se sabe, até o pranto é diferente. E, em um intencional alerta aos

dirigentes da nação, o desfile termina com uma promessa de futuro. O Nordeste – e quem vai duvidar? – se transfigura em Terra Prometida, com um prêmio especial: a justiça social. Toda magia e riqueza são oferecidas em comunhão ao retirante que volta, nesta procissão às avessas dos que acreditam no progresso e na riqueza. Max Lopes chama estas entidades de “retornantes”. São os nordestinos que voltam para uma terra

### O Nordeste se transfigura em terra prometida enquanto o povo encontra, enfim, a justiça social

que hoje já colhe um dos melhores melões e uma das melhores uvas do Brasil, além do algodão colorido, de qualidade ímpar. Por isso, o último carro mostra a água jorrando, lavradores arando a terra, tudo floresce. Fantasia de uma noite de carnaval? Que nada. É só cerrar bem os olhos,

logo depois de a Mangueira deixar a Apoteose, que dá até para ver Lampião de braços abertos, abençoando uma raça arretada que jamais se entregou. ■

## Brazil com Z é pra cabra da peste, Brasil com S é nação do Nordeste

Enredo de Max Lopes  
Pesquisa de Marcos Rosa  
Texto de Osvaldo Martins

**E**bala pra todo lado que Virgulino, cabra invocado, hoje acordou bem humorado. Não se avexe, meu irmão, não sinta medo nem aflição. É bala de coco, é melado, pro povo que fica dos lados e pro povo que vem atrás. A invasão é total, nunca se viu coisa igual – nem neste nem em outro carnaval. É índio, é branco, é negro e mulato, nessa festa sem recato que a Mangueira vem mostrar – nos autos da sua crença, meio de fé meio profano, tudo vida sem engano pro mundo se admirar.

O conto que a gente canta é a história que o povo faz. É o samba que os males espanta dos cangaceiros da paz. No surdo sem resposta, do jeito que a gente gosta, vamos passar e sambar. Do sertão, no lombo do jegue, que o diabo nos carregue até a beira do mar.

Quero dizer pro senhor, e sem medo de errar, que esta terra bendita, de sol e de seca, e de calor de rachar, é a mesma da rede de renda que embala da brisa que sopra no agreste:

Cabra da peste é o que não faltava nos tempos de ocupação. Era francês, holandês, tudo de olho neste torrão. De invasão em invasão, e para cada expedição, um brado sempre surgia – o da nossa reação. Um quilombo a cada dia era a nossa garantia pros cabras arrepiar. Um Zumbi e mil Palmares para cada Calabar.

Nomes havia muitos para mesma a situação. Revolta, levante, guerra, balaiada e revolução. Negro sabre, branco espada, índio tacape, flecha e facão. Era sangue pra todo lado, numa só conjuração, contra a tal de opressão. Gente simples morria mais, como soe acontecer. Pobres mascates, e até alfaiates entravam na guerra sem saber. Em nome da liberdade, quantas vidas se perdeu!

E a patuléia sofrida, ante tanta atrocidade se indagava da verdade: cadê o meu? Cadê o meu?

A paga vem do céu, se cantava em romaria. Naqueles tempos bicudos, os da Guerra de Canudos, os parias se admiravam do sermão daquele guia. Deus é paz ele dizia, e mais vidas consumia, dia e noite, noite e dia. A História nunca provou se era santo ou embusteiro. Só se sabe que tinha o nome de Antônio Conselheiro.

Entre causos e credices, lendas e mitos não faltavam. Seres da mata ou filhos da água, eles

sempre assombrava. É boitatá, cobra de fogo, e do ipupiara não há quem esqueça, Lobisomem da lua cheia, atrás da mula sem cabeça.

Contra o fogo do dragão e pra espantar assombração, em nome da boa navegação até hoje é tradição e o velho Chico não perdoa: não afunda que trouxer uma carranca bem na proa.

O auto do povo é isso: sua fé e seu pecado. Na dança e no canto quem gira chega dando seu recado – na festa do bumba-meu-boi e na folia do reisado.

Nas cores das pastorinhas, o azul e o encarnado. Rei Congo bate o tambor, é maracatu sim senhor, com o luxo de seus adornos, muitos brilho e muita cor. Mamulengos de bonecos, João Redondo é nosso herói. Dos marujos no fandango da chegada sem destino – todos no mesmo balaio do folclore nordestino.

A festa do povo se faz no forró e no mercado. Se ensina desde menino que a arte de Vitalino tem barro misturado com baião e com xaxado. No cesto e no traçado, como em todo o artesanato e no chão simples da rua que a vida chega pra se mostrar. Se come, se bebe, se dança, a vida é uma festança em cada feira popular.

A renda do bilro cativa quem passa pra namorar e come um doce chamado Cartola, esse nome tão familiar. Comida pra todo gosto, pro mais fino paladar. Galinha de cabidela, macaxeira e abará. Carne de sol, caruru, acarajé e mungunzá. Sem falar do mais famoso, o irresistível vatapá.

Mestre Lua já ensina na sanfona e no gogó que o baião precisa dois, mas se gruda vira um só. Rosto colado, abraço apertado, peito suado, separa mais não. Coxa com coxa, o sangue fervendo, não há quem resista a tal tentação. Solto é o frevo, cada um pro seu lado de passo marcado e sombrinha na mão. Já o coco rasgado, se dança de lado parece quadrilha que nem São João.

A alegria do povo, que nunca se finda, explode de novo nas ruas de Olinda. Boneco que sobe e que desce ladeira não há quem não entre na tal brincadeira. É como na Barra, na praia e na praça: a Bahia se enlaça em tal ferveção que a gente só pensa em vestir a mortalha, e em volta do trio se acabar no cordão.

(Osvaldo Martins)



Nada como  
um Leite de Rosas  
após o outro.



 **Leite de Rosas<sup>®</sup>**  
É único.

# MANGUEIRA



## Santa Mônica Centro Educacional



### PARCEIROS PELA CIDADANIA

No ano em que completa 35 anos de sua fundação, o Santa Mônica Centro Educacional vem, mais uma vez, reafirmar o sucesso e satisfação obtidos com a parceria mantida com a Mangueira.

Como fruto desta relação de longas datas, surgiu a ESCOLA TIA NEUMA GONÇALVES, erguida e mantida pelo Santa Mônica Centro Educacional, no Complexo da Vila Olímpica da Mangueira.

**Escola Tia  
Neuma**  
Gonçalves

A Escola Tia Neuma está completando seu primeiro ano de atividades e atende gratuitamente a mais de 360 crianças entre a Classe de Alfabetização e a 4ª série do Ensino Fundamental, diminuindo a carência da comunidade neste segmento educacional.

Juntando-se a Escola Tia Neuma e Escola Padre Valério Pierpaoli, outra unidade assistencial, mantida em Seropédica, RJ, o Santa Mônica Centro Educacional atende a mais de 1000 crianças e jovens nos mesmos padrões e procedimentos de qualidade das demais unidades espalhadas pelo Rio de Janeiro.

A parceria entre a Mangueira e o Santa Mônica Centro Educacional é uma demonstração clara de que a união de instituições em torno de objetivos relevantes contribui para a diminuição das diferenças sociais existentes em nosso país.



**Santa Mônica**  
Centro Educacional  
DIREÇÃO ALBANO PARENTE

**Barra da Tijuca**  
Av. Fernando de Matos, 48  
Tel/Fax: 2493-4554

**Bento Ribeiro**  
R. Divisória, 79  
Tel/Fax: 2450-2410

**Campo Grande**  
Est. Cachamorra, 132 A  
Tel/Fax: 3394-6740

**Cascadura**  
R. Cerqueira Daltro, 244  
Tel/Fax: 2594-2836

**Excelência Pedagógica**  
R. Cerqueira Daltro, 245  
Tel/Fax: 2595-9655

**Madureira**  
R. João Vicente, 173  
Tel/Fax: 2450-1222

**Maricá**  
Av. Vereador Francisco Sabino da Costa, 905  
Tel.: 2637-3419

**Santa Cruz**  
R. Primeira, 848  
Tel/Fax: 3395-0647

**Mangueira**  
R. Santos Melo, 73  
Tel/Fax: 2241-8112

**Disk matrículas**  
**0800-703-2400**

**Piranema**  
Est. Santa Rosa, 659  
Tel/Fax: 2688-6500

[www.santamonice.com.br](http://www.santamonice.com.br)

# MAX LOPES o arquiteto da folia

Texto de Ernesto Soto e Regina Zappa  
Fotos de Renato de Aguiar

Neste carnaval ele está completando seu jubileu de prata. São 25 anos de desfiles. E esta será a quarta vez que a Estação Primeira vai desfilar mostrando a arte e a criatividade do carnavalesco Max Lopes. Fazer o carnaval da Mangueira não é para qualquer um. Mais do que uma escola de samba, a verde-e-rosa é uma escola de vida e as cobranças da nação mangueirense são muito maiores do que as de qualquer outra escola. Max sabe disso. E como! "Na Mangueira a gente tem sempre que fazer um carnaval melhor do que o do ano que

passou", constata. Mas um dos segredos para ter sucesso, conquistar os

mangueirenses e brilhar na Sapucaí é um só: trabalhar mais com o coração do que com a razão.

Para manter o coração em forma Max se refugia na sua casa de Cambinhas, espremida entre o mar e a montanha, e é no jardim, junto a uma fonte d'água, que ele vê jorrar as idéias que costumam conquistar o público e tornar fascinantes os desfiles das escolas sob o seu comando.



### Como é fazer o carnaval de uma grande escola?

Tem gente que pensa que fazer carnaval é só com lápis e papel, e não é bem assim, não é?

### Como começa o seu trabalho?

A primeira coisa é saber o que escola quer fazer para ver que tipo de temática, colorido, que tipo de carnaval a gente faz. Cada escola tem uma característica. E a Mangueira é uma escola complicada em termos de tradição. Ela tem uma força muito tradicional que exige um enredo com forte dose de tradição. Não pode ser uma coisa jocosa, brincalhona, irreverente, porque para a Mangueira isso não dá certo.

### O que poderia dar certo em outra escola não funciona para a Mangueira?

A Mangueira é uma escola de porte mais pesado, mais cultural, tem mais força de tema. Por estar no cume de uma organização que são as escolas de samba tudo se torna mais difícil na Mangueira porque a cada ano a gente tem a obrigação de fazer uma coisa que supere o carnaval anterior. Se a gente faz um belo carnaval na Mangueira todo mundo espera uma coisa melhor no outro ano. Além do mais, aqui eu trabalho muito com o coração, mais do que com a razão. Se isso ajuda muito por um lado, por outro dificulta, porque a energia vai toda, você se sente sugado. Mas vale a pena porque eu sou muito querido pela comunidade, pela diretoria, todos me respeitam muito. A diretoria passada, do Elmo, e essa atual do Alvinho me ofereceram todas as condições de trabalho, muita liberdade e muita tranquilidade.

### Você se preocupa com a parte técnica ou só com a criação artística?

Na verdade eles procuram me ajudar em tudo. Eu vou fazendo a minha parte que é a criação artística e a técnica vai ficando por conta deles. Isso facilita, a gente se entrega mais. Apesar de que também gosto de ver a parte técnica, de dar minhas opiniões. A gente tem que pensar em tudo, no movimento da escola. Quando se cria alguma coisa para uma escola tudo tem que ser pensado. Por isso que eu disse que primeiro a gente tem que saber para que lado a escola vai e a criação se dá em função da característica da escola, não só temática, mas técnica também. Têm escolas que não suportam o tema que a gente leva, então temos que ser comedidos. Na Mangueira é preciso fazer alguma coisa além do que a gente suporta, do que eu suporto.

### Como é que é isso?

Porque a escola segura a onda. Ela tem uma técnica invejável, uma harmonia perfeita, uma diretoria muito atuante, uma Velha Guarda que existe, então ela suporta, você pode botar um enredo de peso. Eu estou escrevendo três enredos novos, estou acabando esse e pegando outros. Hoje vou pegar uma sinopse de um novo tema. Um dos enredos, por exemplo, é um carnaval violentíssimamente pesado, que pega uma parte esotérica, bíblica, que mexe com a cabeça das pessoas, como foi o dos ciganos que fiz um dia.

### Você acha que o tema esotérico é apropriado para a Mangueira?

Acho. Quando fiz o Braguinha, eu já tinha os ciganos guardados para a Mangueira, mas eu não voltava para a escola, não conseguia voltar, aí acabei



fazendo na Viradouro. Um carnaval difícil de uma escola segurar, e difícil para mim também porque eu acabei me envolvendo muito por um lado esotérico, acabei virando um cigano também! (risos) Eu gosto muito de tema esotérico...

**Você é uma pessoa mística?**

Sou, sou muito, e esotérico também. Tem coisa mais forte do que a natureza? Não tem. A gente está lidando com isso à nossa volta desde que nasce. Quando morre é porque aquelas forças já não atuam mais sobre a gente, não é? A Mangueira vem com um tema aparentemente simples que é falar do Nordeste, mas de uma riqueza sem par, uma riqueza única. Eu fui muito feliz nesse título *Brazil com Z*, porque eles não apenas expulsaram os invasores, os chamados de cabra da peste na época, como também procuraram defender o seu chão, a sua terra, apesar de não terem armas. Até hoje não houve interesse para que isso acontecesse. Eu acho que esse enredo tem um cunho de alerta para que as autoridades invistam um pouco no Nordeste. Eu acredito que a grande tacada, a grande salvação do Brasil está ali. Não é mais no Sudeste nem no Sul, isso já se esgotou. Eu acho que a grande força está no Nordeste. Agora é uma força um pouco perigosa porque é um povo extremamente inteligente – talvez até porque tenha sofrido muito – e culto no que diz respeito ao artesanato. Eles são muito criativos em tudo, até no colorido. Então, a gente procurou tirar daquilo que aparentemente é simples, uma força até política, expressa no último carro com “os retornantes”, um termo que ninguém conhecia, acho até que a gente que inventou, os retirantes e os voltantes... Mas voltando com a alegria de poder ver uma terra promissora, com água, com tudo. Com o pouquinho de água que eles têm já estão colhendo a melhor uva do país, o melhor melão! Como eles não têm água criaram a energia eólica, inventaram até um celular sem antena, eu fui saber disso agora quando estive lá no Nordeste.

**Fazer o carnaval da Mangueira é uma grande responsabilidade e deve haver uma cobrança muito grande...**

A maior é a minha mesmo. Não é nem a diretoria, pelo contrário, é uma coisa minha. Por exemplo, eu estou escrevendo novos textos, novos enredos,

já imaginando que serviria para a Mangueira, porque a gente fez um contrato de três anos. Então, eu já tenho que pensar nos próximos carnavais porque a gente não pode deixar a peteca cair, ainda mais sendo a Mangueira. O pessoal do morro já falou para mim: “Não tem problema, quando entrar a próxima administração você vai continuar! Quem entrar já sabe que você continua!” e para mim está tudo bom! Aqui eu trabalho de uma forma bem diferente. Por exemplo: eu estive nos ensaios e fiquei encantado. Grupos vão apresentar danças populares, maracatu, samba-de-crioulo, achei aquilo muito bonito, o pessoal pingava

de molhar o chão. Isso é lá na Praça Onze, e hoje vou de novo para ensaiar a guarda de honra da porta-bandeira.

**Vocês esse ano estão ensaiando a diretoria, o que é uma coisa inédita, não é?**

Isso não sou eu que estou ensaiando não. O que aconteceu foi que a gente estipulou que a diretoria viria fantasiada e eles resolveram fazer uma teatralização! É uma coisa inédita no carnaval, mas eles se entusiasmaram com a fantasia de Lampião e Maria Bonita e isso na Sapucaí vai ficar muito bonito e colorido. Agora eu vou bolar uma roupa para os mecânicos, engenheiros, decoradores, dentro do espírito nordestino

também. Este ano não vai ter ninguém de camiseta. Aliás a Mangueira é bem pioneira e é bem possível que ano que vem as escolas todas venham assim.

**Como é seu método de trabalho?**

Eu moro em um lugar paradisíaco, Cambinhas. Naquela praia maravilhosa, do lado da montanha. Todo mundo diz: “Você demora uma hora pra chegar em casa, não é cansativo?” Quando chego em casa me reciclo, tenho um chafariz, sento do lado dele e fico ouvindo aquele barulhinho de água caindo. É ali que penso tudo, tenho a inspiração. Aqui eu não consigo desenhar nada, tenho que ir para casa. Não sei se me condicionei psicologicamente, mas é assim que acontece. Em termos desse enredo, achei muito difícil. Tudo bem falar do Nordeste, mas vamos falar dos nove estados? Certo, vamos, mas então como nós vamos falar? São oito carros permitidos, são nove estados, eu não poderia botar um carro para cada estado senão ficava óbvio, manjado. Então nós resolvemos bolar uma coisa diferente. Aí eu me

**‘Aqui eu trabalho muito com o coração, mais do que com a razão’**

reúno com o historiador que trabalha comigo, meu assistente, meu cenógrafo e um escritor. A gente faz uma série de almoços na minha casa, eu tenho uma empregada mineira muito boa. (risos) Durante esses almoços e depois deles a gente começa a bolar alguma coisa. Eu trabalho muito em equipe. A coisa sai da minha cuca, mas a gente diversifica porque as idéias vão se somando e de repente vem coisa boa. Aí eu boleei o seguinte: vamos falar de assuntos que caracterizaram a história do povo nordestino, as invasões, a expulsão dos invasores que uniu brancos, negros e índios. No enredo, o índio arco e flecha, o branco bazuca e o negro tacape. E assim conseguiram. Dali começou a se formar uma raça, então a gente começa daí, da invasão dos cangaceiros da paz, que seriam os cangaceiros voltando de branco com uma bandeira com a pomba branca e sem arma, eles vão jogar bala, mas bala de coco, para o público. Então nós vamos começar a história daí. Nesse carro dos cangaceiros da paz tem brancos, negros, descendentes de índios, e aí a gente já conta um pouco da história: os invasores, a expulsão dos invasores, e é lógico que vem alas representando essas raças.

#### **Como você trata a falta de água?**

Eu não quis entrar muito nessa parte triste. A gente é otimista, a gente diz que se investir vai dar certo, então mostra os melões, que são os mais doces do Brasil, e as uvas, porque no Nordeste já se faz um dos melhores vinhos da América Latina, por incrível que pareça. Aí a gente vai tratar isso, o último carro mostra a água jorrando, o povo trabalhando, arando a terra. O folclore, por exemplo, a gente trata de uma forma bem diferente, inserido na escola: a porta-bandeira é a rainha do maracatu, a bateria vem de ministro do maracatu, as baianinhas vêm de calangas. Aí a gente fez um samba-de-roda de crioulo maravilhoso, maravilhoso...

#### **E você inseriu as festas típicas como a quadrilha, o bumba-meu-boi...**

A maior festa junina do Brasil é a nordestina e a gente vai fazer um arraial. Isso vai ser uma surpresa também. Tem bumba-meu-boi também, tem que ter. Tem bumba-meu-boi e boi-bumbá. Vai ter um arraial, uma fazendinha, e eles vêm dentro, a gente vai cercar.

#### **Você fez pesquisa de campo, andou pelo Nordeste?**

Fiz, estive em vários estados, em muitos lugares, sempre gostei muito das coisas do Nordeste.

#### **E o artesanato nordestino?**

##### **Como vem?**

É uma imensa jangada carregando o artesanato de todo o Nordeste. Coisas da Bahia que eu trouxe: tem cestaria com frutas, flores, cerâmica, esses barrinhos todos a gente vai ter. Vai ter gente também e em volta da jangada vamos ter 40 pescadores com redes de pesca com uma linda dramatização. Vai ficar bonito. E o carro é puramente artesanal, não tem brilhos, não tem nada. É um trabalho de macramê, só algodão. Agora, lá no Nordeste, eles estão inventando algodão que já nasce colorido, já tem rosa, verde-água, marrom. Eles são um povo muito inteligente. Eu lamento, já tivemos tanto presidente nordestino e se olhou tão pouco para aquilo lá. Se investissem mais, o povo não precisaria sair de lá. Hoje, a população do Rio de Janeiro e São Paulo é na sua maioria composta de nordestinos. O carioca já perdeu a identidade, apesar de que o nordestino tem o tipo do carioca, ele é alegre, brincalhão. A gente também está trazendo esse espírito para o desfile, tem umas partes que não vêm com tanta seriedade, é mais caricatural.

#### **É uma mistura, não é? A mais carioca das escolas com o Nordeste...**

Exato.

#### **Você agora está calmo. Vai chegando perto você vai ficando mais nervoso ou não?**

Eu sempre fico assim, eu não me estresso não.



**E a jornada de trabalho? Já começou a decolar, você está trabalhando 12, 14, 16 horas ou ainda não?**

Não, eu venho para cá umas 9, 9h30 da manhã e fico até o horário do ensaio técnico. Eu ainda não fui no ensaio técnico da escola porque não é a hora, eles ainda estão montando e tal. Mas eu estou pesquisando sobre danças folclóricas para sair certinho e a escola desfilar no tempo. Eu estou com esse trabalho agora.

**Qual é a sua expectativa em relação ao carnaval desse ano? A Mangueira vem para ganhar?**

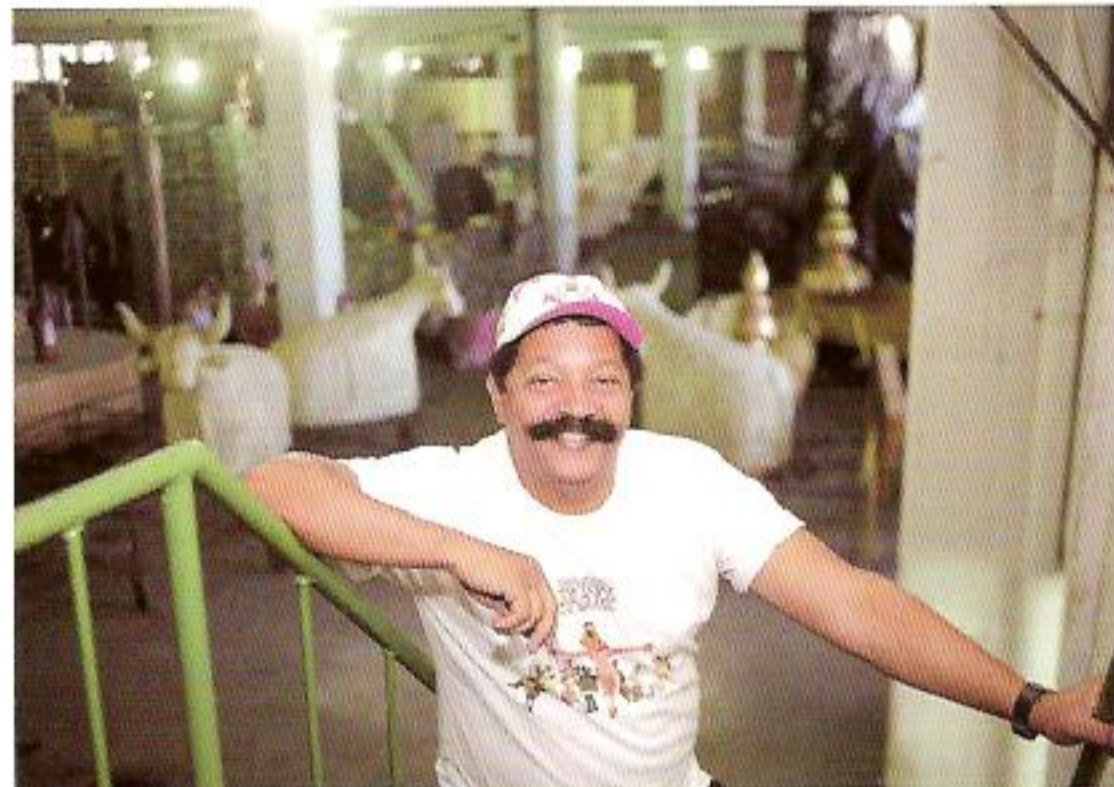
É muito difícil falar isso pelo meu total desconhecimento das outras. Você se desliga completamente, até porque a gente acaba sofrendo influência. Eu não quero nem saber o que elas estão planejando nem fazendo, eu cuido da minha aqui. Agora a minha expectativa não poderia ser melhor porque eu vejo por trás do trabalho artístico um trabalho altamente técnico criado pela comissão de carnaval, pelo conselho de carnaval. É fantástico esse trabalho, eu acho que nos meus 25 anos de carnaval eu nunca vi isso. Esse ano, além de tudo, é o meu jubileu de prata, 25 anos de carnaval.

**Você fez quantos carnavais com a Mangueira?**

Fiz em 83, *Verde que te quero rosa*, e depois o *Braguinha*, que foi supermarcante. Esse ano é o quarto. Ano passado fiz *A seiva da vida*, que foi lindo e que também é um tema místico. Eu nem quis entrar muito nisso, porque o cedro foi que originou o primeiro perfume. Eu encomendei essência de cedro, mas alguém chegou aqui e disse para não colocar porque aquilo era para chamar os mortos. Eu falei "eta! então vamos botar jasmim, alecrim, outras coisas..." e colocamos jasmim, que chama dinheiro, a escola sempre precisa, então esqueci o cedro. O que eles contam é que Noé, para agradecer a Deus por tê-lo salvo do dilúvio, queimou raminhos de cedro para incensar o ar e agradar a Deus. Foi aí que começou a primeira manifestação de olfato, de perfume. Mas eu já fiz um enredo sobre perfume, e por aí vai...

**Você é muito querido por toda a comunidade da Mangueira...**

E isso foi uma cama que arrumei para me deitar agora, porque em 1984 já rolava essa empatia. Naquela época, do *Braguinha*, eu me lembro que estava na quadra esperando uma reunião com a bateria, sozinho, com uma pasta na mão, e tive um



Max no barracão: este ano ele comemora na avenida 25 anos de carnaval

pouco de medo. Eu ali, sozinho – e lógico, naquela época a escola não estava com essa estrutura nem com os projetos que tem hoje. Eu olhava o morro por cima da bateria (a quadra não tinha sido reformada e era mais baixa) e de um terreiro de macumba lá em cima saía uma entidade e fazia o sinal de positivo para mim, dando gargalhada. Eu pensei "tá bom, vai tudo dar certo, está fazendo um sinal positivo lá de cima do morro". Naquela época a gente não fazia protótipo, a gente mostrava o figurino e já começava a entabular de quem é, de quem não é, e eu me lembro que criou-se uma reação fantástica na quadra. Primeiro eles descobriram que eu gostava de doce, aí fizeram uma mesa de doces fantástica. E depois começou a haver uma comoção generalizada, todo mundo começou a se abraçar, se beijar, todo mundo, e ali eu senti uma energia muito violenta para ganhar o carnaval, e tive a certeza de que a Mangueira não ia perder de jeito nenhum. Eu trabalhei tanto naquele ano, perdi 12 quilos, que acabei hospitalizado, desmaiei antes de acabar o desfile do supercampeonato e fui acordar três dias depois, completamente desgastado. Eu fiquei muitas noites sem dormir para poder acabar o trabalho, porque foi tudo em cima da hora. A escola, naquela época, atravessava muitas dificuldades, não tinha barracão. Arrumaram um barracão sem telhado, caiu um temporal e estragou o que estava pronto. Começamos tudo novamente. Mas ganhamos, e supercampeonato ninguém vai ter mais... ■

# MANGUEIRA, POR QUE MANGUEIRA?

Flamengo, por que o Fluminense? Orquideas, por que as rosas? Marias, por que as Marinas?

Como é que se explica o amor? Melhor dizendo, como é que a gente explica uma espécie muito peculiar de amor, amor sem lógica, amor meio irracional, como o que a gente sente, por exemplo, pela verde-e-rosa ou pelas três cores do tricolor? Amor, aliás, que não é amor, é paixão, absoluta, incondicional. Paixão difícil de encontrar entre as nossas triviais paixões humanas. Mulheres antes apaixonadas podem abandonar seus maridos pobres ou doentes. Homens antes arrebatados deixam suas fiéis companheiras. Mas o mangueirense jamais deixará sua Mangueira, mesmo que ruins sejam os sambas ou os enredos. E os tricolores deram um exemplo comovente de fidelidade quando o seu time foi para a Terceira Divisão e não deixaram de apoiá-lo em momento algum.

Como explicar? Dizem uns que o amor está escrito num outro plano, que nossos amores nos são predestinados antes de nascermos, para o bem ou para o mal. Pode ser isso, senão a gente não amava gente que não merece ser amada, e não existiriam paixões que devoram mais que alimentam. Cruz e delícia, como o belo texto da *Traviata*. É o tal do carma a ser cumprido por todos os viventes. Outros, por seu lado, dizem que o amor é uma coisa inteligente e racional e que o amor não é cego coisa nenhuma.

Bom, não é essa a questão a ser discutida. Ou apresentada neste artigo que se pretende curto. De novo a pergunta para mim mesmo é: por que esse amor pela Mangueira?

No meu caso posso dizer que é uma mistura de muitas coisas. E de muitas gentes. De muitos sambas bonitos e muitas ações bonitas. De muitas lembranças bonitas também.

Porque Mangueira é a iniciativa pioneira do Centro Olímpico e do Centro Cultural, únicos e especiais. E, com eles, Mangueira é o carinho pela pessoa humana, é música e é trabalho, é samba e esporte, é passado e é futuro.

Porque Mangueira é Dona Zica e Jamelão, vozes rindo dos anos que passam. Mangueira é Tom, o tom maior da nossa música, o brasileiro mais brasileiro até no nome. E Mangueira é Zuenir Ventura, além de tudo tricolor de boa cepa.

E, por falar em lembranças, Mangueira, de outra vez, foi uma certa mulher, paixão de cinco dias que começou com beijos loucos num sábado de ensaio e terminou amarga no luxuoso restaurante do Copa. E o samba que embalou nossos amores, eu o recordo até hoje.

Mangueira é poderosa até sem querer. Recebemos recentemente, Mangueira e eu, no mesmo dia em Brasília, a Ordem do Mérito Cultural. Outras escolas receberam também. Mas a grande Mangueira roubou a cena, os aplausos e o carinho dos que lá estavam. E a cerimônia, além de tudo, revelou mais um ilustre mangueirense, o presidente da República.

E tem mais. O melhor aniversário da minha vida, no ano 2000, foi coroado pela entrada da bateria da verde-e-rosa comandando o "parabéns pra você" mais gostoso que jamais escutei, surpresa gostosa proporcionada pelos queridos Elmo e Célia. E em 2001 comemorei meu aniversário na própria festa de aniversário da Mangueira, com a Orquestra Tabajara e tudo.

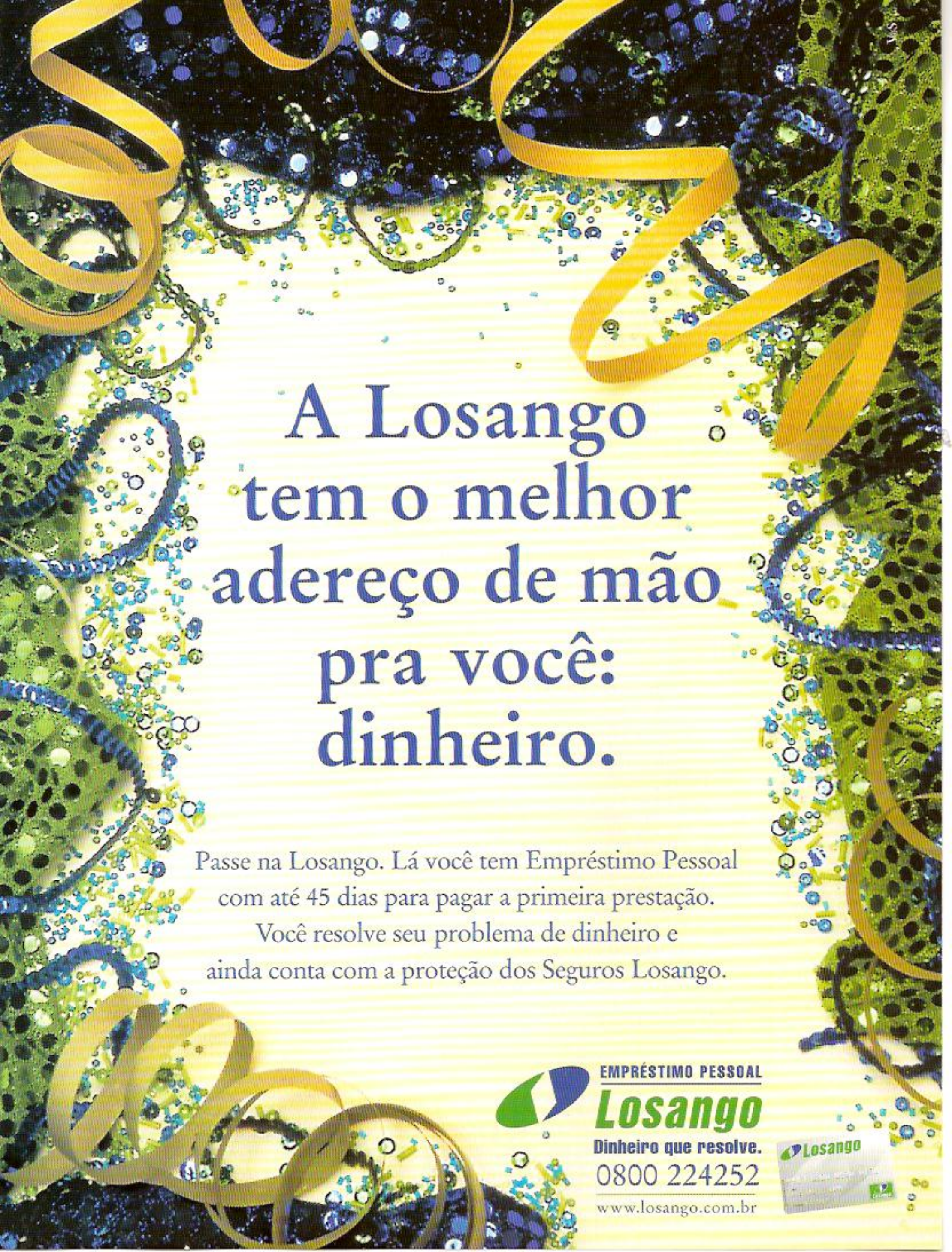
E aí, meu amigo, não tem jeito. Ficam configurados o carma e o caso de amor.

Porque, meus amigos, além de tudo, Mangueira e eu fazemos aniversários juntos...



**Luiz Antonio Viana é  
Diretor Geral da Globocabo**





# A Losango tem o melhor adereço de mão pra você: dinheiro.

Passa na Losango. Lá você tem Empréstimo Pessoal  
com até 45 dias para pagar a primeira prestação.

Você resolve seu problema de dinheiro e  
ainda conta com a proteção dos Seguros Losango.



EMPRÉSTIMO PESSOAL

**Losango**

Dinheiro que resolve.

0800 224252

[www.losango.com.br](http://www.losango.com.br)



Losango



 **Bradesco**

Bradesco Internet Banking, Fone Fácil Bradesco e BDN-Bradesco Dia e Noite. Com os Serviços de Conveniência Bradesco você realiza suas principais operações financeiras pelo computador, pelo telefone ou através da mais moderna rede de Auto-Atendimento do País e aproveita o carnaval sem perder o ritmo.



Serviços de  
Conveniência Bradesco.  
O seu Banco fácil,  
extremamente fácil  
também no carnaval.

Acesse nosso site: [www.bradesco.com.br](http://www.bradesco.com.br) - Fone Fácil:  
São Paulo (11) 3351-5511 - Rio de Janeiro (21) 2555-0022  
Belo Horizonte (31) 3249-0080 - Salvador (71) 319-0901



**Bradesco**  
Colocando você sempre à frente.

# A luz que ilumina a Mangueira

Texto de Ernesto Soto

**O** premiado Maneco Quinderé vive uma experiência profissional única. Iluminar a Mangueira. Não é fácil. É um grande desafio que este ano assume características pioneiras. Pela primeira vez desde a inauguração da Sapucaí, aquelas grandes torres de luz iguais às de um estádio de futebol e que projetam uma iluminação chapada ao longo de toda a avenida estarão apagadas. O desfile terá uma iluminação cênica coordenada por um especialista, no caso, Peter Gasper. Com isso, a iluminação dos carros passou a exigir novos cuidados e minucioso planejamento.

Com grande experiência no teatro, Maneco foi surpreendido pelo convite da Mangueira. Há dois anos, no carnaval dos 500 anos, a verde-e-rosa tinha feito um convite a ele, mas infelizmente não chegaram a um acordo. Desta vez, Maneco se identificou totalmente com a proposta da escola porque, entre outros motivos, é nordestino e um apaixonado pela arte, cultura e história do Nordeste. Além disso, Maneco costuma jogar futebol com Chico Buarque, um fanático pela Mangueira. "Chico foi criado em São Paulo, mas é

## O desafio de iluminar a verde-e-rosa ficou por conta de Maneco Quinderé

mangueirense até debaixo d'água, deu a maior força e não me perdoaria de eu fosse iluminar uma outra escola".

Maneco está fazendo uma iluminação diferente para cada um dos oito carros da Mangueira: "É muito estimulante. O desafio é ajudar a explicar o significado de cada um dos carros através da luz, e fazer com que o público compreenda melhor a história que está sendo contada no enredo", diz. Maneco está trabalhando com oito cenários diferentes, como se fossem oito peças distintas iluminadas simultaneamente em oito palcos móveis.

As dificuldades são imensas. Um dos carros revela o artesanato nordestino e o papel da luz é realçar a beleza das peças, especialmente os rendados e seus detalhes delicados. Outro carro vem com oito

bois, cada um deles iluminado por cem lâmpadas. No total são 800 lâmpadas. Nenhum carro é igual ao outro, todos são bem diferentes e contam até com geradores de potências diferentes.

Todo este trabalho tem entusiasmado Maneco que elogia a estrutura que a Mangueira montou para preparar seu carnaval. Ele vem trabalhando com uma equipe de 11 pessoas coordenada por Ricardo Formiga. No dia do desfile, a equipe será reforçada e cada carro terá dois técnicos preparados para resolver qualquer problema de última hora ou que ocorra durante a passagem da escola.

Mangueira é movida a paixão e o amor do pessoal que trabalha no barracão pela escola deixa Maneco deslumbrado: "Conheci no barracão verdadeiros artistas, gente altamente especializada que poderia estar trabalhando e ganhando mais em outras escolas, mas que prefere mostrar sua arte na Mangueira".

"Eu não saberia definir a Mangueira e a paixão que ela desperta em seus componentes e admiradores", conforma-se Maneco: "A verdade é que ela é tão grande que não cabe explicação..." ■

# MANGUEIRA FAZ A DIFERENÇA

Todo mundo sabe que o Sambódromo modificou o desfile das escolas de samba. As arquibancadas afastaram o público da escola. Ninguém sabe como evoluir na Praça da Apoteose. A luz ficou chapada. Desde 1984, há 18 anos, portanto, que é só nisso que se fala. Pensando bem, nem se fala mais. Os defeitos do Sambódromo viraram um clichê. E como outros desastres da vida, o Sambódromo é inevitável. O jeito é relaxar e aproveitar.

Mas a maior transformação provocada pelo Sambódromo ficou meio esquecida. Quando se reclama do desfile, é capaz de alguém ainda criticar a distância das arquibancadas, a luz que deixa tudo meio igual, a imensidão da Apoteose que fez o desfile ficar sem um fim. Mas ninguém reclama mais de o desfile ter sido dividido em duas partes. Ninguém parece se lembrar que, até 1984, o desfile era só aos domingos. Sábado tinha o Baile do Copa, segunda era o dia do baile no Municipal, terça tinha *Uma noite em Bagdá*, no Monte Líbano. Domingo era a vez do desfile das escolas de samba.

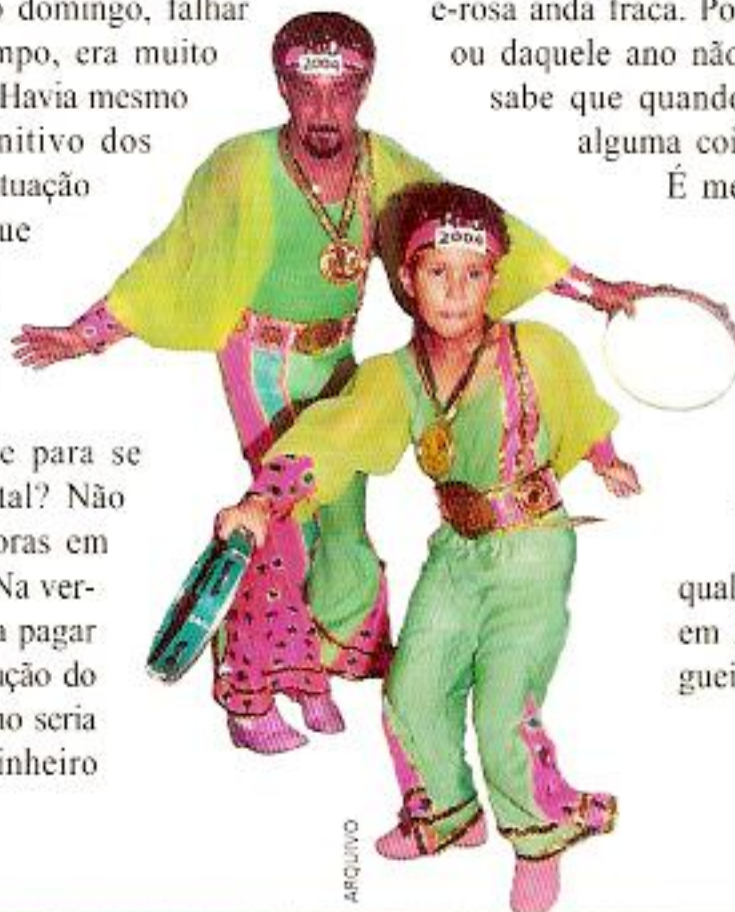
Quando o Sambódromo foi inaugurado, em 1984, e o secretário de Cultura, Darcy Ribeiro, anunciou o desfile em dois dias, a grita foi geral. Como assim? Que jurado vai agüentar virar a noite de domingo e, depois, repetir a façanha na segunda-feira? E se chover no domingo e fizer uma noite linda na segunda? As escolas do primeiro dia serão prejudicadas! E se o sistema de som, que funcionou perfeitamente no domingo, falhar na segunda-feira? (Naquele tempo, era muito comum falhar o sistema de som). Havia mesmo quem profetizasse o fim definitivo dos desfiles. Era tão impensável a situação que o governador anunciou que duas escolas seriam campeãs a cada ano: uma venceria o desfile de domingo; a outra, o desfile de segunda. E no sábado seguinte, as duas desfilariam novamente para se escolher a supercampeã. Que tal? Não deu certo. Houve duas vencedoras em 1984 e nunca mais se falou disso. Na verdade, o que o governo queria era pagar os custos astronômicos da construção do Sambódromo. Três desfiles por ano seria uma maneira de arrecadar o dinheiro mais rapidamente.

Passado o impacto, o público tratou de se adaptar. Muita gente vai ao desfile nos dois dias, é verdade. Mas cada vez mais os freqüentadores se dividem e, a cada ano, optam pelo domingo ou pela segunda. Foi aí que se criou um novo comportamento em relação ao desfile carioca. É imperioso interpretar qual o melhor dia de desfile. Antes de ele acontecer, é claro. "Meu Salgueiro desfila no domingo, mas estou achando que o desfile de segunda vai ser melhor", é uma frase comum no período pré-carnavalesco. "Vou na segunda para ver a Portela, mas o domingo está mais forte", é outra frase possível. "Vou no domingo, o dia mais fraco, mas é o que tem a Império Serrano". O difícil é descobrir o que faz um dia ser melhor que outro. O que tem a maior concentração de escolas grandes seria um critério.

Mas esse negócio de escola grande já acabou. As cinco grandes viraram 14 e, com as verbas da Liga das Escolas de Samba, todas têm o mesmo poder. O que faz então o domingo ser melhor que a segunda ou a segunda ser melhor que o domingo? As outras 13 escolas que me desculpem, mas o que determina a diferença é a passagem da Mangueira. O melhor dia é aquele em que a Mangueira desfila. O salgueirense, o portelense, o imperiano, o... como é que se chama mesmo quem torce pela Beija-Flor? Enfim, pode-se torcer por qualquer escola. Pode-se ter antipatia pela Mangueira. Pode-se achar que a verde-rosa anda fraca. Pode-se concluir que o enredo deste ou daquele ano não é muito bom. Mas todo mundo sabe que quando a Mangueira entra na avenida alguma coisa surpreendente pode acontecer.

É melhor se prevenir. É por isso que ninguém quer perder o desfile da Mangueira. E é por isso, portanto, que antes de o carnaval começar, considera-se que o melhor dia do desfile é aquele que tem a Mangueira entre os concorrentes.

E se você está em dúvida sobre qual dia vale a pena ir ao Sambódromo em 2002, aqui vai uma dica: a Mangueira desfila na segunda.



Artur Xexéo é jornalista

Dizem que, em **e-business**, leva-se uma eternidade para juntar o passado e o futuro.



Alguns consultores de e-business vão dizer que para integrar os sistemas da sua empresa pode levar muito tempo e custar muito caro. Eles aconselham a jogar no lixo os sistemas que você já tem e a confiar naquilo que eles estão vendendo naquele dia.

Os profissionais da Unisys conseguem integrar o que você já tem hoje com aquilo que você pode precisar.

Para isso, a Unisys usa décadas de experiência e criatividade somadas a um duro trabalho de planejamento.

E olha que nós fazemos isso todo dia, em mais de 100 países.

É hora de integrar o passado e o futuro.

E, contando com a Unisys, isso não vai levar muito tempo. Visite nosso

Web site: [www.unisys.com.br](http://www.unisys.com.br).

**UNISYS**  
Pensamos **e-business**.

[www.unisys.com.br](http://www.unisys.com.br)

ÁLVARO LUIZ CAETANO

PRESIDENTE DA MANGUEIRA

# O COLECIONADOR DE SONHOS

Texto de Ernesto Soto

O menino Alvinho costumava correr esperto entre os carros que transitavam desordenadamente procurando uma vaga para estacionar nas imediações da velha e improvisada quadra na Candelária, no Morro da Mangueira, onde a Estação Primeira ensaiava. Todo sábado oferecia seus serviços de guardador e assim defendia um troco, que sempre quebrava um galho naqueles tempos de pouco dinheiro e muitos sonhos. Entre a chegada de um carro e a saída de outro, esticava o ouvido prestando atenção no som que vinha da quadra. Era fascinado por música e sentia uma atração irresistível pelo samba. Gostava de tocar e de cantar. Seus sábados mais felizes eram aqueles em que, antes de começar o ensaio, mestre Valdomiro o deixava tocar na bateria.

Mangueira foi sempre o centro do universo do menino Álvaro Luiz Caetano. Seus pais também nasceram na Mangueira e o morro fez parte de seu mundo desde o primeiro dia de vida. Alvinho nasceu na Candelária, um dos muitos reinos – os outros são Buraco Quente, Telégrafo, Chalé, Joaquina e Olaria – que formam os limites físicos da nação verde-e-rosa. Os blocos da Mangueira, Olha esta língua e Balanço da Mangueira, foram as grandes escolas de samba de Alvinho.

Lá ele fez de tudo: foi compositor, intérprete e puxador de samba.



FOTO DE RENATO DE AGUIAR

Teve uma época em que o rosa sumiu da vida de Alvinho e predominou o verde-oliva. Foi quando ele fez concurso para a Escola de Sargentos do Exército. Quando voltou, ganhava um salário e tinha, enfim, dinheiro no bolso e condição de realizar o seu primeiro sonho: comprar uma fantasia e desfilar pela Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira. A partir daí não parou mais de desfilar. Só perdeu mesmo um ou dois carnavais quando a barra pesou de verdade no Exército e ficou impossível sair do quartel. Até mesmo quando foi transferido para Tabatinga, lugarejo perdido na fronteira do Brasil com a Colômbia, no meio da floresta amazônica, sempre descobriu um jeito de escapar para passar o carnaval no Rio, cantar o samba do bloco e desfilar na Mangueira.

Finalmente voltou ao Rio e ao Morro da Mangueira. Nos botiquins da Mangueira, em torno de mesas onde rolava muita cerveja e bastante samba, estreitou amizade com Hélio Turco, um mito no morro, o compositor mais laureado da Mangueira, o que mais sambas-enredo emplacou na história da escola. Apesar de ainda não ser compositor da escola, Alvinho deu seus *pitacos* no samba que a Mangueira cantou em 1984, homenageando Braguinha, e que era assinado por uma seleção de craques: Hélio Turco, Jurandir, Jajá, Comprido e Arroz.

Naquela época, para participar do concurso de samba-enredo da Mangueira era necessário ser integrante da Ala dos

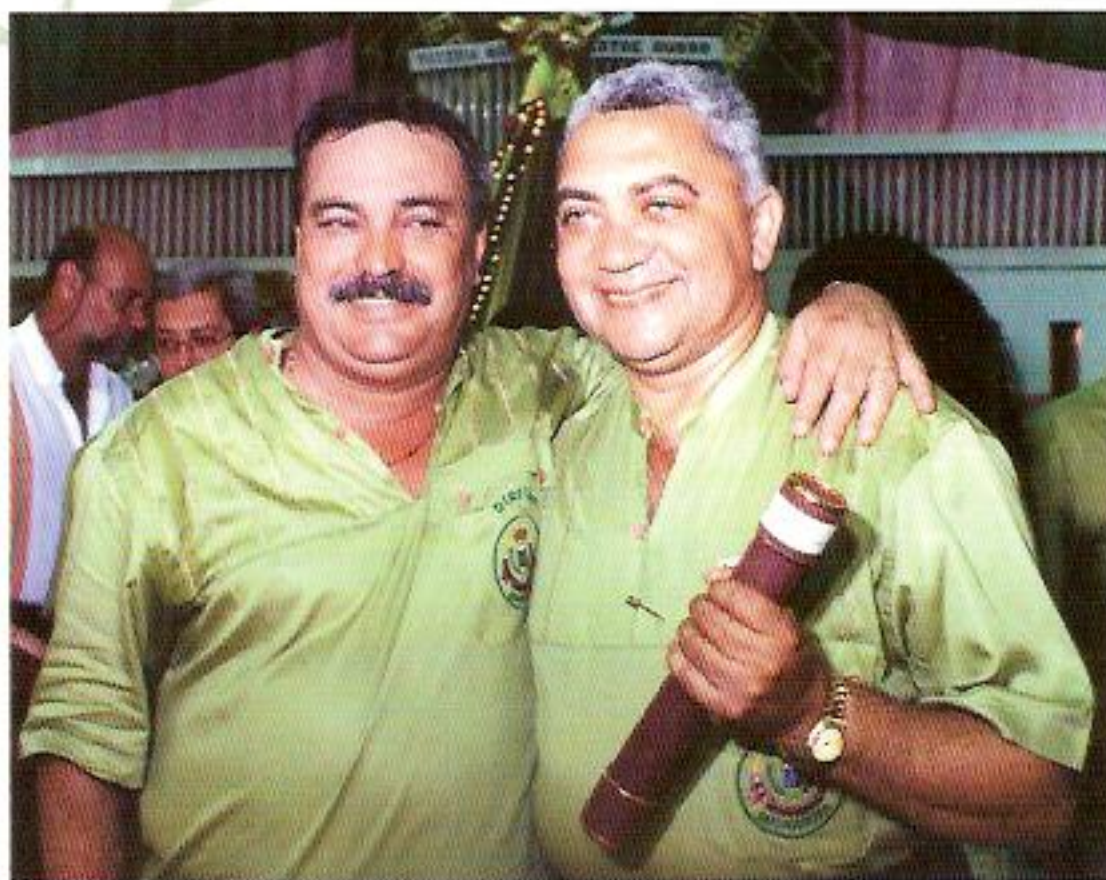
Compositores há pelo menos dois anos. E para entrar na Ala, tinha que passar por uma prova. Em 83, Alvinho passou a participar da Ala de Compositores da Mangueira. O segundo sonho realizado daquele menino que guardava carros na porta da Estação Primeira...

Com os dois mais premiados compositores da Mangueira, Hélio Turco e Jurandir, Alvinho disputou os carnavais de 86 e 87. Sem sucesso. O trio insistiu. Tinha fé no seu potencial. E em 88, os compositores provaram, finalmente, o doce sabor da vitória. E que vitória! Com aquele que é considerado por muitos um dos mais bonitos sambas-enredo de todos os tempos: *Cem anos de liberdade* ("Será que já raiou a liberdade ou foi tudo ilusão..."). *Cem anos...* já teve mais de dez gravações diferentes, inclusive no exterior. O menino Alvinho realizava assim mais um sonho. E para não deixar barato, apro-

veitou a boa maré para emplacar em 91 outro sonho: desfilou pela avenida, ao lado de Jamelão, cantando o samba da Mangueira.

Hélio Turco, Jurandir e Alvinho conquistariam em 90, 91 e 92 o tricampeonato nos sambas-enredo da Mangueira. A partir de 93, Alvinho se viu afastado da Ala dos Compositores e resolveu se dedicar à Sambrasa, a única ala da Candelária, região no morro da Mangueira onde nasceu, e que estava desativada. Em 95, houve eleição na Mangueira. Alvinho participou ativamente do movimento Muda Mangueira, que acabou por eleger Elmo José dos Santos presidente da Estação Primeira.

Alvinho, que era então presidente da Sambrasa, voltou para a Ala dos Compositores. Mas, atendendo a uma convocação de Elmo, foi ser assessor especial da presidência. Elmo foi reeleito por aclamação e prosseguiu com a revolução



Alvinho e Elmo, juntos no amor pela Mangueira

FOTO DE VANTZEN PEREIRA JR.



que transformou e modernizou a Mangueira. Entre muitas inovações, acabou com os cargos de diretoria e criou os departamentos. Alvinho assumiu o Departamento de Promoções e Eventos.

O sentimento predominante na Mangueira em 2000 era o de que Alvinho deveria ser o sucessor de Elmo. Dona Neuma era uma das mais ativas madrinhas de sua candidatura. O problema é que Alvinho vacilava. Não sabia se estava preparado psicologicamente. Nem mesmo se queria. Até em casa encontrava oposição. Sua família era contra. Não é uma decisão fácil. A Estação Primeira é muito mais do que uma escola de samba. O presidente da Mangueira acaba virando um miniprefeito. A quadra é o quintal da comunidade e todos os problemas acabam desaguando. Se alguém está doente, se fulano morreu, se é preciso comprar um remédio, se a polícia prendeu sicrano... Tudo é resolvido na Mangueira. A comunidade é formada por 50 mil pessoas e a Mangueira é, como deve ser mesmo, a representante desta comunidade.

Pressionado pelos amigos e pela enorme maioria dos mangueirenses, embalado pelo apoio de baluartes da escola e encorajado por umas cervejas, Alvinho acabou aceitando. Tudo é motivo de festa na Mangueira. Até eleição. Tem carreatas, tem boca a boca, tem campanha, tem boca de urna. Votaram 900 eleitores e Alvinho teve 800 votos: 87%! De uma diretoria que tinha 48 pessoas, 47 votaram em Alvinho. Ele vai ficar no

comando da escola até o carnaval de 2004. O menino Alvinho colocou assim mais um sonho no seu bolso.

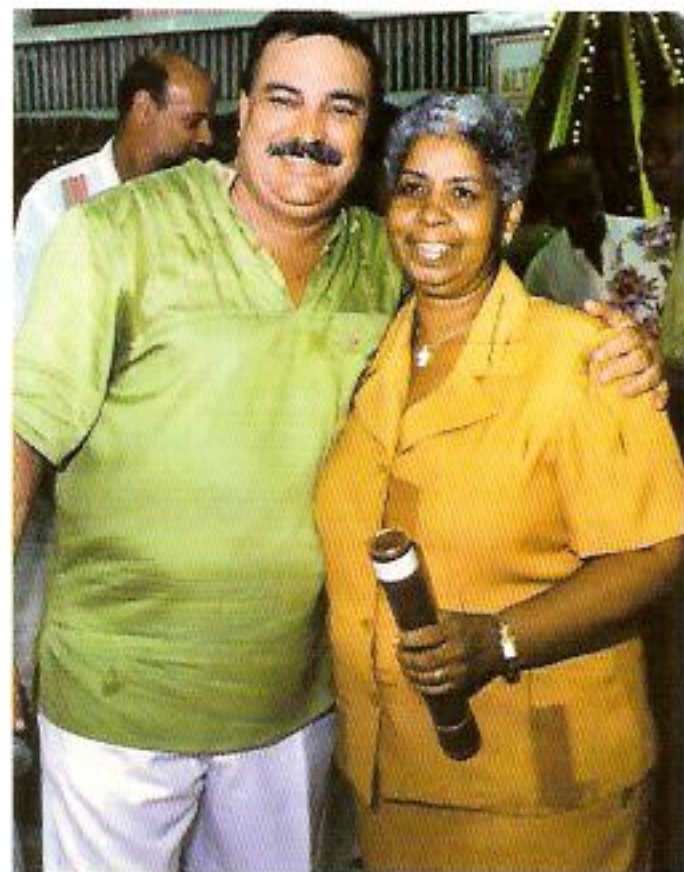
Alvinho tem plena consciência que é muito mais do que o presidente de uma escola de samba tradicional. Mangueira desenvolve hoje um dos projetos sociais mais importantes do estado. Em 1995, Mangueira era apenas uma quadra decadente que não tinha mesas, não tinha som, não tinha cadeiras e não tinha instrumentos. Hoje, Mangueira tem o maior patrimônio entre todas as escolas de samba do Rio de Janeiro. A sua quadra (Palácio do Samba) está entre as melhores, a Vila Olímpica não tem quem lhe chegue aos pés e sua concepção é copiada no município, estado, país e até no exterior. Mangueira tem hoje até faculdade, na qual o jovem da comunidade não paga nem a taxa de inscrição. A Mangueira se orgulha de receber gente como Bill Clinton ou Nelson Mandela, interessados em conhecer seus projetos.

O maior sonho de Alvinho é ganhar o carnaval como presidente da Mangueira. Ele procura passar isso permanentemente para as pessoas. A presidência da Mangueira fez Alvinho modificar o seu comportamento, procedimento e até sua personalidade. O sargento Álvaro, militar severo, de personalidade estourada, pavio curto,

**'Mais do que  
uma escola  
de samba,  
Mangueira é  
uma escola  
de vida'**

deu lugar a um Alvinho maleável, que está aprendendo a ser político, ter jogo de cintura e a conviver com pessoas com cabeças diferentes e que pensam de forma distinta. Mas que têm algo em comum: são movidas pelo amor à Mangueira. "Para bem administrar você não pode radicalizar", ensina Alvinho, que diz estar até estudando psicologia.

Para Alvinho, o grande segredo da Mangueira está em suas poderosas raízes, nas suas



Chininha e Alvinho, uma escola unida e solidária

FOTO DE VANILTON PEREIRA JR.

estreitas relações com a comunidade, “no povo que canta por amor, diferente daquele que compra a fantasia”. Hoje, em cada ala da Mangueira, existem 30% de pessoas da comunidade, com fantasias bancadas pela escola. Isso sem contar a bateria, baianas, Velha Guarda, baluartes, diretoria, que tradicionalmente são vestidos pela escola.

Mangueira é uma escola movida a amor. Alvinho confessa que não sabe separar o amor que sente pela Mangueira da administração que precisa fazer: “A Mangueira é uma coisa que está dentro de mim. É minha vida. Aqui é um lugar onde a gente se emociona. As reuniões na Mangueira são sempre muito emotivas. A gente chora. É comum a gente chorar. Muito comum.”

A Mangueira é uma escola que foi fundada em 1928, resultado da união de diversos blocos que existiam no morro da Mangueira. Alvinho assinala que, desde o berço, a Mangueira traz como símbolo a união, o amor, o conagraçamento, o prazer das pessoas em estarem juntas. “O nascedouro da Mangueira foi resultado de um ato de amor e isso foi passando de pai para filho no morro. Quem for hoje à Mangueira vai ver que a presidente da Ala das Baianas é a Neuci, que é neta de Dona Neuma, que é filha de Saturnino, que é

fundador da escola. Se perguntar quem é o Elmo, ex-presidente, vai saber que ele é filho de Tinguinha, fundador da bateria da Mangueira. Se perguntar quem é a Chininha, a atual vice-presidente, ficará sabendo que ela é filha de Dona Neuma, que é neta do Saturnino, que é...” A Mangueira é realmente uma grande família. E as pessoas se gostam, mesmo que surjam problemas, como acontece em toda a família.

“Mais do que uma escola de samba, Mangueira é uma escola de vida”, lembra Alvinho, emocionado. “Hoje está quase todo mundo voltado para o carnaval. Minha cabeça está a mil de ansiedade. Dia 11 de fevereiro, a Mangueira vai desfilar na Sapucaí, dia 12 é terça-feira de carnaval, quarta-feira, dia 13, sai o resultado, na quinta-feira vamos estar todos com uma tremenda ressaca. O fim de semana

é para recuperar as energias. Quem for na segunda-feira na quadra da Mangueira vai encontrar 200 crianças tendo aula nos programas sociais profissionalizantes. Todas as atividades sociais estarão funcionando a pleno vapor; os agentes de saúde, a Vila Olímpica”.

“Tudo isso é resultado de um trabalho que vem sendo realizado há mais de 15 anos”, reconhece Alvinho. “Todo mundo, alguns mais, outros menos, deu sua parcela para Mangueira chegar onde está hoje. Sou casado há 26 anos, tenho dois filhos, uma moça de 25 anos e um rapaz de 19. O que vem acontecendo na minha vida de uns tempos para cá é incrível e ser presidente da Mangueira é um prêmio. Mas tenho um sonho para realizar: quero ver a Mangueira campeã comigo na presidência. E ver sonho realizado é comigo mesmo...” ■



Alvinho consulta os baluartes antes de tomar qualquer decisão importante

FOTO DE RENATO DE AGUIAR

# OS SAMBAS ETERNOS RESISTEM

Zé Ramos se vai e mais vazia fica aquela mesa do botequim quase esquina de Jorge Rudge com Oito de Dezembro. É até possível que o sambista já não a frequentasse mais depois que, um a um, foram partindo Fernando Pimenta, Aluísio Violão, Carlos Cachaça. Todos eles, mais alguns mangueirenses ilustres, sentavam-se ali, por volta de dez da manhã de todas as terças, dias de feira, e ficavam, em torno de cervejas e tira-gostos, contando casos, lembrando amigos, rememorando sambas, rezando cantos de saudade.

Em certos momentos, parecia mais um santuário que uma mesa. Era de se ver o respeito, a reverência mesmo, com que todos lembravam Cartola, Zé Com Fome, Balança, Zé Criança e Lauro dos Santos, o Gradin, o homem que levou Jamelão para a escola (o Jamelão que, aliás, raramente aparecia no botequim, embora morasse algumas casas mais abaixo). Quando, por algumas semanas fui admitido naquela roda – um estranho no ninho interessado em saber coisas da então pouco conhecida relação de Noel Rosa com a Mangueira – Pimenta, grande historiador do morro, já não falava. O câncer que o mataria dali a meses já destruíra suas cordas vocais, de modo que todos aqueles casos nos eram lembrados em folhas de papel almaço que, sofregamente, ele ia enchendo com sua letra. Foi Pimenta quem me contou que a turma, agora, só se reunia ali porque o Café do Alberto, no Maracanã, fechara suas portas.

Conheci o Bar do Alberto, a alguns metros do cinema que desapareceria no bota-abixo de todo o quarteirão. Mas não o conheci pelos mesmo motivos que me levaram ao botequim da Jorge Rudge. Uma noite, aí pelo começo da década de 1950, passando por ele na saída do velho poeira, fui atraído por uma voz rouca que vinha lá de dentro. Fui, não: fomos. Eu e uns amigos, adolescentes também, entre os quais o Ruy do Violão (onde terá ido parar o Ruy, a quem não

vejo há mais de 40 anos?). Pois bem, entramos no Bar do Alberto e, discretamente, quase escondidos, ficamos ouvindo a voz rouca: era Nelson Cavaquinho. Cantava samba que nem sei se chegou a ser gravado (atenção Herminio Bello de Carvalho, mestre Arthur, Nelson Sargento, Marília Barbosa, Luiz Fernando Vieira, memorialistas da verde-e-rosa, apurem por favor). O samba dizia: “Uma mulher de mal pensar / Destrói até um batalhão...”

Tão mal informados éramos – e tão ligados no samba ficamos – que não fomos capazes de identificar quem mais estava ali, ouvindo a mesma voz rouca. Cartola? Provavelmente, não. Pimenta? Jurou-me que também não. Carlos Cachaça e Zé Ramos? Talvez. Mas nunca esquecemos a tal mulher de mal pensar. Ruy do Violão incluiu-a no seu repertório de serestas, pois, naqueles tempos, elas ainda aconteciam em Vila Isabel, na Mangueira, no Rio.

Fato é que foi ali que comecei a descobrir a verdade que só se cristalizaria anos mais tarde, nos dias de feira da Jorge Rudge: são da Mangueira os mais lindos e emocionados sambas de raiz que conhecemos. De Zé Ramos, inclusive, a começar por aquele em que define sua escola como lugar de “mocidade, samba e

alegria”. São sambas eternos, que os mangueirenses de hoje aprendem e

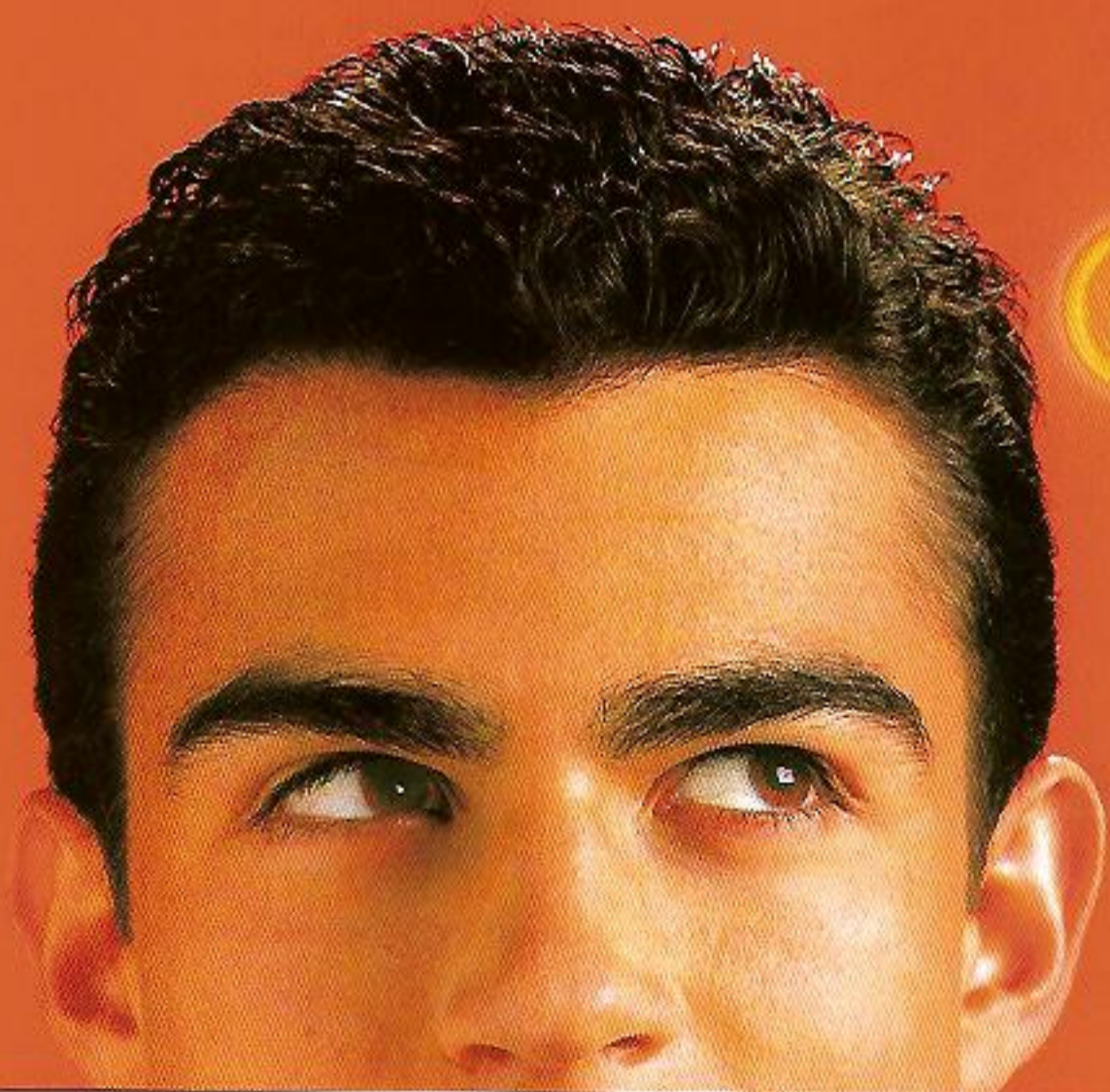
não esquecem. O que mais impressiona é realmente ver como esses sambistas de lá, criadores instintivos, artistas

espontâneos, permanecem. Ou melhor, resistem. Já resistiam nos tempos do Bar do Alberto, continuaram resistindo no santuário da Jorge Rudge. Não nas paradas de sucesso, não no coro dos pagodeiros, não nos baticuns da moda, não na galeria das celebridades da MPB, mas na coração do povo. Pouco importa que as mesas estejam ficando vazias: sua música paira sobre elas.

João Máximo é jornalista



Sem  
camisinha  
nem  
pensar.



DISQUE SAÚDE 0800 61 1997



*Neste Carnaval não esqueça a camisinha.*

 **MINISTÉRIO  
DA SAÚDE**

 **GOVERNO  
FEDERAL**  
Trabalhando em todo o Brasil

# É mulher a linha de frente da Estação Primeira

Texto de Lena Frias  
Fotos de Vantoen Pereira Jr.

**S**ituação difícil. A escola concentrada na saída do Buraco Quente, mas quem disse que podia sair? Proibido desfilar sem a porta-bandeira. Sem a dançarina do pavilhão altaneiro, nada de festa. Só restava marcar passo ali mesmo à beira-morro, esquecer o sonho de brilhar e recolher aplausos e admirações.

Porta-bandeira tinha. Era Íris, mulatinha formosa, afilhada de Zica de Cartola. Mas o problema é que não havia os 30 mil réis para resgatar na costureira o vestido cor-de-rosa de cetim duchese, nem os cinco para pagar ao artesão Baiano da Cuíca os brincos, o colar, a pulseira e principalmente o diadema que cintilaria à luz das

**'Nós, mulheres da Mangueira, somos a força da escola. As inspiradoras, as rainhas, as pastoras. Tudo começa e acaba na gente'**

estrelas, quando Íris rodasse com a bandeira da Estação Primeira. Baiano, que era operário numa fábrica de vidros, recolhia as sobras, com elas criando jóias para as pastoras da escola de samba. Vidro transmudado em pedras preciosas na magia do carnaval.

Comprar os dez metros de pano para o vestido fora uma dureza. Zica convencera, porém, Seu Isaac da Prestação a aceitar o pagamento do tecido a perder de vista. Mas sem o dinheiro para retirar as encomendas, avisaram os artistas da agulha e dos berloques, nada feito, ainda que a Mangueira corresse o risco de não se apresentar, o que seria a primeira derrota desde a fundação em 1928. Afinal, argumentavam, eles também eram pobres e precisados.

Íris chorava desconsolada, parecendo menor e ainda mais magrinha que os seus 20 anos sugeriam. E Zica chorava também, numa agoniada via-crúcis pelo morro, à procura de quem pudesse emprestar o dinheiro, único jeito



As mulheres do poderoso Departamento Feminino garantem seu apoio ao trabalho do presidente Alvinho

de a Mangueira não dar vexame. O estivador Xangô, diretor de harmonia, bem que queria ajudar, mas não tinha meios.

A salvação foi Jorge Macumbeiro, que chegava à colina, vindo do trabalho. "Eu empresto o dinheiro, Zica. Você me paga quando puder".

Abriu-se o sorriso encantador que até hoje, aos 87 anos, tia Zica exibe quando relembra a história. Levantou-se em glória a menina Íris, linda e altiva, o diadema lhe coroando os cabelos, a dança no corpo e nos pés, em torno dela evoluindo a Estação Primeira. E a Mangueira, graças a Zica, foi a campeã daquele carnaval de 1954.

Sempre foi assim. Com determinação e coragem, as mulheres fizeram da Mangueira uma escola firmemente ancorada na força feminina. Desde os tempos da lendária tia Fé, em cujo terreiro de macumba os fundadores Cartola,

Saturnino Gonçalves e outros mais iam cultivar os santos das religiões populares. Ou de tia Tomásia, onde o Bloco dos Arengueiros, origem da Estação Primeira, ensaiava suas turbulentas saídas no carnaval. Da emblemática Nair Grande, para quem batucada e pernada não eram coisa só de homem, mas exercício de mulher valente naqueles valentes primeiros tempos do morro e da escola de samba.

Daqueles tempos míticos restou vovó Luciola de Jesus, 101 anos de idade, a mais antiga moradora, mãe-de-santo, baiana, parteira e conselheira principal da comunidade. Mais velha que a Estação Primeira e cuja idade praticamente coincide com a da própria ocupação da sagrada colina verde-e-rosa. Vovó Luciola não abre mão do título e da função que o morro lhe conferiu: "Sou a conselheira", orgulha-se. Em torno da matriarca agita-se uma prole de 14 filhos, dezenas de netos e

bisnetos, todos envolvidos com samba. Entre os muitos parentes destaca-se a bisneta Geovana Justo, primeira porta-bandeira da escola de samba, continuadora de uma linhagem pontuada por nomes como Raimunda, Lina, Mocinha e a lendária Neide. Mulheres cujas histórias confundem-se com a história da Mangueira. Vovó Luciola e Geovana; Zica e a filha Glória Regina; Helci e sua filha Neucy, que dirige a Ala das Baianas; Timbaca, a mãe do mestre-sala Marquinho; a pequena Renilda e a baiana Cristolina, integrante do Conselho Superior da Escola; Chininha – Eli Gonçalves da Silva, vice-presidente da Mangueira –; Guesinha – Márcia Gonçalves, diretora do poderoso departamento feminino, formado por 24 integrantes de decisivo poder social e político na escola e na comunidade. São elas alguns exemplos da importância das mulheres dentro da Estação Primeira.

Manguieira feminina de agora com suas orgulhosas herdeiras sangüíneas ou espirituais de uma ancestralidade forte. Gente como Nilcemar Nogueira, professora e doutora, neta de Zica e Cartola, foi a primeira mulher diretora de harmonia. Ou a menina Carla Tamires, porta-bandeira da Manguieira do Amanhã, que vem revelando uma surpreendente liderança, digna de uma legítima representante da casa de Neuma Gonçalves, a saudosa matriarca, onde Tamires vem sendo criada.

Na constelação de personagens femininos de grande porte e poder, destaca-se Célia Regina Domingues, nascida no Telégrafo,

parte alta do morro, assessora especial do presidente da Manguieira, o compositor Álvaro Luiz Caetano. Célia, responsável pelos projetos sociais e profissionalizantes da comunidade, redefiniu o cargo de "primeira-dama" em escola de samba: de simples e quase decorativo papel de esposa do presidente da agremiação, ser primeira-dama passou, a partir dela, a se constituir numa função de peso e responsabilidade. Ao longo das duas gestões do marido, Elmo José dos Santos, atual diretor de carnaval, Célia criou e consolidou um modelo que vem hoje sendo adotado por diversas outras damas do samba. No final do ano

passado, organizou um almoço para as primeiras-damas como uma forma de promover a socialização entre elas, que agora querem também desenvolver trabalhos comunitários em suas escolas. "Eu, na verdade, usei e abusei do cargo de primeira-dama para levar adiante projetos sociais que viessem a alcançar outras comunidades. E isso, graças a Deus, está acontecendo."

Célia Regina é empresária do ramo de confecções e presidente da seção Rio de Janeiro da Associação de Mulheres Empresárias do Brasil. Criou uma nova vertente para a Amebrás. Além da roda de negócios, a Associação



Várias gerações de mulheres nasceram e cresceram embaladas no caloroso berço verde-e-rosa



passou a desenvolver um programa social cujo nome deixa claro conceito e intenções: "SOS – me ajude a crescer e me permita envelhecer", que já envolve 38 comunidades carentes, levando apoio e recursos a projetos nascidos dentro dessas comunidades. Por exemplo, um projeto de dança clássica dirigido a crianças, imaginado por uma moradora do morro do Urubu, em Pilares. "Chama-se Grupo de Dança Infantil Pérolas de Pilares. Nós ajudamos com malhas, sapatilhas, som. É incrível como já tem criança matriculada. E são projetos inspirados por aqueles que nós, mulheres da Mangueira, sonhamos e implantamos", orgulha-se.

Por essas e outras, a dinâmica locomotiva verde-e-rosa recebeu recentemente a medalha Pedro Ernesto, principal honraria conferida pela Câmara dos Vereadores carioca, e a comenda Marinheiro João Cândido conferida pela Câmara dos Vereadores de São João de Meriti. As comendas deveram-se aos trabalhos sociais realizados na Mangueira e Amebrás, que atendem a crianças, adolescentes e adultos de baixa ou nenhuma renda.

Já na segunda década do século que passou, os malandros do Morro da Mangueira batiam cabeça para o poder feminino representado então por personalidades como Diolinda, primeira mulher de Cartola, que veio a ser a primeira diretora da Mangueira, Nila, batuqueira de fama em toda a região, Maria Rainha, as Nair, tia Tomásia e tantas mais. O livro *Fala Mangueira*, de Marília Barboza, Carlos Cachaça e Arthur

## CHININHA

### 'Fico na quadra para o que der e vier'

Eli Gonçalves da Silva, a Chininha, não é de muito falar. É preciso ir aos poucos, saber conquistá-la, ultrapassar a natural reserva dessa cabocla que tem a Mangueira no sangue para obter as incríveis e até heróicas histórias de seu clã. E que clã! Chininha é filha de Neuma Gonçalves, uma das mais impressionantes líderes populares que o Rio conheceu, e neta de Saturnino, fundador da Estação Primeira.

Mas, se é de pouco falar, Chininha, presidente da antiga e prestigiada Ala das Mimosas, é de muita ação. Participa desde sempre das comissões de carnaval da Mangueira e foi secretária de diversas diretorias, tudo aprendendo sobre a verde-e-rosa. Ao mesmo tempo, tudo aprendia sobre a comunidade, pelo exemplo de sua extraordinária mãe. No pleito do ano passado, tornou-se a primeira mulher da história da Estação Primeira a eleger-se vice-presidente da escola.

O que, para ela, é muito mais que um cargo honorífico. "Alvinho, o presidente, e eu dividimos o trabalho. Eu fico na quadra para o que der e vier. O que pinta eu resolvo e só levo para ele as questões que precisam de soluções conjuntas e da palavra final dele".

Chininha tem a medida do valor das mulheres na escola. "O que existe entre nós mulheres e a Mangueira é uma forte relação que envolve cumplicidade, responsabilidade e compromisso."

(Lena Frias)



FOTO DE RENATO DE AGUIAR

Oliveira, registra versos de saudação às bambas:

“Lá no morro de Mangueira  
Tem Nair Grande e Pequena  
Otacília e Honorina  
E Maria Madalena”

Nelson Sargento lembra outra glosa de homenagem a Nair Grande, citada no mesmo livro, que ilustra a admiração por essas mulheres que sabiam defender e garantir suas posições. Mulheres do povo, boas de briga. Donas de tendinhas, lavadeiras, cozinheiras, trabalhadoras. Que mulheres! Capazes de inspirar os poetas da Mangueira em sambas que se tornaram célebres. Os versos em homenagem a Nair Grande cantavam assim:

“A nêga fumava  
bebia cachaça  
freqüentava o samba  
jogava no bicho  
ia na macumba  
pra fazer muamba.”

Toda bonita no seu uniforme de festa – conjunto de um verde discreto, o escudo da escola aplicado no casaco –, Maria das Dores

Santana dos Santos exibe as unhas pintadas de verde. No seu jeito manso de falar, sai-se com uma frase de pura verdade: “Sabemos o que valem os. Pra medir o que são as mulheres de Mangueira, basta lembrar as composições de Cartola, que sempre nos louvaram.” Com ela concorda outra integrante da Velha Guarda, Jandira Peçanha Narciso, veterana destaque: “Tudo o que se diga sobre a importância e o poder das mulheres aqui nesta escola lembra um nome – Dona Neuma Gonçalves.”

Neuma, que morreu no ano passado, compunha com Zica – Euzébia de Oliveira, viúva de Cartola – uma unidade afetiva que se pode considerar o coração da escola e do Morro da Mangueira. Filha de Saturnino Gonçalves, fundador da Estação Primeira, foi uma líder extraordinária da escola de samba e do morro. A história de Neuma é um livro inteiro. Com capítulos sobre a organização da Ala das Baianas, a criação da escola mirim junto com a cantora Alcione,

a invenção de um método de alfabetização a partir de palavrões e de linguajar cotidiano da comunidade, a criação do departamento feminino da Mangueira, a montagem da estrutura política da agremiação. “Neuma foi o meu modelo e referência de primeira-dama,” reverencia Célia Regina.

Se tudo na Mangueira evoca as baluartes e suas herdeiras e seguidoras, não poderia ser diferente no esporte e na menina dos olhos da Estação Primeira – a Vila Olímpica da Mangueira, celeiro de campeões no atletismo. Nas raízes da Vila Olímpica, trabalho que começou a germinar ainda na década de 1960, está Alice de Jesus Gomes Coelho, a tia Alice, muitas vezes campeã olímpica em modalidades como arremesso, corrida e natação. Foi tia Alice quem introduziu o atletismo e outras modalidades esportivas no universo mangueirense. Ela é uma das bases do triade formadora da Vila Olímpica, cujos outros pilares são Acrinaldo Santana e Francisco de Carvalho, o Chiquinho da Mangueira.

Conforme afirma Zica, com orgulhosa simplicidade, “nós, mulheres da Mangueira, somos a força da escola. As inspiradoras, as rainhas, as pastoras. Tudo começa e acaba na gente”.

Tem razão a veterana. Sua própria neta, Nilcemar Nogueira, vem há alguns anos levantando uma pesquisa para um livro sobre as mulheres na história e nas lendas de Mangueira. Ouvindo Nilcemar e com ela percorrendo os becos e vielas, tem-se até a impressão de escutar os tambores da macumba de tia Fé Benedita de



Maria das Dores Santos e Miúda da Silva, todo o orgulho de ser mangueirense



A porta-bandeira Geovana é bisneta de Luciola dos Santos (101 anos), a mais antiga moradora da Mangueira

Oliveira, a voz forte de Clementina de Jesus, que foi princesa da Galeria da Velha Guarda, o canto poderoso da jongueira Maria Coador. De assistir às broncas de Nair Grande na malandragem arengueira e surpreender Nair Pequena e Nininha Xoxoba lavando roupa e combinando as fantasias do próximo carnaval. De comover-se com o bom humor e os palavrões de Neuma Gonçalves, a grande mãe do morro e da escola de samba, e assistir ao bailado maravilhoso de Neide, a porta-bandeira sem igual.

Mulheres da Mangueira. Senhoras. Quem olha Zica com aquele jeito de mãe de todos nós, talvez nem lembre que foi a determinação dela que garantiu à Mangueira o terreno onde se ergue o Palácio de Samba, sede da escola. Alguém imagina Zica entendendo de negócios? Pois não entende. Mas é professora de sentimentos e emoção. Foi o que a levou a pedir ajuda a amigos como Eugênio Agostini e Donald de Carvalho para garantir a casa própria da Mangueira. "Depois de algum tempo, a escola, que vivia dificuldades sérias, deixou de pagar o terreno e quase perdeu tudo", relata Nilcemar Nogueira. Zica entrou novamente em ação, mobilizou Deus e o mundo e hoje o Palácio de Samba está lá, orgulhosa sede da Mangueira e símbolo da determinação de suas mulheres valentes. Que nem Dona Meil Amaral, baiana, baluarte e membro do Conselho Superior da escola: "A Mangueira é uma escola de mulheres mesmo. Quem quiser a prova que passe os olhos na história". ■



# GUARACAMP

*Refresco de guaraná*

(0XX21) 2415-4637  
(0XX21) 2411-5050



*Poderíamos falar,  
sobre nossas  
novas embalagens,  
mas depois de TANTA BELEZA,  
nos contentaremos  
em dizer que temos*

*...miiiito mais sabor!*

## O SAMBA DO SEU BRUM

Acredite ou não, já me fantasiei de tirolês estilizado. Felizmente, não tenho nenhuma memória do fato. Sei de ouvir contarem. Talvez exista uma fotografia em algum lugar, e portanto a possibilidade sempre viva da chantagem, mas até agora ela não apareceu. Segundo o relato familiar, fui o tirolês mais triste da história. Lembro, sim, de bailes de carnaval na adolescência, quando a gente ia com máscaras de plástico tapando os olhos para não ser cegado pela lança-perfume inimiga. Bom mesmo era jato de lança-perfume nas costas nuas de odaliscas e havaianas, que faziam “ui” e se contorciam, e quando se viravam para brigar você já estava longe. Sim, sim, cheirei lança-perfume. Foi o máximo de devassidão a que cheguei na vida. Nunca comi ostras da sapatilha de uma bailarina russa, mas já cheirei lança-perfume. Devo ter sido o devasso mais triste da história. Os próprios gaúchos faziam pouco do carnaval de rua de Porto Alegre. Os “blocos” não sambavam, marchavam. Mas eu gostava de ver carnaval. No nosso bairro tinha um bloco, o “Piratas do Amor”, liderado pelo seu Brum da farmácia, que me deu muita injeção (naquele tempo se tomava injeção para tudo) e depois eu soube que era veado. Na época, parecia apenas animado. O “Piratas do Amor” desfilava como se fosse invadir a Argentina. Samba mesmo era no Rio. Cadenciado. O carnaval gaúcho precisava se acariocar. Quando vi o carnaval carioca pela primeira vez o desfile das escolas ainda era na Rio Branco. Me apaixonei pelo Salgueiro. Desculpe, Mangueira, mas o Salgueiro era vermelho e branco, as cores gloriosas do Internacional. O coração tem razões que etc. Com o tempo fui acompanhando as

transformações nos desfiles das escolas cariocas, a leva-da ficar cada vez mais rápida, e hoje dá para dizer, com uma ponta de bairrismo ressentido, que o carnaval gaúcho está desagradado. As escolas não estão mais sambando, estão marchando. O carnaval carioca se agauchou. O seu Brum era um pioneiro! A Mangueira também acelerou o passo mas pelo menos mantém um simulacro da velha cadência. Se resistir o tempo suficiente, talvez lidere uma restauração do samba. Tomara.

Luis Fernando Verissimo é escritor



FOTO DE RENATO DE AGUIAR

# 'Teu cenário é uma beleza'

Texto de Tárík de Souza  
Fotos do Centro de Memória da Mangueira

**A** Mangueira é tão grande que nem cabe explicação. Os poetas da escola e mesmo outros vates que a admiram de fora não se cansam de cantar seu cenário, beleza que a natureza criou. Um idílio aos olhos de quem sonha: "O morro com seus barracões de zinco, quando amanhece, que esplendor", trombetearam Enéas Brites e Aloísio da Costa na eterna *Exaltação à Mangueira*, entroni-

zada por Jamelão em 1956. "**Vista assim do alto mais** parece um céu no chão", deslumbrou-se Hermínio Bello de Carvalho, arrastando no seu cordão o parceiro portelense Paulinho da Viola em *Sei lá, Mangueira*. "Me sinto pisando um chão de esmeraldas quando levo meu coração à Mangueira", celebraria o mesmo Hermínio agora em companhia de Chico Buarque, um dos ases da MPB exaltados em retribuição pela escola verde-e-rosa, no carnaval de 1998. "Ô laiá, vem pra avenida ver meu guri desfilar" convidou o vitorioso enredo *Chico Buarque da Mangueira*. O compositor, que já homenageara a escola na angustiada *Estação Derradeira* ("Quero ver a Mangueira / derradeira Estação / quero ouvir sua batucada, ai, ai") voltou ao tema com Tom Jobim, outro mito que virou enredo. "Mangueira, estou aqui na plataforma da Estação Primeira / o morro veio me chamar / de terno branco e chapéu de palha vou me apresentar", perfilaram-se o papa da bossa e o líder da banda em *Piano na Mangueira*.

Os dois tributos viraram belíssimos discos, *No tom da Mangueira*

(1991) e *Chico Buarque da Mangueira* (1998), recheados de outras odes à verde-e-rosa, como a do baiano primal Assis Valente (com Milton de Oliveira), que leva o nome da escola: "Não há, nem pode haver / como Mangueira não há / o samba vem de lá / a alegria também". Igualmente celebrado em enredo, *Atrás da verde-e-rosa só não vai quem já morreu* (1994), outro baiano, Caetano Veloso, à frente dos Doces Bárbaros (mais Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia) devolveu o elogio a seu modo bairrista em *Onde o Rio é mais baiano*: "A Bahia, Estação Primeira do Brasil / ao ver a Mangueira nela inteira se viu". Fluminense de Paulo de Frontin, Herivelto Martins foi um dos que mais exaltaram a verde-e-rosa entre os compositores "do asfalto" (em oposição aos considerados "do morro", uma divisão que vigorou até a década de 1960, quando o Centro Popular de Cultura, o CPC, aproximou politicamente as duas vertentes). Com o ator Grande Otelo, seu parceiro na definitiva *Praça Onze*, advogou em *Mangueira não*: "Podem até acabar com o Estácio, o velho Estácio de



Cartola

Sá / derrubem todos os morros /  
derrubem o meu barracão / silen-  
ciar a Mangueira, não”.

Ao lado do *doublé* de pintor Heitor dos Prazeres, fez o tributo *Lá em Mangueira* (“aprendi a sapatear / lá em Mangueira / é que o samba tem seu lugar”) e sozinho remoeu a *Saudosa Mangueira*, “tenho saudade da Mangueira / daquele tempo em que eu batucava por lá / (...) eu sou do tempo que o malandro não descia / mas a polícia no morro também não subia”. Época pacífica, idolatrada por outro fluminense, o flautista (de Macaé) Benedito Lacerda em *Despedida de Mangueira* (“Em Mangueira na hora da minha despedida / todo mundo chorou”) e na subsequente *Sabiá de Mangueira* (“desde o tempo em que me despedi de Mangueira / nunca mais eu vi o povo de lá”), com os respectivos parceiros Aldo Cabral e Eratóstenes Frazão. Um contraste com o dramático *Quando o samba acabou*, do freqüentador do pedaço Noel Rosa (“Lá no morro de Mangueira / bem em frente à ribanceira / uma cruz a gente vê”).

Também cantaram a Estação Primeira, entre muitos, do parceiro de Noel, Nássara, com seu desafeto Wilson Batista, em *Mundo de zinco* (“aquele mundo de zinco que é Mangueira / desperta com o apito do trem”) ao coronel da reserva Antônio de Pádua Vieira da Costa, o bamba Luís Antônio, ex-oficial de gabinete do presidente João Goulart, em *Levanta, Mangueira* (“a poeira do chão / samba de coração”). E mais as duplas Roberto Riberti e Arlindo Marques Jr. (*Enquanto houver Mangueira*), Mirabeau e Milton de Oliveira (*Fala Mangueira*)

e o paulista (de Bananal) Pedro Caetano, que ralhou preocupado em *Onde estão os tamborins?*: “Viver somente de cartaz não chega / põe as pastoras na Avenida, Mangueira querida”. Até o crítico musical (e mangueirense) Sérgio Cabral investiu na sua porção autoral com o produtor e gaitista Rildo Hora em *Os meninos da Mangueira* (“Um menino da Mangueira / recebeu pelo Natal um pandeiro e uma cuíca / que lhe deu papai Noel / um mulato sarará / primo irmão de



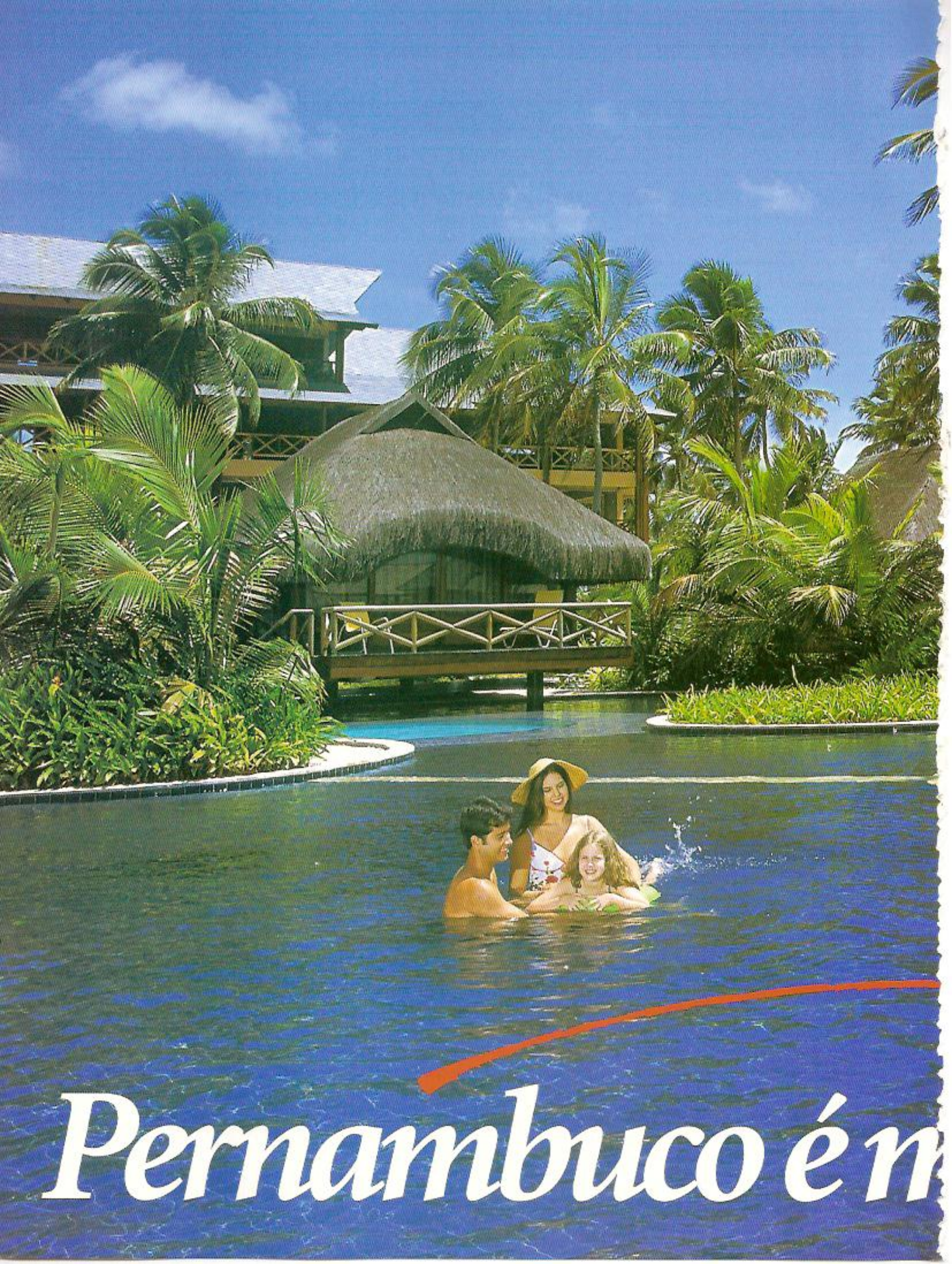
Carlos Cachaça

Dona Zica”). A exaltação às figuras fundadoras da escola como na épica *Cachaça, árvore e bandeira* (“Carlos Cachaça bebeu Mangueira / raiz e tronco, folha sagrada”) de Moacyr Luz e Aldir Blanc, gravada no disco *Velha Guarda da Mangueira e convidados* (1999) não ocorre por ufania tola.

Mangueirenses de raiz como Carlos Cachaça (*Harmonia em Mangueira, Não me deixaste ir ao samba*), Cartola (*A Mangueira é muito grande, Chega de demanda*),

Nelson Cavaquinho (*Folhas secas, Sempre Mangueira*), Padeirinho (*A mais querida*), Nelson Sargento (*Mangueira, divina e maravilhosa*), Hélio Cabral (*Semente do samba*), Jamelão (*Quando eu falo de escola*), Preto Rico (*Fim de semana em Mangueira*) e o especialista José Ramos (*Nasceste de uma semente, Mangueira chegou, Capital do samba*) edificaram epifanias à verde-e-rosa através dos tempos. “A Mangueira me chama, eu vou / sempre fui o seu defensor”, proclama a voz boêmia de Nelson Cavaquinho. “Guerreei na juventude / fiz por você o que pude”, replica Cartola. E se Nelson Cavaquinho (com Guilherme de Brito) orgulha-se da academia sem fardão de sua escola (“vivo tranquilo em Mangueira porque / sei que alguém há de chorar quando eu morrer”) no *Pranto de poeta*, Cartola, verde-e-rosa (ele escolheu as cores) desde o Bloco dos Arengueiros, embute uma questão sociometafísica em sua *Sala de recepção*, onde “se abraça o inimigo, como se fosse um irmão”. Pergunta a letra: “Habitada por gente simples e tão pobre / que só tem o sol que a todos cobre / como podes Mangueira cantar?”

São os mistérios da mais celebrada das escolas de samba. Ou como traduz para os tempos atuais o ex-Farofa Carioca Seu Jorge no *samba-funk* que fez para a comunidade em seu recém-lançado CD *Samba esporte fino*: “Eu quero ver se tem coragem de subir a famosa Mangueira / eu me amarro / não moro lá / mas considero a Mangueira / a melhor parada da cidade”. Tá ligado, *bróder?* ■



*Pernambuco é m*





*Com uma excelente rede hoteleira,  
que tem desde os melhores resorts  
5 estrelas até as pousadas mais  
aconchegantes, Pernambuco tem  
todos os tipos de acomodação  
pra receber você.*

*mais pra você.*



[www.turismo.pe.gov.br](http://www.turismo.pe.gov.br)

# A Mangueira não é só carnaval

Texto de Olga de Mello  
Fotos de Vantoen Pereira Jr.

**A alegria da Mangueira dura o ano inteiro. Os projetos sociais atendem a mais de oito mil pessoas da comunidade e criaram 400 empregos. Mais do que uma escola de samba, uma escola de vida.**

**A**luna da 5ª série da Escola Uruguaí, em São Cristóvão, Angélica Soares, 11 anos, pretende ser bailarina clássica. Paulicéia Borges, de 13, tem o mesmo sonho. Um desejo que foi por muito tempo restrito às jovens da zona sul carioca e que hoje é real para 30 crianças e adolescentes que só teriam acesso ao samba como forma de expressão musical, se não fosse o Programa Social da Mangueira. "No início, eu estranhava o tipo de música, mas agora acho bonita, pois é muito tranquila", comenta Paulicéia. Angélica gosta de apresentar-se em público e de assistir a espetáculos no Teatro Municipal. Na fila de espera de novas turmas, estão inscritas centenas de meninas e

rapazes, que também almejam a oportunidade de integrar o corpo de baile do Municipal, como já aconteceu com duas moças da comunidade, que aprenderam balé por intermédio do projeto Dançando para não Dançar, patrocinado pela BR Distribuidora, com apoio da Loterj e do BNDES. As aulas são em salas espelhadas, com barra, piso especial e tudo o que se espera em uma boa academia de balé.

A entrada principal da Vila Olímpica da Mangueira é discreta, marcada apenas pelo verde-e-rosa característico de seu emblema. Parece um portão de vila, mas, passadas as primeiras casas, chega-se a uma bem cuidada pista de atletismo, circundando o gramado



O sonho de bailarina agora ultrapassa os limites da zona sul

de um belo campo de futebol. São 30 mil metros quadrados que abrigam ainda um ginásio de esportes, uma piscina semi-olímpica, quadra esportiva em areia, um posto de saúde, um Ciep, além de salas de balé e outras para reuniões ou aulas. Para jovens como Paulicéia e Angélica, a Vila Olímpica e os projetos sociais da Mangueira sempre existiram. Mas há 15 anos, o terreno, hoje ocupado pela Vila, era uma garagem abandonada da Rede Ferroviária Federal que servia como depósito de lixo.

“Um dia, eu e o Carlos Dória, então presidente da Escola, estávamos na quadra e ficamos olhando aquele terreno, do outro lado da linha férrea. Já tínhamos

muitas crianças praticando futebol, futebol de salão, vôlei e atletismo numa área pequena, embaixo do Viaduto Cartola. Precisávamos de mais espaço para expandir os cursos e aceitar mais alunos. Aí, as coisas começaram a andar rápido. Pedimos o terreno à Rede Ferroviária, um grupo de funcionários da Xerox que saía numa ala nos desfiles da Mangueira se empolgou com o projeto e, quase ao mesmo tempo, a Vila Olímpica saía do papel. Conseguimos o apoio de muita gente. Só para darmos alguns exemplos, a Alcione investiu na Mangueira do Amanhã, o Pelé conseguiu que o gramado sintético fosse doado pelo governo federal e a Xerox financiou os projetos esportivos. Então, de repente,

a realidade superou o sonho”, lembra Francisco de Carvalho, o Chiquinho da Mangueira, vice-presidente social da Escola.

Atualmente, são 30 projetos sociais diferentes oferecidos à comunidade e aos moradores de regiões vizinhas, com patrocínio de empresas e apoio de diversos órgãos governamentais. “O governo já tem muitas atribuições. Não corremos atrás de pires na mão; chamamos para trabalhar junto em programas que consideramos necessários. Só o Círculo de Amigos do Menino Patrulheiro, o Camp-Mangueira, idealizado por tia Alice, prepara adolescentes para entrar no mercado de trabalho e tem convênio com cerca de 300 empresas, que estão apostando na qualidade da

formação desses jovens. Então, quando o governo entra com pessoal para o nosso posto de saúde, quando fornece professores para o nosso Ciep, quando a Universidade Castelo Branco manda estudantes de direito, educação física, serviço social e fisioterapia prestarem assistência à comunidade, todos estão ganhando nessas parcerias”, acredita Chiquinho.

Para Célia Regina Domingues, responsável pelos projetos Oficinas Profissionalizantes e Creches, o Programa Social da Mangueira deu certo porque a comunidade tem uma estrutura sólida e quis investir em transformações. “Nós rompemos com a noção de que projeto social precisa estar ligado à comunidade de baixa renda. É verdade que os cursos profissionalizantes não exi-

gem um alto nível de escolaridade. No entanto, sabemos que se exige diploma de ensino médio para uma esteticista. Então, quem faz o curso de esteticista, aqui, é obrigado a frequentar a escola, o supletivo, o que supre esta carência. Ao lado disso temos o projeto do balé clássico, que mostrou às nossas crianças um mundo totalmente novo para elas. Mas não estamos incentivando

## CHIQUINHO

### Sempre existe alguém na frente de batalha

Se a Mangueira expandiu seu domínio na área do samba para ser sinônimo de melhor projeto social do país, citado como exemplo para o mundo pela Organização das Nações Unidas, esta conquista está vinculada a um grupo que tem em Francisco de Carvalho, o Chiquinho, seu principal destaque. “Sempre existe alguém na frente da batalha. Por circunstâncias da vida, fui eu”, comenta Chiquinho, que diz haver lutado muito pela realização do Programa: “Mas ganhei muito, também. Hoje sou secretário de Esportes do Governo do Rio de Janeiro, estou na Suderj e continuo coordenando a Vila Olímpica, porque este projeto é nosso, precisa de nosso empenho, embora já consiga caminhar sozinho”, acredita.

Professor de educação física e psicólogo, Chiquinho dava aulas de futebol para os meninos da Mangueira quando começou a imaginar a Vila Olímpica. “Até hoje, a escolinha de futebol é a que tem maior procura pelas crianças e pelas mães”, ri Chiquinho, que diariamente atende aos pedidos de quem não consegue inscrição na modalidade pretendida. Ele oferece a alternativa de outro curso, mas sabe que nunca terá vagas suficientes para acomodar os 40 mil moradores da Mangueira. “Este é o programa social mais completo do mundo! Atendemos de bebês a idosos, que têm atividades direcionadas para a terceira



Chiquinho garante: É o programa social mais completo do mundo

idade, estamos com uma faculdade de informática aqui dentro! A Unesco nos apresenta como o melhor programa social da América Latina. Mas não vivemos somente de entusiasmo. Precisamos manter toda esta estrutura sem oferecer mais do que a clientela quer”, comenta Chiquinho.

(Olga de Mello)

sonhos fúteis, impossíveis. Estamos oferecendo a chance única, e só para os que quiserem, de se ganhar o mundo. E, da mesma forma que o mercado de trabalho exige, todos são obrigados a frequentar escola, ter um desempenho razoável e jamais se acomodar. A Mangueira acabou com aquela idéia do 'ah, eu sou pobre mesmo, não tenho condição...' Depois de 15 anos, vemos pessoas com maior autoestima, mais vaidosas, mais comprometidas com seu crescimento. Nós não somos um à parte da cidade, nós fazemos parte dela", diz Célia.

Outro projeto original é o da Casa das Artes da Mangueira. Desde maio de 2001 a Xerox patrocina uma série de oficinas de caráter artístico e educativo com objetivo ousado: oferecer uma nova percepção de mundo a jovens de 12 a 18 anos. No Núcleo de Registro Audiovisual, por exemplo, 120 alunos escreveram um livro

com reportagens reunindo textos e fotografias e produziram três documentários em vídeo sobre temas relacionados a seu dia-a-dia, como a presença do pagode e do funk no morro, o preconceito racial e a gravidez precoce.

De fato, como a maioria das atividades se destina a jovens, quase todos os cursos têm cuidado em dar orientação sobre comportamento sexual, já que a comunidade tem um grande número de mães adolescentes. Uma jovem que se destacava no atletismo teve que abandonar a carreira ao engravidar, com 15 anos. Fora das pistas, passou a frequentar cursos profissionalizantes. "Não é porque a menina engravidou que a gente vai abandoná-la. Esta comunidade não vai apenas premiar os bem-sucedidos, mas mostrar que as mães solteiras podem chefiar suas famílias exercendo profissões que lhes dêem, além de sustento, satis-



Esteticismo abre novas alternativas



Célia Regina cuida dos projetos sociais



Junto da linha de trem e do morro, a Vila Olímpica é orgulho da Estação Primeira

fação pessoal", diz Célia. Outro projeto, que começa a tomar vulto este ano, é o de orientação para adolescentes dependentes de drogas. "O problema é comum a toda a sociedade. Estamos encarando de frente, trazendo apoio para quem quer se livrar da dependência. Ainda não temos resultados, vai

demorar muito, mas estamos oferecendo chances a esses garotos de trilharem caminhos mais saudáveis", acredita Chiquinho.

O Programa Social da Mangueira emprega 400 pessoas da comunidade e atende a cerca de oito mil pessoas, sendo 30% delas moradores de outras regiões da

cidade. Não se vêem pichações nas instalações, todas pintadas em tons de verde-e-rosa, nem papéis pelo chão. "Um dos projetos mais interessantes que temos é o de reciclagem de vidro, patrocinado pela Associação Brasileira de Fabricantes de Vidro (Abividro) e pela Cisper. A cada cem quilos de vidro recolhido, cada pessoa tem direito a uma cesta básica. Estão sendo distribuídas três mil cestas básicas mensais e, enquanto isso, a comunidade vai ficando mais limpa", lembra Chiquinho. Outro projeto que beneficia diretamente a comunidade é o Faz-Tudo. Patrocinado pela Bolsa de Mercadorias e Futuro, com apoio do Grupo Votorantim, o Faz-Tudo ensina a jovens de 15 a 17 anos técnicas de construção civil (estucador, pedreiro, assentador de placa e pintura) e de instalações



Ana Lúcia: relações públicas



José Monteiro, da Xerox, e Guezinha

## Projetos, patrocinadores e parceiros

### Vila Olímpica

**PATROCÍNIO:** Xerox do Brasil.  
**MODALIDADES:** Basquete feminino, Futebol, Futsal, Ginástica rítmica desportiva, Natação e Atletismo

### Projeto Saúde

**PARCERIA:** Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

### Projeto Camp-Mangueira

**PATROCÍNIO:** Xerox do Brasil  
Educação para o trabalho

### Projeto Dançando para Não Dançar

**PATROCÍNIO:** BR Distribuidora, BNDES  
**PARCERIA:** Loterj

### Projeto Alfabetização Solidária

**PARCERIA:** Universidade Veiga de Almeida

### Projeto Educação

Escola Tia Neuma  
Do C.A. à 4ª Série  
**PARCERIA:** Centro Educacional Santa Mônica  
Ciep Nação Mangueirense  
Da 5ª à 8ª Série e 2º Grau  
**PARCERIA:** Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro  
Faculdade de Informática e UniverCidade

### Projeto Clube Escolar

**PARCERIA:** Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

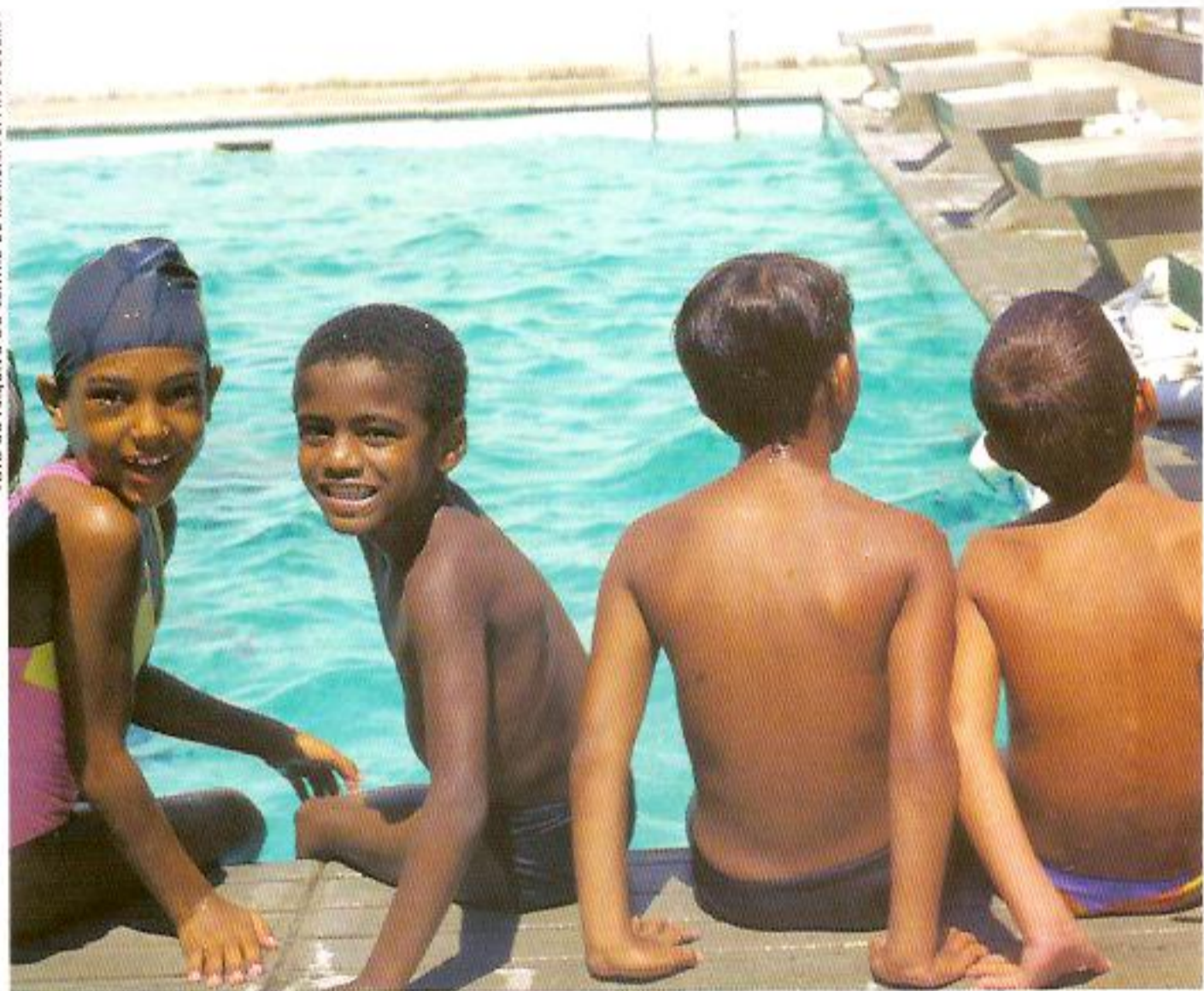
### Centro Cultural BR/Mangueira

**PATROCÍNIO:** Petrobras Distribuidora

hidráulicas e elétricas. O trabalho final das turmas é, além de apresentar um orçamento de obras, reformar as instalações de prédios comunitários, como as quatro sedes de associações de moradores da Mangueira, ou recuperar edifícios das vizinhanças. Empresas como a Leolac Tintas e a Fortilit, de tubos e conexões hidráulicas, fornecem o material aos alunos, que, no fim do curso, recebem certificados do Senai. "Muitos deles ficaram trabalhando na manutenção da Vila Olímpica, mas há outros que estão abrindo seus próprios negócios", conta Chiquinho.

A administração do presidente Alvinho e da vice-presidente Chininha não deixa por menos: quer não apenas dar continuidade ao programa social da Mangueira, mas incrementar sua área de ação. ■

FOTO DO ARQUIVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA MANGUEIRA



Na piscina, os meninos da Mangueira treinam longe dos problemas

### Projeto Informática

**PARCERIA:** Comitê para Democratização da Informática

**PATROCÍNIO:** Bingo Arpoador

### Projeto Oficinas Profissionalizantes

**PARCERIAS:** BR Distribuidora, Abravest, Leite de Rosas, Valmari Cosméticos, Supermercado Cristal, Sebrae e Embeleze

**OFICINAS OFERECIDAS:** Artes plásticas, Artesanato, Assistente doméstico, Atendente lojista, Capoeira, Cestaria, Coral, Dança, Etiqueta, Estética, Música, Pátina, Recepcionista, Teatro, Costura industrial, Bordado industrial, Cabeleireiro, Estamparia, Depilação, Mestre-sala e Porta-bandeira

### Projeto Faz-Tudo

**PATROCÍNIO:** Bolsa de Mercadorias & Futuro / BM&F

**PARCERIA:** Votorantim, Leolac, Fortilit

### Projeto Esporte e Saúde

Atendimento a portadores de deficiências e terceira idade

**PATROCÍNIO:** Bingo Arpoador

### Projeto Sociocultural de Atendimento a Crianças e Idosos que Vivem nas Ruas

**PARCERIA:** Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

### Projeto Creches

**PARCERIA:** Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

### Projeto de Atendimento Jurídico-Fisioterápico-Educação Física e Serviço Social

**PARCERIA:** Universidade Castelo Branco

# A MANGUEIRA NÃO PODE PARAR

Foi a partir desse slogan que a chapa encabeçada por Alvinho e Chininha alcançou 87% dos votos na última eleição em abril de 2001. Nesses primeiros meses de gestão diversas iniciativas chamam a atenção, algumas marcantes. O Alvinho, por exemplo, teve habilidade de montar uma diretoria em que estão presentes Elmo José dos Santos – o presidente que mudou a Mangueira – no cargo de Presidente do Conselho de Carnaval e Célia Regina Domingues como sua Assessora Especial para coordenação dos Projetos Sociais da Estação Primeira. Tal atitude, de um lado garante a unidade da família mangueirense, desejada claramente pela inédita votação alcançada, e de outro reafirma a liderança do Presidente Álvaro Caetano que se revela moderado e competente articulador, além de realizador de reconhecida garra. E as realizações da diretoria comandada por Alvinho e Chininha já começaram a se materializar:

- Compra e instalação de novo sistema de som da quadra de ensaio
- Construção da cozinha da quadra (cozinha das Baianas Tradicionais)
- Construção e colocação das grades da fachada
- Troca dos pisos dos banheiros do segundo andar da administração
- Troca das portas dos camarotes da Boate
- Pintura total da quadra
- Construção de banheiro no palanque dos compositores
- Reforma das salas da Bateria
- Construção do refeitório para a bateria
- Ampliação do Barracão de Alegorias, com a incorporação de mais um módulo superior
- Reforma dos banheiros dos funcionários e troca da rede de esgoto do Barracão de Alegorias
- Construção da sala do presidente, no Barracão de Alegorias
- Ampliação do mezanino do almoxarifado do Barracão de Alegorias
- Compra da casa dos Baluartes (onde mora a Cristolina)
- Instalação de roleta eletrônica para sócios
- Aumento do número de componentes da comunidade nas alas, com pagamento de fantasias antecipado
- Mudança do layout do nosso site

- Melhoria dos equipamentos de informática da Administração e do Barracão de Alegorias
- Sorteio dos figurinos de alas
- Indicação e Eleição, por unanimidade, do Presidente de Honra – José Bispo – o popular Jamelão.

Quanto aos projetos a se realizarem ao longo dos próximos dois anos, alguns envolvem a vice-presidência de projetos especiais, com forte participação de outras vice-presidências, sempre focando o aumento da receita do Grêmio, ampliando e aprofundando o relacionamento da Estação Primeira de Mangueira com o empresariado e executivos de alto nível de todos os setores, privado e público.

Coerente com a visão macro que se tem do potencial mercadológico da Mangueira, o Presidente Álvaro Caetano determinou que 2002 será o ano da implantação das grandes parceiras por setor de atividade econômica a exemplo das que já existem com a BR Distribuidora e com a Xerox. (Qual será o banco parceiro da Mangueira? Qual a mantenedora de veículos?).

Este também será o ano da campanha de ampliação do quadro de sócios mantenedores que na ótica do Presidente, geram receita e caixa que propiciam flexibilidade e agilidade para quem dirige a Escola, ao mesmo tempo em que pode e deve virar um vínculo definitivo com a Estação Primeira.

O Presidente também apoiou com entusiasmo a retomada, atualizada e adequadamente embalada, do produto “Palestra-Show” a ser oferecido ao mercado que realiza seminários, convenções, exposições e atividades assemelhadas. Tal produto será desenvolvido e entregue às empresas em parceria, que já está sendo negociada com especialistas em divulgação de conhecimento nas diversas áreas de gestão-management, combinada com entretenimento.

Finalmente, ainda em 2002, será instituída a Fundação Mangueira, ato e fato que constituirão, de forma pioneira, nova e eficaz forma de organização comunitária a partir de um polo aglutinador que no nosso caso é a Estação Primeira de Mangueira.

Por tudo isso, mais o que será realizado por intermédio de todas as vice-presidências da Diretoria liderada por Alvinho e Chininha, reafirma-se a cada dia o slogan que deverá se tornar a marca dessa Administração: A Mangueira Não Pode Parar.

**José Maria Monteiro é sócio benemérito e Vice-presidente de projetos especiais**



# Parceria com participação

**U**ma amizade especial une os comandantes de algumas das grandes empresas do país e a Estação Primeira de Mangueira. Mais do que simples parceiros financeiros, os mantenedores da escola são participantes entusiasmados das empreitadas de cunho social que têm transformado a realidade da comunidade verde-e-rosa.

Diretor-presidente da Losango, Conrado Engel, à frente de uma das maiores instituições financeiras do país, foi um dos que se impressionaram com a dimensão das atividades sociais realizadas na Mangueira. "Percebi que a Mangueira é muito mais do que uma Escola de Samba. É claro que ela já nos atrai por ser uma das mais tradicionais e queridas agremiações do carnaval carioca. Mas o que acontece o ano todo na Mangueira, principalmente a atenção dada às crianças, é tocante e coincide totalmente com a estratégia da Losango", diz o executivo.

Engel também faz questão de frisar a importância do trabalho de caráter educacional realizado com adultos e idosos: "A Mangueira é o grande pólo aglutinador da comunidade local e o que acontece lá simplesmente não tem paralelo. Nós já vamos completar três anos de parceria com a Estação Primeira

## Os parceiros da Mangueira se entusiasmam com os projetos sociais

e só devo dizer, mais uma vez, que a Mangueira é muito mais do que uma escola. Ela é uma instituição que merece o apoio de todos nós".

O entusiasmo dos mantenedores é uma das principais características das parcerias estabelecidas entre empresas e a Mangueira. Muitos executivos são frequentadores assíduos dos ensaios da escola e vestem o manto verde-e-rosa com o maior orgulho. A presidente da Icatu Holding, Kati de Almeida Braga, e o presidente da Icatu Seguros, Nilson Molina, sentiram com mais intensidade o sabor especialíssimo da verde-e-rosa há três anos, quando realizaram uma turnê pelos 'quatro endereços' da Mangueira (o barracão de alegorias no Santo Cristo, o espaço da Mangueira na Praça Onze, a Vila Olímpica e o Palácio do Samba). Depois de perceberem a seriedade do 'Projeto Mangueira' eles se transformaram em defensores de um modelo de atuação que combina a tradição do passado com a apreensão seletiva do que há de mais moderno nas práticas sociais.

A ligação da dupla do Icatu com a Mangueira pode ser detectada nas mais variadas situações. Um dos pontos altos do programa de incentivo aos vendedores do Icatu é o Prêmio Galo de Ouro. Este ano, faz parte da programação da entrega do prêmio a participação no tradicional Show da Mangueira no Rio, que acontece no Canecão. Como tudo que envolve o mundo do samba, a parceria da escola com os mantenedores passa, sem máculas, pelo quesito emocional. Kati de Almeida Braga, por exemplo, não se furtou em ajudar a recepcionar os ministros de Cultura do Mercosul no jantar organizado pelo chefe da pasta no Brasil, ministro Francisco Weffort, no Palácio do Samba. Esse tipo de atitude, Engel explica: "É que somos todos mangueirenses, é claro. E isso só aumenta o prazer da nossa relação profissional com a escola. Somos torcedores apaixonados." ■

### Mantenedores da Mangueira

- Brasilcap
- Dannemann
- Ecovias
- Icatu
- Leite de Rosas
- Losango
- Promon

**CARNAVAL NO RIO É COMO  
A COBERTURA DA TELEFÔNICA CELULAR:  
A MAIOR E A MELHOR DO BRASIL.**

Aqui tem um cliente recebendo  
um e-mail pelo celular.

Este está ligando para um  
amigo que está em São Paulo  
com Roaming Nacional.



Este está pegando um recado na Caixa Postal.

Aqui tem outro cliente mandando um Torpedo para a amiga.

*Telefonica*

CELULAR



A sua melhor companhia.

# OS GUARDIÕES DA TRADIÇÃO

Texto de Henrique Brandão  
Fotos de Renato de Aguiar



O Conselho Superior, formado pelos baluartes, engrandece a Mangueira

**Eles têm a força. São eles a poderosa raiz que alimenta a paixão verde-e-rosa que nasceu no Buraco Quente, espalhou-se pelo morro, conquistou a cidade e transformou a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira na mais querida do país. São 23 ilustres mangueirenses chamados baluartes, o mais jovem com 68 anos, e que formam o Conselho Superior, o órgão máximo da escola. Com risos, suor e lágrimas eles construíram, tijolo a tijolo, a grandeza da Mangueira. Compondo sambas, costurando fantasias, soldando estrutura de carros, moldando esculturas, desenhando adereços, rodopiando na avenida, tocando na bateria, organizando alas ou interpretando o samba-enredo. Mangueira entrou em suas vidas e eles deram vida à Mangueira. Eles são a história, o passado, o presente e a garantia do futuro glorioso da Mangueira.**

**D**ia 5 de janeiro, 10 horas da manhã de um belo sábado de sol com a cara do verão carioca. O Palácio do Samba está calmo, nada que lembre a agitação que acontecerá dali a algumas horas, quando a quadra da escola será tomada por milhares de pessoas para mais um ensaio da Mangueira. Aos poucos, alguns mangueirenses vão chegando. Conhecem o caminho de cor, tantas vezes já pisaram aquelas pedras. Solo sagrado para eles, que ajudaram a construir, cada qual a seu modo, a trajetória de glórias da Estação Primeira de Mangueira.

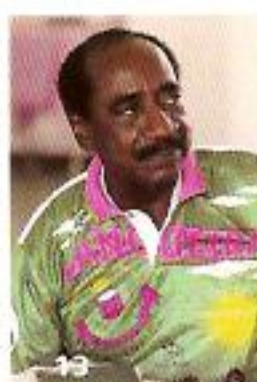
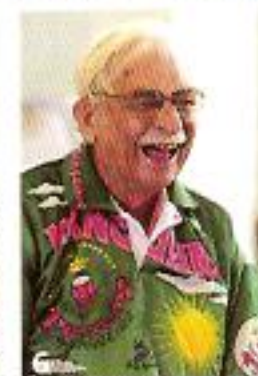
São os baluartes da Mangueira, a caminho de uma reunião do Conselho Superior da escola. A pauta do encontro é escolher o substituto de José Ramos, compositor mangueirense recentemente falecido, autor do antológico *Jequitibá do samba*. Reunidos no auditório do 3º andar, localizado ao lado do Centro de Memória da Mangueira, são recebidos com carinho e respeito pela diretoria da escola: o presidente Álvaro Luís Caetano, o Alvinho; a vice-presidente Chininha, filha de Dona Neuma; Elmo dos Santos, ex-presidente e atualmente à frente da Comissão de Carnaval; Célia Domingues, diretora de projetos sociais.

Criado em 1997, na gestão Elmo dos Santos, o Conselho Superior é composto de 23 ilustres mangueirenses. Não é para qualquer um. Para fazer parte é necessário ter, no mínimo, 30 anos de "serviços prestados" à verde-e-rosa e 73 anos de idade bem vividos.

A exceção é o ex-presidente Roberto Paulino que tem 68 anos. O cargo é vitalício. Para o lugar de José Ramos foi eleito, por aclamação, Moacir Castelo Branco, conhecido como Melão, 50 anos de Mangueira, 40 dos quais dentro do barracão, onde já foi de tudo: escultor, ferreiro, carpinteiro – em um tempo em que a figura do carnavalesco oficial ainda não existia.

O presidente Alvinho, na abertura da reunião, enaltece os baluartes: "A Mangueira deve muito, deve tudo, aos baluartes. Mangueira não existe sem emoção, e vocês são um exemplo de amor à nossa escola". Elmo dos Santos segue na mesma linha: "Vocês são as raízes da escola, da árvore frondosa que é a Mangueira".

É impossível não rasgar seda e deixar de cobrir de elogios aqueles homens e mulheres, a maioria grisalhos, alguns com a cabeça alva. São os sábios da Mangueira,



- |                      |                    |
|----------------------|--------------------|
| 1 Zé Crioulinho      | 7 Preto Rico       |
| 2 Dona Zica          | 8 Meil             |
| 3 Delegado           | 9 Nelson Sargento  |
| 4 Mocinha            | 10 Cristolina      |
| 5 Xangô              | 11 Tia Cecília     |
| 6 Raymundo de Castro | 12 Ed Miranda Rosa |
|                      | 13 Bregogério      |
|                      | 14 Waldir Sargento |

depositários das experiências, da tradição e da memória da escola, exemplos de vida para todos. "São espelho para a diretoria e para a juventude", diz Alvinho.

Os baluartes agradecem o reconhecimento. Sentem-se orgulhosos de pertencer a um grupo tão importante. "É uma maravilha", diz Dona Zica, a mangueirense mais famosa da escola. Ed Miranda Rosa, ex-presidente, é categórico: "É o máximo da minha vida". Preto Rico, da Ala dos Compositores, emociona-se: "Eu não sabia que ia ser tão bom. Faz a gente chorar". Xangô, diretor de harmonia da escola por 55 anos, concorda com os colegas: "É um orgulho. Vi a Mangueira crescer. Sou do tempo que a escola tinha 300 componentes e desfilava com corda". Cristolina, antiga passista, que um dia já foi considerada "as pernas mais bonitas da Mangueira", fala com entusiasmo e paixão:



Os baluartes se emocionam na homenagem a Zé Ramos, falecido recentemente

"Coisa fora de série. Igual não tem. Só vou deixar de ser Mangueira quando morrer". Meil, da Ala das Baianas, destaca a dedicação de quem é baluarte: "Sou baiana desde os sete anos. Foi muito desfile, muito rodopio até chegar aqui".

Com a reunião chegando ao fim, o presidente Alvinho coloca em pauta assunto importante: a eleição do presidente de honra da

Mangueira, cargo vago desde a morte de Carlos Cachaça, o primeiro a ocupar o posto. "Para ser presidente de honra tem que ter serviços prestados à escola, ter tradição, por merecimento e antiguidade. Gostaria que a Mangueira não fosse para a avenida sem presidente de honra. É uma questão de respeito com a nação verde-e-rosa", discursa o presidente para, em seguida, propor o nome de Jamelão. "Aonde chega não precisa ser anunciado, porque todo mundo sabe que ele é sinônimo de Mangueira. Além disso, é o mais velho de todos nós". Todos os baluartes presentes concordam, com uma salva de palmas. Jamelão é eleito por unanimidade.

Nada mais a tratar, o encontro é encerrado com todos de pé cantando o hino mangueirense – "Mangueira teu cenário é uma beleza..." Alegres, se dirigem ao Espaço da Velha Guarda, no 2º andar, onde irão tirar as medidas para as fantasias que usarão no carro dos baluartes, uma das atrações do desfile e que tradicionalmente fecha o cortejo verde-e-rosa. "Nenhuma



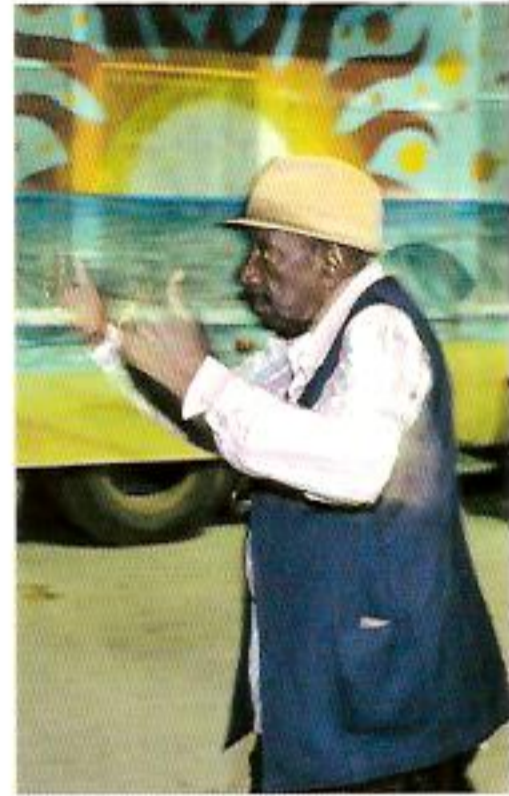
A Velha Guarda se prepara para o carnaval tirando medidas para a roupa do desfile

escola tem condições de fazer algo parecido. É o fecho de ouro da Mangueira na Sapucaí”, diz um orgulhoso Alvinho, já à vontade no clima descontraído que se instala no local. É hora da confraternização, do bate-papo entre amigos de longa data. Tia Cecélia resume o clima: “Este momento é muito bom, alegre e divertido. É a terceira idade em encontro de Primeiro Mundo”.

Tem razão a Tia Cecélia. O tratamento dispensado pela Mangueira a eles é de Primeiro Mundo. E sem nenhuma sofisticação. Com humildade, a Mangueira dá uma lição de como se deve tratar aqueles que ajudaram a escrever a sua história: bastam apenas o tratamento respeitoso e o mínimo de reverência para incrementar a auto-estima de todos. Coisa de quem sabe que as conquistas do presente se fazem sobre os alicerces do passado. Em um país como o nosso, como costuma-se dizer, de memória curta, é exemplo a ser seguido e modelo a se copiado. ■

## JAMELÃO, PRESIDENTE DE HONRA

Jamelão, figura lendária do carnaval carioca, respeitado e admirado pelo público e por gente de todas as escolas, e desde a década de 1950 o intérprete oficial do samba-enredo da Mangueira, recebeu mais uma homenagem da escola que abraçou com fervor desde os primeiros tempos. Foi eleito presidente de Honra da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. E não foi uma eleição qualquer. A partir de uma sugestão do presidente Alvinho, ele foi escolhido pelo Conselho Superior, a entidade formada pelos baluartes da escola, os sábios mangueirenses, entre eles Dona Zica, Delegado, Xangô, Nelson Sargento. É a maior homenagem que a escola



pode prestar a um mangueirense. Antes dele, apenas Carlos Cachaca, um dos fundadores da escola, tinha recebido esse título. Ao conceder o título de presidente de honra a Jamelão, os baluartes homenagearam não apenas um dos maiores símbolos do carnaval carioca, mas um apaixonado intérprete mangueirense que há quase 50 anos canta os sambas-enredo da verde-erosa com seu vozeirão inconfundível. Ao longo desse tempo, Jamelão tornou-se o mais popular e carismático intérprete de samba-enredo do carnaval carioca de todos os tempos, e mais: um autêntico símbolo da Mangueira.

Jamelão nasceu José Bispo Clementino dos Santos no dia 12 de maio de 1913. Menino no morro da Mangueira, conviveu com os fundadores e os primeiros componentes da escola. Logo estava na bateria da verde-erosa com seu tamborim e lá descobriu os dois amores de sua vida: Mangueira e samba. ■

### Quem são os baluartes

- **Amélia do Russo** – 82 anos
- **Bregogério** – 77 anos
- **Tia Cecélia** – 78 anos
- **China do Surdo** – 83 anos
- **Cristolina** – 73 anos
- **Delegado** – 81 anos
- **Ed Miranda Rosa** – 85 anos
- **Ivete** – 79 anos
- **Jamelão** – 89 anos
- **Jorge Cambota** – 75 anos
- **Meil** – 73 anos
- **Melão** – 73 anos
- **Mocinha** – 79 anos
- **Nelson Sargento** – 77 anos
- **Oswaldo Holanda** – 78 anos
- **Paulo Grande** – 74 anos
- **Preto Rico** – 78 anos
- **Raymundo de Castro** – 73 anos
- **Roberto Paulino** – 68 anos
- **Waldir Sargento** – 75 anos
- **Xangô** – 79 anos
- **Zé Crioulinho** – 81 anos
- **Dona Zica** – 88 anos

# O que é que a baiana tem?

Texto de Eduardo Graça

**Ala tradicional da escola, as Baianas mantém a tradição e preparam surpresas para o Carnaval de 2002**

**Ú**nica ala totalmente feminina das escolas de samba, as Baianas têm peso e história na Estação Primeira. Este ano são 120 baianas, em sua grande maioria oriundas da própria comunidade. "Eu saio na ala desde os 13 anos. É um grande orgulho e a oportunidade única de aprender com quem já desfila há muitos carnavais",

conta Neuci, neta de Dona Neuma, força impulsionadora do grupo na comunidade verde-e-rosa.

Foi Neuma, quem, nos anos 60, arregimentou as mulheres do Morro para formar a ala fixa das baianas. Poucos se dão conta, mas nos primeiros carnavais todas as mulheres saíam fantasiadas de baianas. Um dos orgulhos da Mangueira, a ala das baianas é hoje



No ano passado, as baianas da Mangueira ganharam o Estandarte de Ouro

FOTO DE ARQUIVO



comandada por Neuci e Apalaís. A dupla está especialmente empolgada porque o enredo deste ano trata justamente do povo nordestino. A fantasia é saborosa. Afinal de contas, coube às baianas representar a culinária nordestina no desfile. "Vamos entrar no Sambódromo com um tabuleiro recheado de quindins, pés-de-moleque, cocada. Tudo de mentirinha, é claro. Caso contrário, o tabuleiro chegaria vazio na Apoteose", brinca Neuci. A fantasia, em tons de branco e lilás, tem ainda detalhes em renda branca e bandei-rinhas de São João.

Na última década houve uma modificação importante para as baianas da Mangueira. Todas as fantasias das moradoras que saem na ala passaram a ser pagas pela escola. "Isso aumentou ainda mais a valorização da ala na comunidade", conta Neuci. Talvez este seja um dos segredos da harmonia de um grupo que une próceres do Morro como Dona Suluca, 78 anos, irmã de Delegado e decana das baianas, e Aline, 19 anos, a mais jovem baianinha em um reduto que idade, é, sim, documento. "As pessoas falam pra gente: 'olha que estas baianas não agüentam mais, mas elas são fortes pra chuchu. A Cristolina, por exemplo, quando deixou a gente para desfilarmos com os Baluartes foi um parto! Ela tinha 72 anos e queria continuar 'baiana'", lembra Neuci, que convidou uma dupla para apadrinhar a ala: o vice-presidente de Projetos Especiais da escola, José Maria Monteiro, e a Diretora Social, Célia Regina. "As baianas da Mangueira são uma das mais lindas tradições



O ensaio na quadra reúne várias gerações de baianas

FOTO DE RENATO DE AGUIAR

do carnaval carioca. É uma enorme honra ser o padrinho", diz José Maria.

No ano passado, não por acaso, as baianas da Mangueira foram premiadas com o Estandarte de Ouro. De fato, uma das imagens que marcaram o último Carnaval foram as mulheres da Estação Primeira encerrando o desfile com a fantasia 'A Flor da Mangueira', composta de rosas e lírios em um festival de cores. Este ano as baianas vão acompanhar o samba-enredo da escola com dois movimentos especiais. Quando a letra da música atenta para as flores jogadas ao mar elas simbolizam o ato de esperança com gestos nos braços e nas mãos. E quando é a hora de saudar lemanjá as baianas de Neuci levantam o tabuleiro em um gesto marcado

que promete emocionar as arquibancadas da Sapucaí. "As baianas são um dos segmentos mais organizados e representativos da escola. É o seu cartão de visitas", diz a madrinha Célia Regina Domingues, coordenadora do Programa Social da Mangueira. ■



A ala das baianas é orgulho da escola

FOTO DE ARQUIVO

# Chão e tradição

Texto de Fernando Paulino  
Fotos de Renato de Aguiar

**M**anter a essência do samba e ao mesmo tempo acompanhar a evolução dos desfiles das escolas de samba através dos carnavais. Esse desafio será enfrentado mais uma vez pela Estação Primeira de Mangueira quando os quase 5.000 componentes apresentarão o enredo *Brazil com Z é pra cabra da peste. Brasil com S é nação do Nordeste*. A fórmula para ganhar o carnaval é do presidente da escola, Álvaro Luiz Caetano, o Alvinho, ele mesmo compositor e ganhador de sambarenredo na Mangueira: "Chão, tradição e torcida mais tecnologia e respeito ao regulamento. Com isso, será difícil alguém ganhar da gente".

Da torcida nem é preciso falar. Não há ano em que a Mangueira não seja a "mais querida do público", com as bandeirinhas verde-e-rosa, distribuídas por Wellington e Hélio Turco, sendo agitadas por toda a arquibancada do Sambódromo. O chão e a tradição também estão mais do que

garantidos. Este ano, segundo avaliação do vice-presidente de carnaval, Percival Pires, o Perci, mais da metade dos componentes é da comunidade mangueirense. Em todas as alas que desfilarão na segunda-feira de carnaval, 30% dos componentes têm raízes na escola. Além, é claro, das alas "puro-sangue", ou seja, 100% verde-e-rosa.

Geovana e Marquinho, porta-bandeira e mestre-sala



# na SAPUCAÍ

Para garantir a empolgação inicial do desfile, o chamado "chão da escola", as três primeiras alas a desparar na avenida, com as fantasias "Índios donos da terra", "Negros africanos" e "Holandeses e franceses" são as chamadas alas da comunidade. São 350 componentes que com certeza absoluta defenderão com o coração, a boca e o pé o samba de Lequinho e Amendoim. Será um início de desfile, para quem prestar atenção no coro de todos os componentes cantando, emocionante. Poderá valer a passagem da escola como um todo.

Essas alas compõem a primeira das seis partes em que está dividido o desfile da Mangueira. Cada parte (ou setor, como é chamado pela organização do desfile) representa um momento do enredo. São elas: Auto da formação territorial do Nordeste, Auto dos causos e credices, Auto do povo (o maior do desfile), Auto do mercado e festas populares, Auto da fé e Auto da retornança, um sonho de Brasil.

O esforço para garantir a comunidade mangueirense no desfile da Marquês de Sapucaí foi grande. Do total gasto no carnaval deste ano da verde-e-rosa, em torno de R\$ 3,2 milhões, cerca de 1 milhão foi investido pela diretoria para vestir seus componentes. Além das alas específicas da comunidade e dos 30% presentes em cada uma das alas, há também as alas tradicionais, como

Baianas, Bateria, Velha Guarda, Baluartes, Diretoria, Velha Guarda da Bateria, Crianças e alguns outros segmentos que não pagam por suas fantasias. Tudo é financiado pela escola.

A raiz de samba que a Mangueira faz questão de preservar é bem representada por mestre Russo, o comandante dos 320 componentes da bateria da escola. Mestre Russo está há quatro anos no comando da bateria. Antes,

passou 12 anos na diretoria da bateria e antes ainda desfilou durante nove anos tocando caixa.

A primeira coisa que vem à cabeça de Russo é agradecer a seus mestres Limão e Fernandinho. "Eles é que me fizeram chegar aqui". Russo faz questão de nominar seus companheiros no comando da bateria da escola. São eles: Marrom, Wesley, Zé Campos, Taranta e Waldir Gaguinho. Mesmo sem revelar,



Perci: alas terão maior participação da comunidade

Russo promete uma surpresa para o público da Sapucaí, apesar de, como diz Jamelão, "a bateria da Mangueira nunca mudar nada".

Como em *Todo o tempo em que eu viver*, de Cartola, há na Mangueira sempre um jovem "com o mesmo sangue nas veias". E, por isso, a preocupação com todas as gerações de sambistas. Junto com os atuais bambas do ritmo mangueirense estarão na coordenação do desfile os repre-



Carlinhos de Jesus comanda a coreografia da Comissão de Frente

sentantes da Velha Guarda da Bateria. E, à frente da bateria, como mascote, desfilará Reinaldo, diretor da Bateria Mirim da Mangueira. Passado, presente e futuro da percussão da escola na Sapucaí.

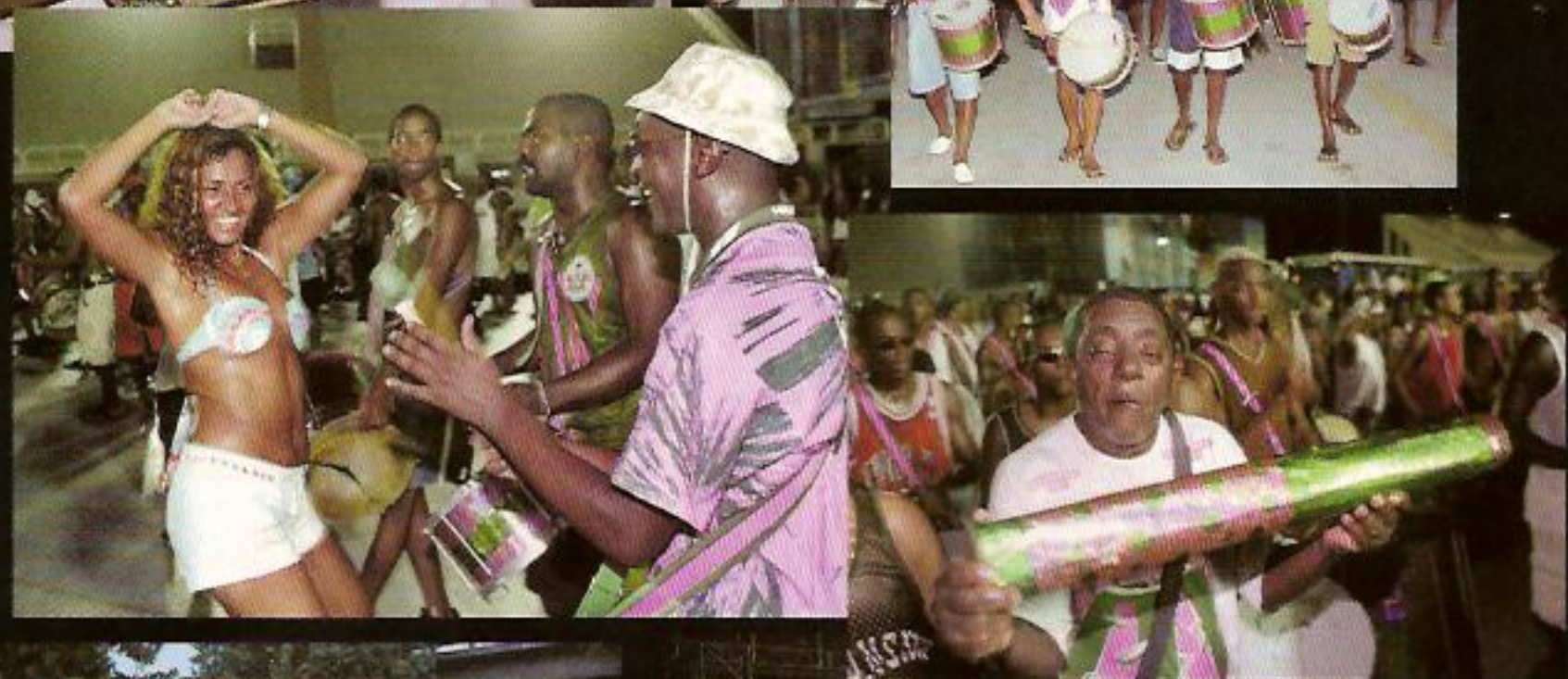
A organização vista na bateria se estende por todo o desfile da Mangueira. Os ensaios foram exaustivos. Na quadra da escola, no barracão da Praça Onze, as alas ensaiam seus passos, a teatralização e tudo o mais. Este ano, ninguém da Mangueira estará na avenida sem ter uma fantasia que diga respeito ao enredo. Até mesmo a diretoria, que tradicionalmente usa uma roupa neutra, vai aparecer toda fantasiada de Lampião e Maria Bonita. A única exceção fica por conta dos Baluartes, que desfilam no último carro. Eles estarão, como é a tradição, de paletó. "A Mangueira se conscientiza de que é o teatro ao ar livre. Todo mundo tem que estar representando", diz o presidente Alvinho. Até a Ala das Baianas terá uma encenação.

Mas em termos de ensaio e sincronia de movimentos, nada é mais importante do que a Comissão de Frente. O coreógrafo e bailarino Carlinhos de Jesus, pelo quinto ano consecutivo responsável pelo quesito, faz, como não pode deixar de ser, mistério. "Serão duas grandes surpresas" e diz que são surpresas de risco. "Uma tem o risco de a gente perder pontos. Outra, se der errado, tem risco de vida mesmo", alerta. Por isso, afirma, além dos ensaios normais, os ensaios técnicos realizados na Rua Visconde de Niterói e na Marquês de Sapucaí foram muito importantes para minimizar a possibilidade de erro.

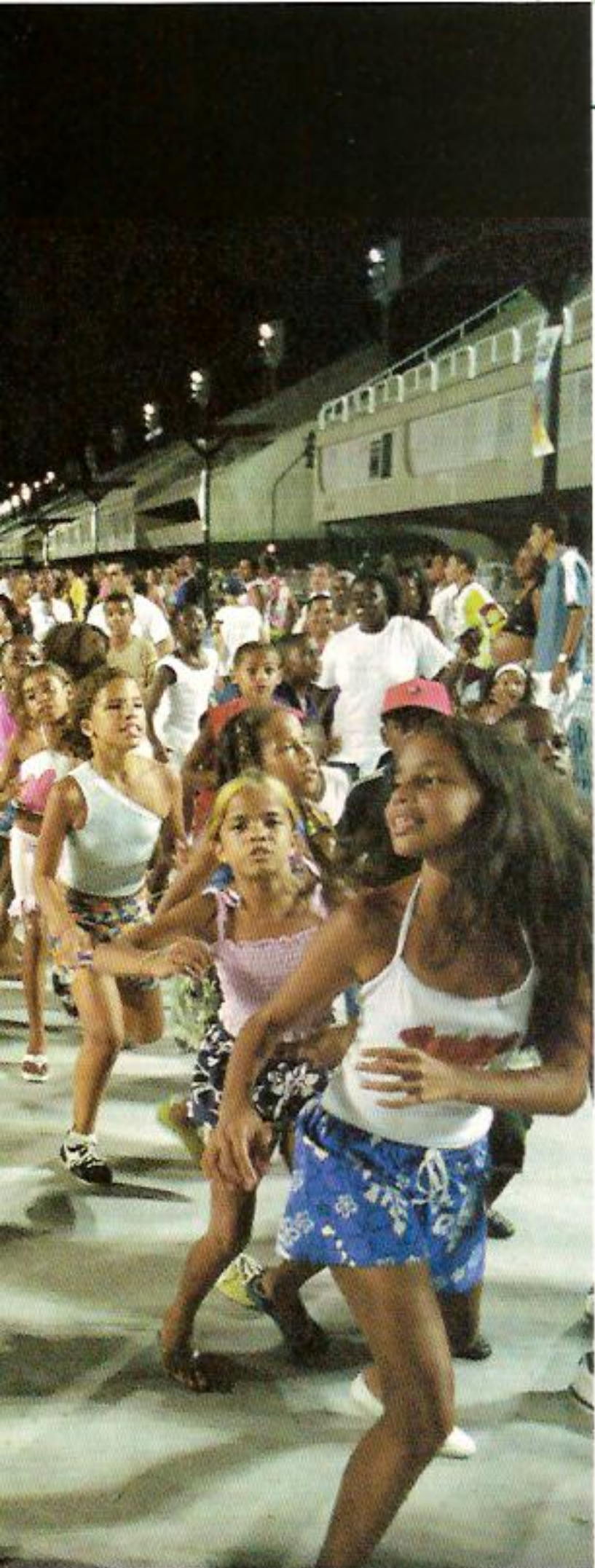
O público da Sapucaí vai se surpreender com a Mangueira em vários momentos do desfile. Os carros alegóricos apresentarão novidades. "É uma coisa tão simples que nem sei como ninguém pensou nisso antes", diz o presidente Alvinho, aguçando a curiosidade do mangueirense. Mas de algo já se sabe. Cada um dos carros

terá efeitos especiais específicos. Em comum a todos eles, efeitos de luzes, apresentações teatralizadas do que os carros representam. Também todos os bonecos terão movimentos articulados. Será, sem dúvida, uma das grandes atrações do desfile. As apresentações não estarão confinadas aos carros alegóricos. Diversas alas serão compostas por grupos teatralizados. Serão, ao longo do desfile, cerca de 600 pessoas, fazendo este papel.

Os carros do desfile da Mangueira fecham cada momento do enredo. Assim, primeiro vêm as alas com as fantasias descrevendo o enredo e, para encerrar aquela parte, a grande alegoria. O primeiro carro é o *Abre-alas*, que tem como objetivo abrir passagem para a escola e vem logo depois da Comissão de Frente. O segundo carro é *O forte*, representando as lutas que resultaram na formação territorial do Nordeste. Depois vem o carro das *Lendas*, que fechará a parte do enredo que contará os causos e crendices nordestinas. Depois é a vez do carro *Folclore*, que fechará a parte mais extensa do desfile, o chamado Aúto do povo, que descreve os diversos tipos de manifestações de folclore nordestino. A quarta parte do desfile, que mostrará o mercado e as festas populares nordestinas, terá dois carros. O primeiro é um quadripé, que pelo regulamento é um carro alegórico, mas tem características diferentes. Será um grande arraial. A ala que vem à frente dele encenará uma festa junina e a quadrilha é a principal atração. Encerrando, na função realmente de



Ao som irresistível da bateria do mestre Russo, a comunidade da Mangueira mostra na Sapucaí toda a sua garra e alegria no ensaio técnico da Estação Primeira



As crianças deram uma aula de empolgação na avenida. Alvinho, o presidente, garante que o público vai se surpreender com o desfile da Mangueira

carro alegórico deste segmento do desfile, uma jangada. Quando o enredo descreve a fé do nordestino, as religiões afro, o sincretismo, as procissões, o carro que representará tudo isso será o *Barroco*. Encerrando o desfile, o Auto da retornançã, um sonho e Brasil. No carro que fecha o desfile da Mangueira, como já está se tornando tradição, os baluartes da escola, aqueles que fizeram a história da Estação Primeira de Mangueira.

Para dar a necessária autenticidade ao desfile, o carnavalesco Max Lopes optou pela utilização de grande número de adereços.

Não só adereços de mão, nas fantasias, como adereços espalhados entre as alas, representando figuras do enredo. Estes adereços serão primeiramente utilizados no Auto do povo e servirão como apoio para o entendimento do enredo, principalmente neste que é o maior setor do desfile.

Os primeiros adereços que aparecerão falarão de folclore. São as Coroas do reisado. Logo depois, virão os Bois de bumba-meu-boi e os Estandartes do maracatu. No quarto setor, o que promete ser um dos principais destaques entre os adereços, os tradicionais

## Família unida na ala das baianas

Certa vez, Gabriela Pinto, hoje com 27 anos, passou por um aperto por causa de sua Mangueira. Fantasiada para sair no chão, no último momento, teve que substituir um destaque de carro que havia faltado. "Saí da avenida com a roupa branquinha. Parecia que nem tinha desfilado. Até chorei. Não sei como tem gente que paga para isso", ri.

Há dez anos, o sorriso da professora de informática Gabriela enfeita a Ala das Baianas da Mangueira. "Vim com um grupo de garotas convidadas pela Neuma. Só eu fiquei", diz. Ela ficou, mas a família Pinto tem mais três representantes na tradicional ala. São a mãe Vilma, a tia Vanda e a prima Demi. Elas não se importam nem com o volume da fantasia. "Quando chega lá na hora, a gente nem sente o peso", diz Vilma. Quem reclama é o pai de Gabriela, Aluísio Pinto, que sai na bateria, tocando cuíca. "Ele é quem carrega as roupas para a avenida", diz Vilma. Há 17 anos desfilando na Mangueira, Gabriela acredita que achou sua vocação: "Não troco a Ala das Baianas por nada", diz.



Bonecos de Olinda. Os outros dois setores finais da escola também contarão com adereços. São santos e santinhos dos pagadores de promessas. O último adereço é o de bandeirinhas do Brasil, representando "um sonho de Brasil".

A opção pelos adereços e por adereços de mão nas fantasias das alas foi, segundo Max Lopes, para "pesar menos" na escola. Segundo ele, um adereço é preferível a uma cangalha presa nas costas do componente. Ele tem muito mais facilidade para sambar. Além disso, dá um efeito de encher mais o desfile e faz a escola "ir mais para o alto".

Max diz ser contra a utilização de alta tecnologia nos desfiles das escolas de samba. Para ele, tem que pesar o samba para a escola se apresentar de maneira emocionante. Mesmo com essa visão, o carnavalesco da Mangueira mudou as nuances do verde e do rosa. Toda a escola virá com fantasias estampadas, tendo como base uma variação enorme de tonalidades de verde-e-rosa, chegando até mesmo ao lilás. Os adereços de mão serão multicoloridos, abusando de flores e fitas, procurando dar um clima nordestino autêntico ao desfile. No desfile do ano passado, Max já tinha dado uma solução parecida, colocando toda a escola em tom dégradé de verde-e-rosa.

Para Max, no entanto, a Mangueira desfila este ano com uma grande vantagem "O mais importante é que o samba atingiu a comunidade e tomou conta do Rio. É um grande trunfo". ■

# O desfile ala a ala

## Comissão de Frente Carro Abre-alas

### 1º setor – Auto da formação territorial do Nordeste

Índios donos da terra (Ala)  
Negros africanos (Ala)  
Holandeses e franceses (Ala)

**Carro alegórico:** O forte

### 2º setor – Auto dos causos e crendices

Lenda do boitatá (Ala)  
Lenda do caipora (Ala)  
Lenda do ipupiara (Ala)  
Lenda dos cariris (Ala)

**Carro alegórico:** Lendas

### 3º setor – Auto do povo

Pastoril – balé (Ala)  
Reisado (Ala)

**Adereços:** coroas do reisado

Caboclos de pena (Ala)  
Bumba-meu-boi (Ala)

**Adereços:** bois do bumba-meu-boi  
Burrinhas (Ala)

Primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, Marquinho e Geovana, rei e rainha do maracatu

**Adereços:** capas, lampiões e palio

Rainha e princesas da bateria  
Bateria – ministros do maracatu

**Carro de som** – primeiro intérprete do samba-enredo: Jamelão

Nações do maracatu – passistas (Ala)  
Calungas (Ala das Baianas Mirins)  
Mucamas e mucamos (Ala)

**Adereços:** estandartes do maracatu

Fandango ou marujada – grupo de dança

**Carro alegórico:** Folclores

### 4º setor – Auto do mercado e festas populares

Tambor de crioula – dança folclórica  
Segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira, Birinha e Elaine

Festa junina – quadrilha do Sampaio

**Carro alegórico:** Arraial

Caboclo de lança (Ala)  
Carnaval nordestino (Ala)  
Frevança (Ala)

**Adereços:** bonecos de Olinda

**Ala das Baianas** – culinárias

**Adereços:** pescadores

**Carro alegórico:** Jangada

### 5º setor – Auto da fé

Procissão Romeiros – grupo de teatro  
Promessas (Ala)

**Adereços:** pagadores de promessas

Filhos-de-santo (Ala)  
Filhos das águas (Ala)  
Lavagem do Bonfim (Ala)  
Grupo Bailarinos (Ala)

**Carro alegórico:** Barroco

### 6º setor – Auto da retornanção, um sonho de Brasil

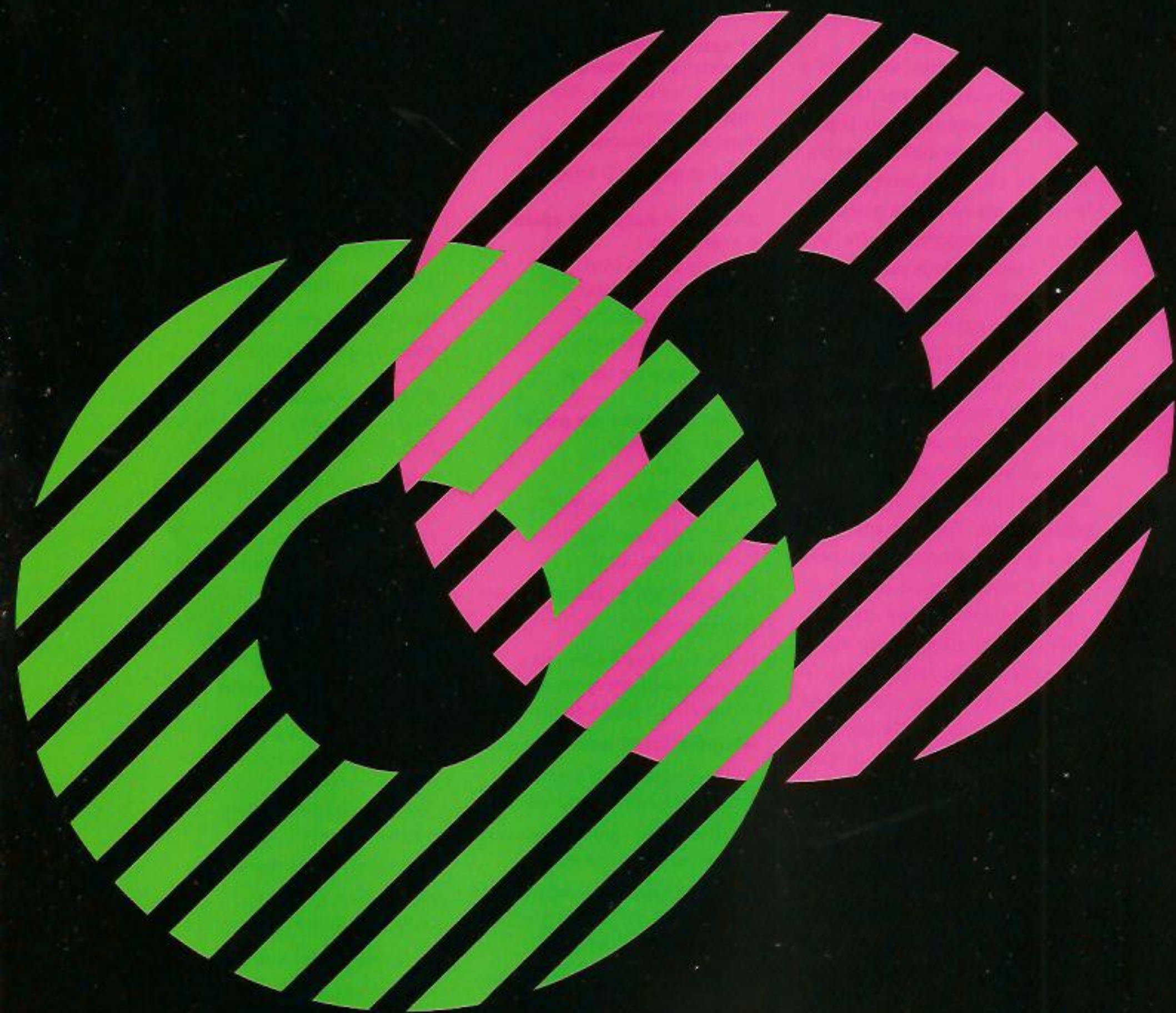
Retornantes (Ala das crianças)  
Retornantes/burrinho – meninos  
Retornantes (Ala)  
Forró – grupo coreografado, bonecas de pano

**Adereços:** retornantes – malas

Retornantes  
Velha Guarda (80 componentes)

**Carro alegórico:** A retornanção (Baluartes da Mangueira)

Comissão de trás



**TAKANO**

A GRÁFICA OFICIAL DA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

EDITORA GRÁFICA TAKANO • Av. Dr. Silva Melo, 45 • CEP 04675-010 • Sto Amaro / SP.  
Telefone: 5694-9999 • FAX: 5694-9967 • [takano@takano.com.br](mailto:takano@takano.com.br)



# A ARTE DE FAZER SAMBA ENREDO

Há no cancionário popular verdadeiras jóias de poemas musicados dignos de figurarem em qualquer antologia dos melhores poetas de nossa terra. Não posso deixar de registrar que no samba enredo da Mangueira para o carnaval de 2002 existem uns versos que coloco nesta galeria de poemas musicados. São eles:

“Padim padre Ciço, faça chover alegria  
Pra que cada gota seja o pão de cada dia”.

E não são versos de compositores consagrados, mas de dois jovens sambistas de apenas 23 anos, Amendoim e Lequinho, que chegaram com uma obra prima tão avassaladora que foram à final com a quadra inteira consagrando-o como o samba enredo vencedor.

Outros versos que muito me tocaram foram:

“Brilhou o sol no sertão,  
À luz de um novo dia”.

Os versos transmitem, como o enredo no seu todo, que há um novo Nordeste emergindo, cheio de encantos e magias, com “lendas e crendices, mistérios que vem ao luar, no velho Chico naveguei, com meu cantar”.

O ponto alto do samba é o refrão do meio. Quando os autores compuseram este refrão, alguns “críticos da negatividade” preveniram: “Não vai dar certo. Não obedece aos padrões usuais dos refrão, É muito grande”. À primeira vista a crítica parecia ter razão. Os refrãos sempre foram compostos com um máximo de quatro versos, comunicativos, fáceis de guardar. Os autores do samba da Mangueira conceberam um incomum refrão com sete versos.

O grande lance foi a criação de um macete melódico que junta dois refrãos que normalmente seriam separados, num só. E ainda ousaram mais: o duplo refrão obedece à regra geral do bis.

Observem a letra:

“No canto e na dança  
No pecado ou na fé,  
vou seguir o arrasta pé  
Deixa o povo aplaudir  
No som da safona  
Vou descendo a ladeira  
Com o Trio da Mangueira  
Doce Cartola sua alma  
está aqui”

O que aparentemente ficaria grande, não ficou. A linha melódica de “sua alma está aqui” que propicia a virada e, volta ao início (bis) quando retorna, altera a melodia e propicia a ligação com a continuidade do canto do samba. Esse refrão funciona como uma cantiga de roda, que muitas vezes é até mais longa em versos, mas o perfeito casamento melodia-versos com divisões que propiciam a brincadeira fazem com que o sambista rode e se solte enquanto canta.

Na década de 30 e 40 não existia o gênero musical samba de enredo. Os sambas dos desfiles tinham melodia curta, incisiva e o tema era livre. Nos anos 50, os sambas de desfile passaram a contar o enredo da escola e ganharam o nome de sambas de enredo que caminharam em duas fases: descritivos e interpretativos. Os descritivos se desenvolveram até o início dos anos 70, quando com o surgimento do mercado consumidor eles encurtaram junto com o tempo do desfile. O ritmo da bateria se acelerou e as escolas ficaram mais compactas. O samba passou a ser interpretativo.

Os versos diminuíram de tamanho, as melodias deixaram de ser melhor trabalhadas e na opinião da crítica houve uma queda na qualidade dos sambas. Mas a criatividade dos compositores vem enfrentando todos esses obstáculos e conseguem criar sambas como o da Mangueira, que numa aula de samba enredo pode ser colocado como um modelo de paradigma a ser seguido pelos que querem aprender a fazer samba enredo. (Trechos de depoimento à Rádio Nacional)

**Hiran Araújo é  
diretor cultural da  
Liga Independente  
das Escolas de Samba**



SENATO DE AGUIAR

# Confetes

## Bloco dos Arengueiros, na terça-feira

O Bloco do Arengueiros, um dos mais tradicionais representantes do carnaval de rua do Rio e origem da Estação Primeira de Mangueira, sai na terça-feira de carnaval, dia 12, na Avenida Rio Branco, encerrando a folia junto com outros blocos tradicionais como o Bafo de Onça e o Cacique de Ramos. A volta do Bloco dos Arengueiros, em 1998, foi o resgate do passado no momento em que a Mangueira completava 70 anos. Na década de 20, antes da fundação da escola, havia no morro diversos blocos de carnaval. O maior deles, o Bloco dos Arengueiros, tinha entre seus componentes gente como Carlos Cachaça, Cartola e Saturnino, e anos depois deu origem à Estação Primeira de Mangueira. Agora, o Bloco dos Arengueiros revive o carnaval de rua e seu único compromisso é com a folia.

## Pedacinhos de Nordeste

Cada pedacinho da escola trará um ar nordestino este ano, seguindo o enredo, e isso não se resume à avenida. O camarote será decorado novamente por Odilon Lima. Lá estarão em torno de 100 convidados da escola, portanto, o camarote não podia ficar atrás. Recebeu uma decoração inspirada no folclore dessa região tão particular do Brasil. Embora não tente reproduzir nenhum lugar em especial, a decoração em cores vibrantes traz o clima alegre de ruas e praças, lugares onde tradicionalmente acontecem as festas populares nordestinas.

## Para desfilir, é só vestir a fantasia

A Estação Primeira de Mangueira entra este ano na Marquês de Sapucaí com cerca de 4.500 componentes. Destes, 2.500 são passistas da comunidade. Todos eles receberam fantasias da escola e não gastam nada para desfilir. O desfile da verde-e-rosa é uma festa para todo o mundo, mas é claro que a prata da casa recebe tratamento vip.

## Inovação na avenida

Ao lado do culto a um passado glorioso, há na Mangueira uma preocupação constante com a renovação da escola. Este ano, em atitude inédita, a escola não terá nenhum componente sem fantasias. Ninguém mais desfila de camiseta e até a diretoria vai sair fantasiada. Vão todos de cangaceiros, dentro do espírito guerreiro do enredo que louva o Nordeste.

## Alegria na quadra

Uma multidão alegre e colorida comparece todo sábado aos ensaios na quadra da Mangueira que antecedem o carnaval. Da comunidade ou de vários pontos da cidade, chegam pessoas de todas as idades para celebrar o novo samba-enredo da escola ao som da vibrante bateria verde-e-rosa.



A elegância de Delegado no samba

## Histórias de outros carnavais

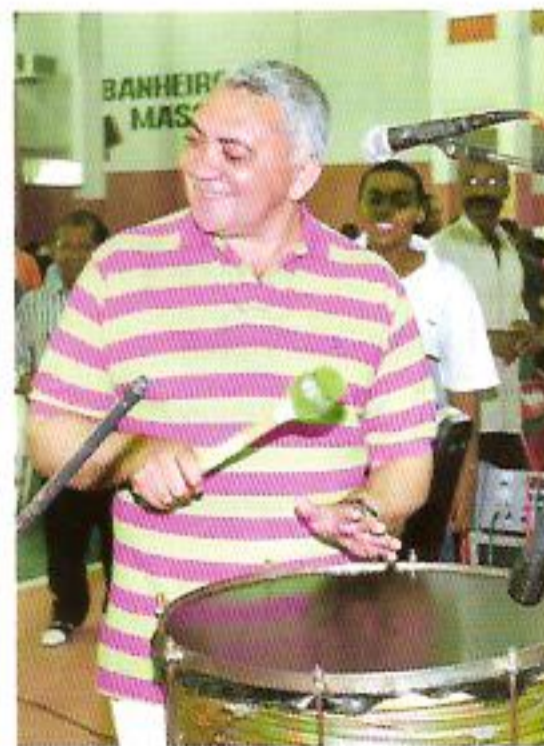
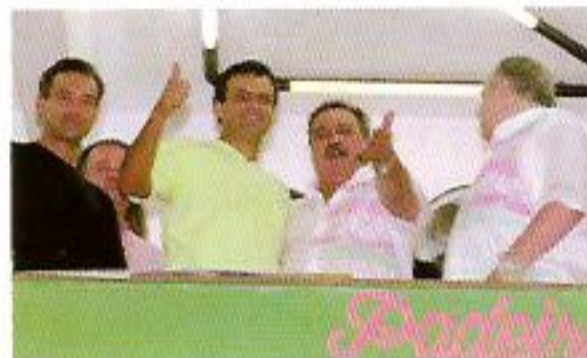
Quem quiser conhecer mais sobre a história da Mangueira deve ir ao Centro de Memória da Estação Primeira de Mangueira. Patrocinado pela Fundação Roberto Marinho e contando com o apoio do Ministério da Cultura e da Lei de Incentivo à Cultura, o Centro fica no terceiro andar do Palácio do Samba, onde funciona a sede da escola de samba. O espaço conta com um acervo de fotografias, revistas e partituras. O Centro de Memória disponibiliza também vídeos com antigos desfiles da escola e depoimentos de representantes da Velha Guarda, além de aparelhos de CD em que o visitante pode escutar alguns sambas escolhidos. Nas paredes, fotos dos fundadores da escola, de seus baluartes e de figuras importantes de sua história. Quem quiser conhecer o Centro, inaugurado em fevereiro de 1998, pode agendar a visita pelo telefone 2567 4637.

## O charme discreto de Irenice

Não é fácil ser presidente da Mangueira. Mais do que o próprio Alvinho Caetano, Irenice, a atual primeira-dama da Mangueira, conhece dentro de casa a pressão de ter o marido dirigindo uma escola que exerce uma fundamental influência sobre uma comunidade de 50 mil pessoas. Ela e Alvinho moraram durante muitos anos na Mangueira. Depois que o marido foi eleito presidente da Estação Primeira, Irenice, que é mãe de dois filhos, se aproximou ainda mais das atividades desenvolvidas pela Mangueira na comunidade e sempre contou com o apoio de Neuma e Zica (nas fotos), as duas grandes damas verde-e-rosa. Com seu jeito discreto e carinhoso, Irenice conquistou o coração dos mangueirenses e está sempre nos ensaios no Palácio do Samba.



A roda de samba esquenta os ensaios de sábado na quadra da Mangueira, que reúne gente famosa e anônima de todos os cantos. Num dos ensaios, o Palácio do Samba recebeu a visita do deputado e presidente do Congresso Aécio Neves (na foto, ao lado de Alvinho), enquanto o ex-presidente Elmo dos Santos marca o ritmo no surdo.



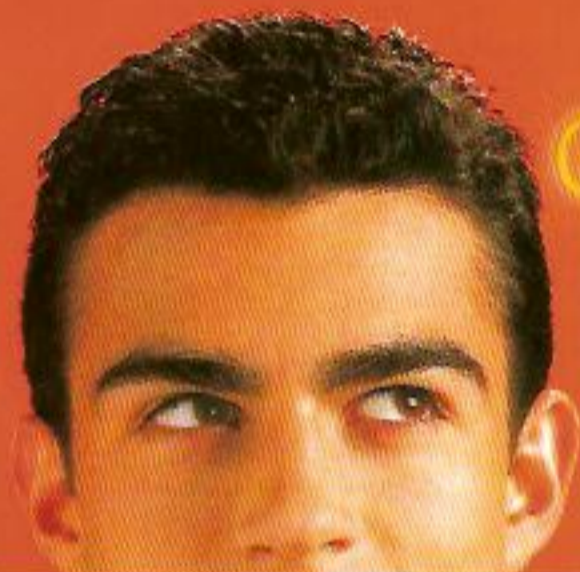
# Carnaval com camisinha

**O Ministério da Saúde lança mais uma campanha de carnaval, para alertar os foliões da importância do preservativo**

O Ministério da Saúde está apostando no bom humor para sensibilizar milhares de foliões para a importância do uso do preservativo como forma mais segura de prevenção ao HIV e às doenças sexualmente transmissíveis durante os dias de carnaval. A campanha deste ano alerta para a mistura explosiva de álcool e sexo e mostra o risco que as relações ocasionais desprotegidas podem trazer para o agravamento da epidemia. O comercial de TV será estrelado

pela atriz Cláudia Jimenez que faz o papel da consciência pesada de um indivíduo que sob os efeitos do álcool esquece de usar preservativo nos dias de festa. O juízo será representado por outro ator que aparece amarrado com cordas em uma cadeira, no quarto do folião. A idéia, semelhante à do anjo e do diabo usada na campanha do ano passado, trata do conflito entre o bem e o mal e mostra a consciência amordaçada pelo desejo, cujo saldo negativo aparece na falta de cuidados com a prevenção.

Sem  
camisinha  
nem  
pensar.



Neste Carnaval não esqueça a camisinha.



MINISTÉRIO  
DA SAÚDE



Trabalhando em todo o Brasil

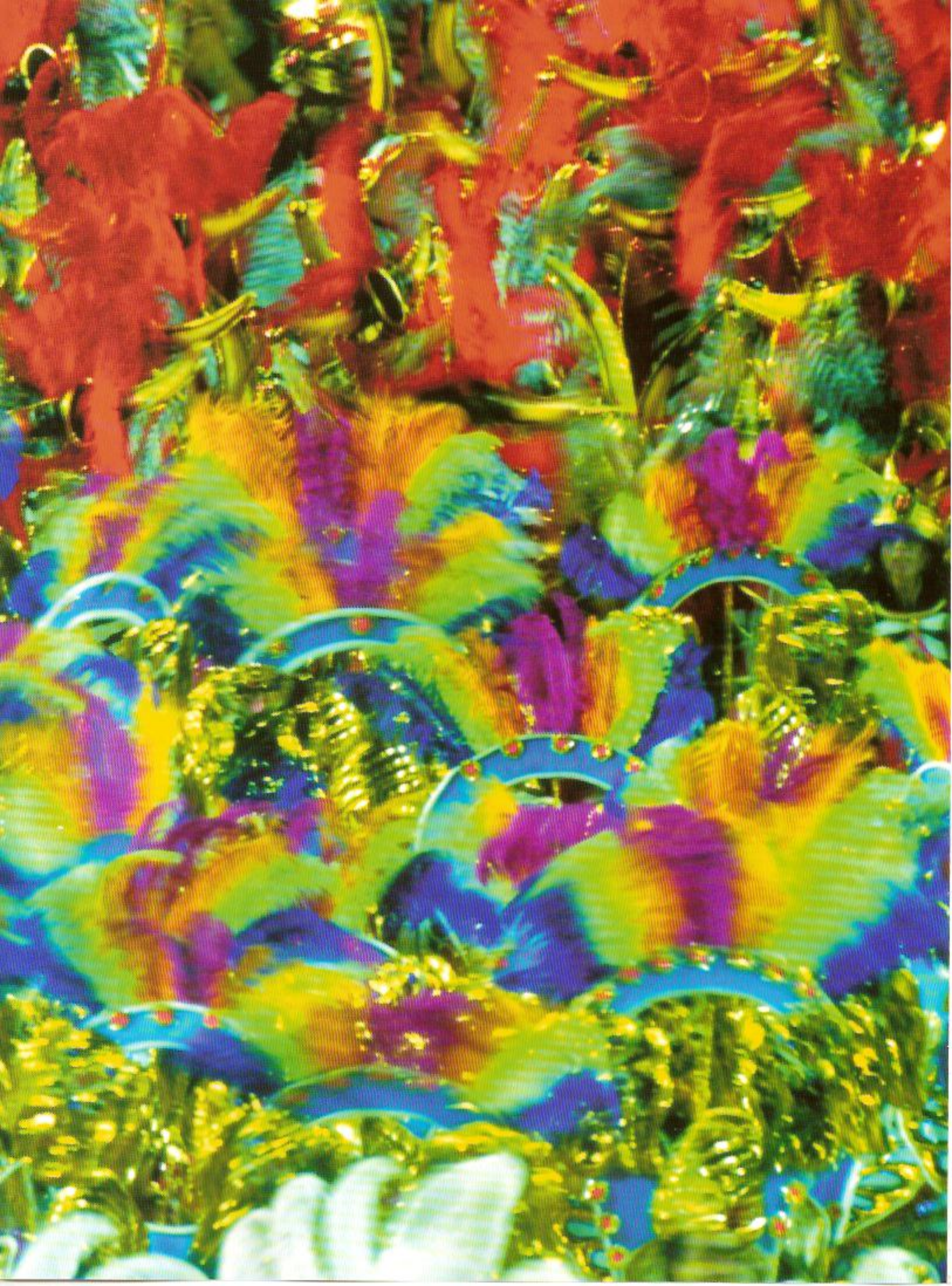
Encomendada pelo Ministro José Serra, a campanha custou R\$ 5 milhões e será veiculada em rádio e televisão durante os dias 30 de janeiro e 11 de fevereiro. Contando com um arsenal de 1 milhão e 500 mil cartazes, 6 milhões de abanadores e 7 milhões de cartões-postais, os itens vão compor o balaio de material de campanha distribuído ao brasileiro. Algumas grandes empresas vão ajudar na distribuição deste material, como a Coca-Cola, Texaco, Intervias (concessionária de rodovias

federais) e Abrati (Associação Brasileira de Transportes Rodoviários Intermunicipais).

Com foco nas relações heterossexuais, que respondem atualmente por 52% dos 216 mil casos de aids notificados no Brasil desde o início da epidemia, em 1980, a peça insiste no uso do preservativo como única forma de barrar a transmissão do HIV. A campanha alerta também para o aumento da aids entre as mulheres, que representam hoje um terço da população infectada.

Junto com o material infor-

mativo, o Ministério da Saúde vai distribuir 21 milhões de preservativos neste mês de fevereiro. Oito milhões serão usados em ações diretas com os foliões nos quatro dias de carnaval, através de Organizações não Governamentais que já trabalham na prevenção das DST e Aids. Os 13 milhões restantes estão indo para Estados e Municípios, para as ações continuadas com público específico, como profissionais do sexo, homossexuais, mulheres em situação de risco e pessoas vivendo com HIV/Aids. ■



# Entra ano, sai ano e desfile de escola de samba sempre dá mão-de-obra.

Desde 1995, mais de 100 mil trabalhadores foram qualificados para atuar na indústria do carnaval do Rio e de São Paulo. São costureiras, artesãos, montadores de carros alegóricos, guias turísticos e muitos outros, formados pelos cursos do PLANFOR - Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador, um programa do Ministério do Trabalho e Emprego, executado em parceria com as Secretarias de Trabalho dos Estados.

É o Governo Federal investindo no trabalhador e apostando no desenvolvimento do país.

Informações pelo site [www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br) ou na Secretaria do Trabalho do seu Estado.

# BATERIA MANGUEIRENSE

## RITMO COM CARACTERÍSTICA PRÓPRIA

É com a batida “seca” do surdo sem resposta que os ritmistas da Estação Primeira de Mangueira conseguem manter a singular característica de sua bateria nestes 70 anos de fundação da verde-e-rosa. Não é difícil distingüir entre as escolas de samba a cadência dos batedores dos surdos mangueirenses, que levantam a baqueta e arriam ao mesmo tempo: um toque para o padroeiro da bateria, o orixá Oxossi (São Sebastião). São 320 componentes, (todos homens) que, neste carnaval, estarão fantasiados de ministros do maracatu, mantendo essa forma de exibição, mas que neste desfile farão, também, uma convenção de tamborins com resposta de caixa, repique e surdo.

Não é só na forma de sua batida que os ritmistas da Estação Primeira se diferenciam das demais baterias que passam pelo Sambódromo. Sua forma organizacional também é incomum entre as outras agremiações. Além de seus diretores de bateria, comandados por mestre Russo, o grupo tem ainda em sua organização o presidente Jorge Bil e o vice-presidente Robson Roque.

Robson, como outros ritmistas, começou como componente da bateria mirim da escola até chegar a se exibir entre os adultos. Muitos dos quais vivenciaram a época que o comando era por conta do saudoso mestre

Waldomiro Tomé Pimenta, que por 50 anos ficou à frente do grupo. Desde o menino Reinaldo, de 12 anos, ao seu Cocada, com seus 65 anos de idade, e o seu Neném Macaco, que há 45 anos é integrante da bateria, todos se orgulham ao comentar que estão em primeiro lugar no *ranking* da Liga Independente das Escolas de Samba, por terem conseguido, em todos estes anos, notas máximas dos jurados dos desfiles.

Outro motivo de alegria entre eles é o fato de, em 1983, terem sido os primeiros ritmistas a se apresentarem, no Teatro Municipal. A bateria da Mangueira virá este ano acompanhando o samba-enredo de Lequinho e Amedoim, composição que os ritmistas vibraram com a vitória na

quadra. A rainha da bateria é Claudiene Esteves, que ocupava o lugar de primeira princesa, neta de Dona Cissi, uma inesquecível baiana mangueirense.

A bateria vai desfilar com a formação de cuiqueiros (1ª fila), tamborins (2ª fila), chocalho (3ª fila), agogôs (4ª), reco-recos (5ª), pandeiros (6ª) e, nas últimas fileiras, alternando caixa, repique e surdo. Os diretores serão mestre Russo, Taranta (2º diretor), José Campos, Marrom, Marcio e Waldir de Oliveira.

Salette Lisboa é jornalista



RENATO DE AGUIAR



Parabéns  
Mangueira  
pela construção  
do futuro  
das nossas  
crianças



Construtora Varca Scatena Ltda.

É assim que fica a nossa

passarela cada vez que passa

o Bloco dos Arengueiros

O calçadão de Copacabana é a passarela do Bloco dos Arengueiros, um dos mais tradicionais representantes do carnaval de rua do Rio de Janeiro e berço da Estação Primeira de Mangueira. Com o intuito de

preservar esta tradição e estimular o turismo no Rio, os hotéis da orla se uniram para homenagear o Bloco. Parabéns Arengueiros! Vocês colorem o calçadão de verde-e-rosa. E a gente se orgulha de apoiar esta festa.



Autores: Amendoim e Lequinho  
Intérprete: Jamelão

# Brazil com Z é pra cabra da peste, Brasil com S é nação do Nordeste

Mangueira encanta  
E canta a história que o povo faz  
Vem mostrar a nação do valente sertão  
De guerras e de sonhos imortais  
A cada invasão, uma reação  
Pra cada expedição, um brado surgia  
Brilhou o sol no sertão  
A luz de um novo dia  
Lendas e crendices, mistérios que vem ao luar  
No Velho Chico naveguei, com meu cantar

No canto e na dança  
No pecado ou na fé, vou seguir no arrasta-pé  
Deixa o povo aplaudir  
Ao som da sanfona  
Vou descendo a ladeira, com o trio da Mangueira  
"Doce Cartola" sua alma está aqui

Padim, padre Ciço faça chover alegria  
Pra que cada gota seja o pão de cada dia  
Jogo flores ao mar pra saudar Iemanjá  
E na lavagem do Bonfim eu peço axé  
Terra encantada, e predestinada  
Tua beleza não tem fim  
Brasil, no coração eu levo paz  
Pau de arara nunca mais

Vou invadir o Nordeste  
Seu cabra da peste  
Sou Mangueira  
No forró, no xaxado o filho do chão rachado  
Vem com a Estação Primeira

# DOMINGO

10/2/2002

## São Clemente

21h00

*Guapimirim – Paraíso ecológico abençoado pelo Dedo de Deus...*

Nos seus 40 anos, a escola traz um enredo voltado para questões ecológicas, e inova em um carnaval descentralizado, comandado por uma comissão formada por quatro carnavalescos. No norte da baía de Guanabara, a cidade de Guapimirim, berço do Dedo de Deus, é o paraíso ambiental que mostra o potencial que as outras cidades do Rio de Janeiro teriam se vencessem a poluição e o descaso.

## Caprichosos de Pilares

Entre 22h10 e 22h25

*Deu pra ti, alto astral! Tô com Porto Alegre, trilegal!*

A escola de Pilares, comandada pelo carnavalesco Jaime Cezário, vira o eixo das homenagens geográficas e vai lá no Sul trilegal. A partir do pôr-do-sol no rio Guaíba, a Caprichosos homenageia a cidade de Porto Alegre e todas as suas tradições. Pode-se encontrar uma cidade apaixonada, dividida entre os guaranis e os açorianos, os maragatos e os chimangos, os colorados e os gremistas. A escola promete mostrar um painel exato desta cidade que está prestes a comemorar seus 230 anos.

## Unidos da Tijuca

Entre 23h20 e 23h50

*O sol brilha eternamente sobre o mundo de língua portuguesa*

A escola homenageia a língua portuguesa e cada um dos oito países que a falam pelo mundo: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. O carnavalesco Milton Cunha celebra as conquistas marítimas portuguesas que levaram a língua para além do continente europeu.

## Grande Rio

Entre 00h30 e 01h15

*Os papagaios amarelos nas terras encantadas do Maranhão*

Sob a batuta de Joãozinho Trinta, a Grande Rio vem contar a história do Maranhão. Desde a invasão francesa, passando pelas lendas típicas da região e a forte presença negra (é lá, afinal, que se ouve o melhor *reggae* no Brasil).

## Tradição

Entre 01h40 e 02h40

*Os encantos da Costa da Sol*

É o verão no Sambódromo, com todas as cores da Costa do Sol. O carnavalesco Orlando Júnior aproveita para falar da alegria de uma terra repleta de visitantes, especialmente nas férias, a Região dos Lagos. Mas nada de engarrafamentos ou falta d'água: aqui o momento é só para comemorar.

## Salgueiro

Entre 02h50 e 04h05

*Asas de um sonho. Viajando com o Salgueiro, o orgulho de ser brasileiro*

O carnavalesco Mauro Quintaes traz um enredo sobre a aviação, que desemboca em uma grande homenagem ao comandante Rolim, dono da empresa aérea TAM, morto no ano passado em um acidente de helicóptero. A escola enfocará o sonho do homem de voar e suas diversas realizações: os balões, o avião e seu criador Santos Dumont, o zepelim e os modernos jatos supersônicos até chegar na história de Rolim.

## Beija-Flor

Entre 04h00 e 05h30

*O Brasil dá o ar de sua graça. De Ícaro a Ruben Berta, o ímpeto de voar*

O desejo de voar que vêm movendo a humanidade ao longo dos milênios visto através da mitologia – o vôo de Ícaro e as lendas orientais – e da arte – Leonardo da Vinci e sua profecia sobre os aviões –, passando pelo Brasil, com Santos Dumont e Ruben Berta, até chegar à conquista do espaço pelos astronautas.

# SEGUNDA

11/2/2002

## Porto da Pedra

21h00

*Serra acima, rumo à terra dos coroados!*

O segundo dia de carnaval começa com a escola de São Gonçalo convidando todo mundo a subir a serra e descobrir as delícias de Petrópolis, a cidade imperial.

## Mangueira

Entre 22h10 e 22h25

*Brazil com Z é pra cabra da peste, Brasil com S é nação do Nordeste*

A verde-e-rosa canta o Nordeste com o pulmão cheio de orgulho. O carnavalesco Max Lopes olha para os nordestinos com carinho e lança uma promessa de futuro: é hora de o Nordeste brilhar na Marquês de Sapucaí.

## Império Serrano

Entre 23h20 e 23h50

*Aclamação e coroação do imperador da Pedra do Reino: Ariano Suassuna*

Para homenagear o escritor paraibano Ariano Suassuna, o carnavalesco Ernesto Nascimento concentrou-se no *Romance da Pedra do Reino*, prosa de ficção publicada em 1971. Assim como o livro, o enredo traz os principais elementos da obra de Suassuna: o tom de cordel dado a elementos universais, a atmosfera mágica aliada ao erotismo e à comicidade para tratar da realidade social, cultural e política do Brasil.

## Mocidade Independente

Entre 00h30 e 01h15

*O grande circo místico*

Um dos desfiles mais aguardados é o que Renato Lage prepara para a escola de Padre Miguel. Ele promete levar para a passarela todas as emoções do circo. E, como o título do enredo já adianta, todas as nuances entre o divino e o terrestre.

## Imperatriz Leopoldinense

Entre 01h40 e 02h40

*Goytacazes... Tupi or not tupi, in a South American way!*

A Antropofagia, importante movimento cultural modernista idealizado por Oswald de Andrade na década de 1920, é o tema da escola. Para contá-lo, Rosa Magalhães recorre às origens históricas do termo, que se refere ao hábito corrente entre os índios nativos brasileiros (como os goitacá, oriundos da região de Campos de Goytacazes) de devorar seus inimigos, e vai até os filhos mais moços do movimento, como o Tropicalismo, de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

## Viradouro

Entre 02h50 e 04h05

*Viradouro, Vira-Mundo, rei do mundo*

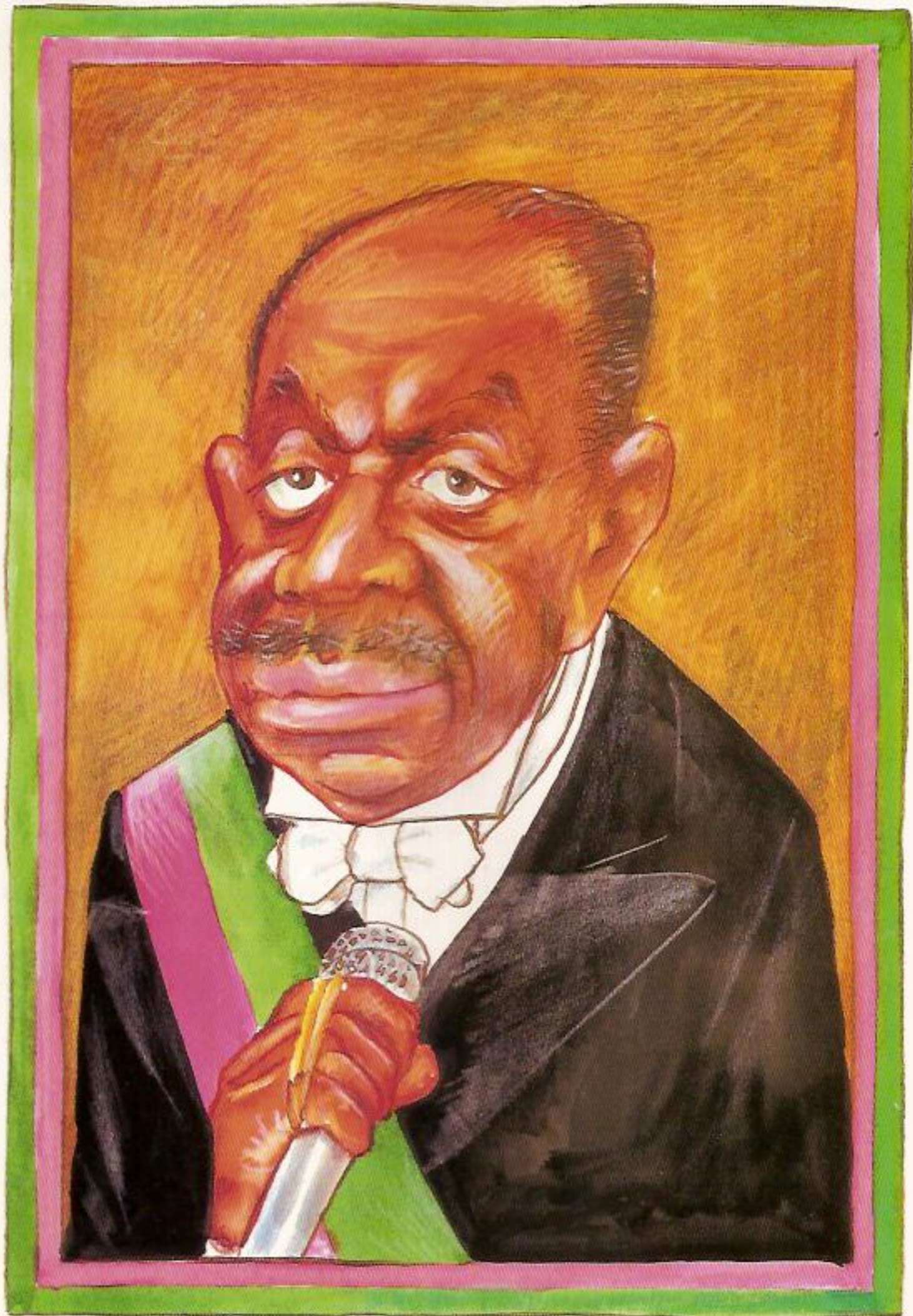
Estreando como carnavalesco da escola em 2002, Chiquinho Spinosa se inspirou na sociedade brasileira para criar um enredo em que a união das quatro raças supera os problemas e dissabores e faz a alegria dos homens. Ele propõe, em pleno Sambódromo, a superação do estresse do dia-a-dia pela celebração da folia da paz.

## Portela

Entre 04h00 e 05h30

*Amazonas, esse desconhecido! (Delírios e verdades do Eldorado Verde)*

Se a Portela, como cantou Paulinho da Viola, é um "rio de samba", nada mais natural do que a escola de Madureira escolher como tema o Amazonas, o rio-mar. O carnavalesco Alexandre Louzada convida o público da Sapucaí a um mergulho em busca de nossas raízes, ainda tão desconhecidas.



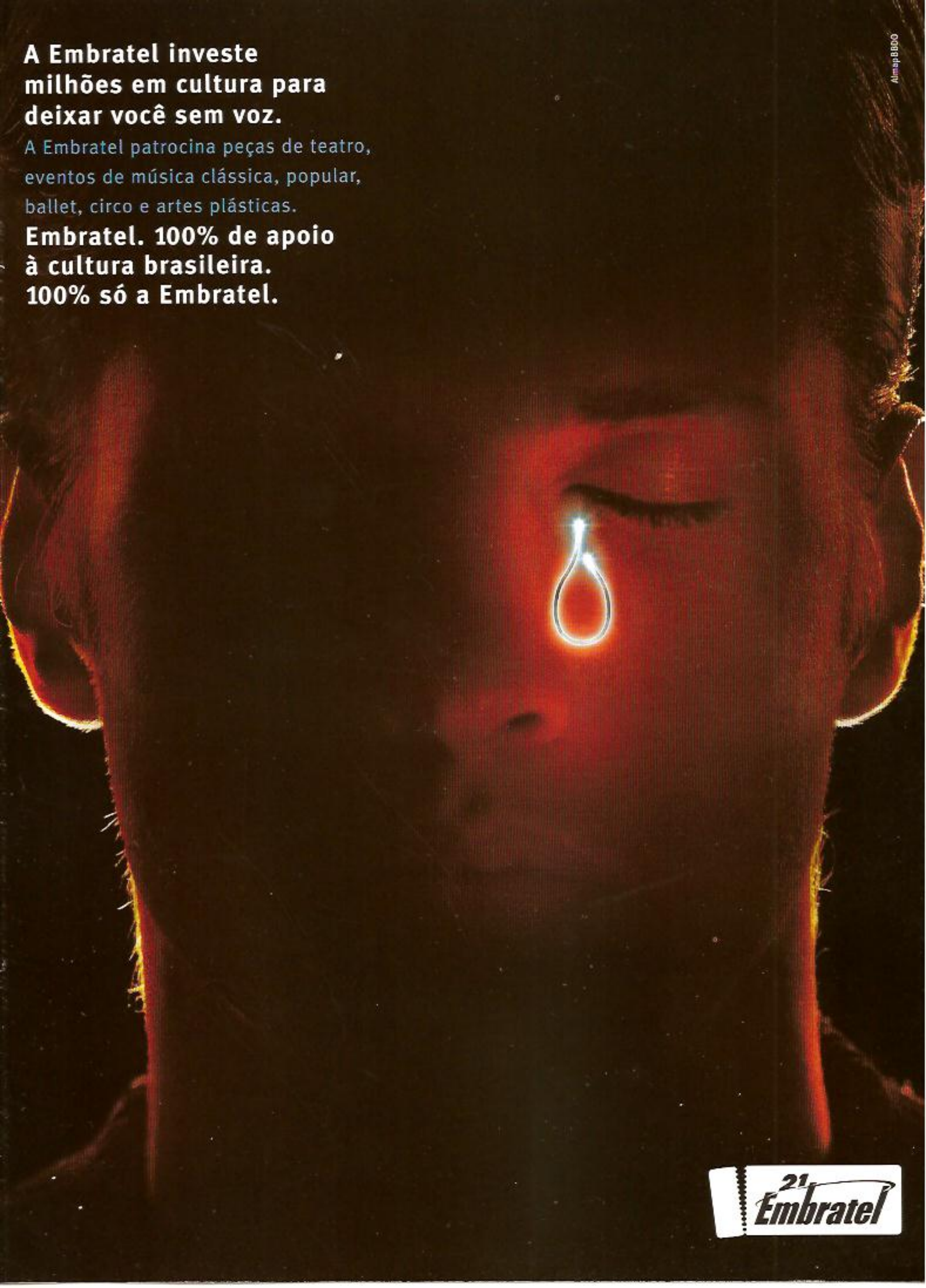
CH'W

S. Excia. o Presidente de Honra  
da Nação Mangueirense, Jamelão I (e único!)

**A Embratel investe  
milhões em cultura para  
deixar você sem voz.**

A Embratel patrocina peças de teatro,  
eventos de música clássica, popular,  
ballet, circo e artes plásticas.

**Embratel. 100% de apoio  
à cultura brasileira.  
100% só a Embratel.**



Quer decorar o samba da sua escola?

Cole o ouvido no telefone público mais próximo.



**Disque 0300 313 25 12 e escute o samba da sua escola preferida.**

Agora, você já pode ouvir, pelo orelhão, os novos sambas-enredos das escolas do Grupo Especial do Rio de Janeiro. Basta ligar e escolher o samba da sua escola preferida. Entre no ritmo do carnaval com a Telemar e leve o melhor do samba para as ruas do Brasil.



**TELEMAR**  
Soluções para você